HISTORIA
DE
PORTUGAL.

TOMO SETIMO.

F. N. Pinhr.º

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL,

E SUAS CONQUISTAS,

OFFERECIDA

Á RAINHA NOSSA SENHORA

D. MARIA I.

POR

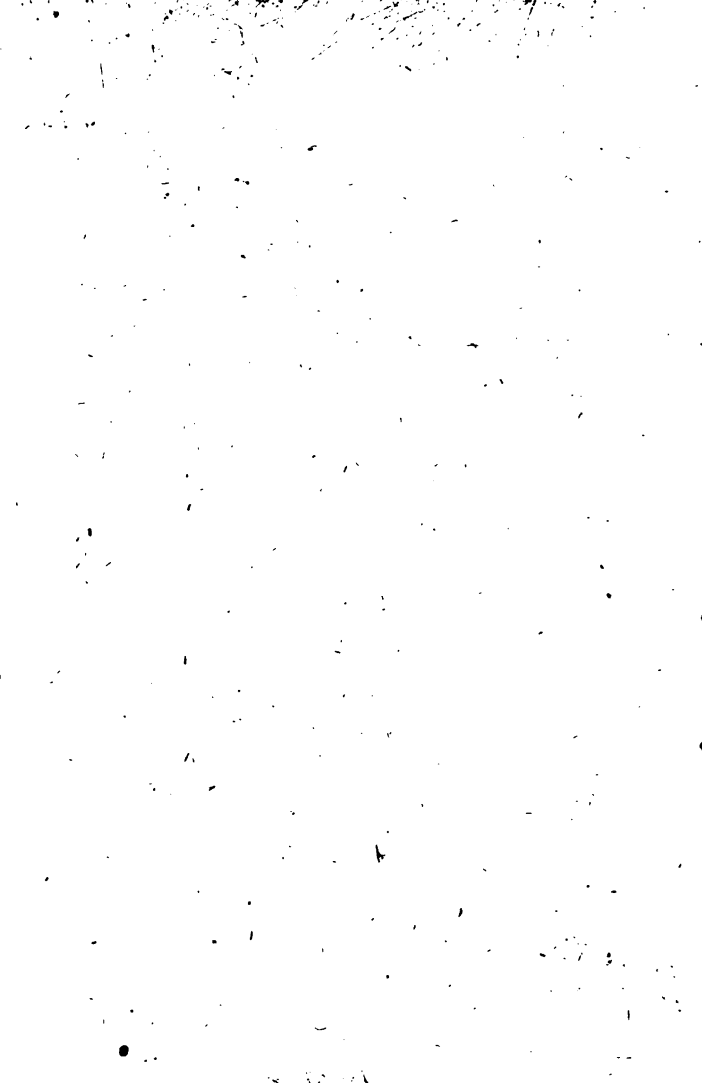
DAMIAÕ ANTONIO DE LEMOS FARIA E CASTRO.

TOMO VII.

LISBOA,

NA TYPOGRAFIA ROLLANDIANA.

1787.

Com licença da Real Meza da Commissaõ Geral sobre o Exame, e Censura dos Livros.

HISTORIA GERAL DE PORTUGAL.

LIVRO XXVI.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Acontecimentos dos annos, em que o Infante D. Pedro, na menoridade de seu sobrinho El-Rei D. Affonso V., foi Regente do Reino de Portugal.

Era vulg. 1438

AINDA que os successos, que eu vou a escrever, sejaõ pertencentes ao reinado de D. Affonso V., aonde propriamente devem ser tratados: eu me fir-

Era vulg. 1438

ſirvo delles como de materia para formar a narraçaõ da vida do Infante D. Pedro, depois de Regente do Reino, na menoridade de ſeu ſobrinho, até a batalha injurioſa de Alfarrobeira, em que perdeo a vida eſte Principe taõ eſtimavel, involvendo, e enlaçando neſta meſma narraçaõ chronologicamente os ſucceſſos reſpectivos da dita Regencia, para continuar com os del Rei D. Affonſo, depois de declarado Maior.

Seis annos de idade no novo Rei chamavaõ por huma menoridade longa no Reino, entaõ afflicto; na preſença com o flagello da peſte; na memoria com a perda ſobre Tangere, e cativeiro do Infante D. Fernando com tantos Fidalgos. A Rainha principiava a governar ſó pela prudencia, que lhe naõ faltava. Ella lhe inſpirou nos primeiros movimentos a fazer bem a repreſentaçaõ, de que o peſo da adminiſtraçaõ de huma Monarquia era terrivel a forças viris; quanto mais ás de huma mulher fraca. Naõ obſtante a declaraçaõ del Rei ſeu marido, que tudo fiára ſó dos ſeus talentos; ella quiz

quiz astuta contemporisar com os Infantes, sondar-lhes o fundo dos animos; e logo depois da morte do Rei disse ao Infante D. Pedro quizesse elle, o Infante D. Henrique, e mais pessoas, que bem lhes parecesse, conferir os expedientes mais conformes aos interesses do Reino, em quanto ella naõ fazia Cortes; e que as Cartas para as convocar, elle Infante as fizesse, e assignasse. A esta demanda se escusou o Infante com a reflexaõ, de que hum acto desta natureza era proprio da sua Soberania: que elle só cuidava em dar próvas significantes da sua fidelidade, fazendo, que sem demóra fosse jurado Successor do Reino o Infante D. Fernando no caso de fallecer, ou naõ ter filhos o Rei D. Affonso, seu irmaõ.

Era vulg.

Declarou-se bem sensivel a Rainha a estas probidades do Infante, e naõ tardou com a remuneraçaõ na primeira proposta, que entaõ lhe fez do casamento do Rei com sua filha a Infante D. Isabel: promessa, que ella ratificou por escrito, havendo-a já reitera-

Era vulg. rado pelo ſeu Confeſſor, a que o Infante grato ſoube correſponder officioſo. Eſte paſſo, que parecia firmar as vantagens do Infante, elle foi o primeiro para a ſua ruina pela oppoſiçaõ dos Grandes com o Duque de Bragança D. Affonſo na ſua téſta, que aſpirando ao meſmo caſamento para a Infante D. Iſabel, ſua neta, filha de ſeu irmaõ o Infante D. Joaõ, naõ perdeo conjunctura, que lhe foſſe favoravel para conſpirar contra D. Pedro.

O meſmo Infante D. Joaõ naõ tardou em deſcobrir o fundo das ſuas intenções a reſpeito dos projectos da Rainha. Elle dizia em tom grave ſer-lhe inſoffrivel, que huma mulher eſtrangeira governaſſe o Reino dos ſeus Maiores ao prejuizo de tantos Principes dignos, que eraõ as ſuas imagens naturaes, e que nas diſpoſições contrarias do Teſtamento de ſeu irmaõ, elle fizera a todos huma injuſtiça. Elle publicava, que o corpo da Naçaõ naõ devia ſobmetter-ſe á diſpoſições ſemelhantes, que em ſi meſmas moſtravaõ ſerem huns effeitos da ternura do amor

con-

conjugal, a que o Rei sempre se mostrára sensivel. Elle se esforçava a persuadir, que as mulheres naõ nascêraõ para reinar, como sexo, que se transportava das duas paixões; todo furor para quem aborrecia; todo beneficencia para quem amava. Elle trazia á memoria os exemplos da Regencia desgraçada da Rainha D. Urraca de Castella, e estas imagens bem pintadas com huma pouca de força de eloquencia, bastáraõ para dividir os sentimentos do Reino.

Era vulg.

A Rainha se deixava tocar vivamente desta separaçaõ dos animos, que entendeo unir nas Cortes de Torres Novas, esperándo que nellas o Testamento de seu marido fosse confirmado, e ella por este meio derrotar qualquer opposiçaõ esforçada, que se lhe attrevesse. Se o expediente lhe parecia o mais proprio para os seus fins, a contingencia de fazer conformes os suffragios lhe atormentava o espirito. Nesta perplexidade assentou ella, que nem o seu direito, nem a validade do Testamento do Rei poderiaõ ser-lhe taõ

fa-

Era vulg. favoraveis, como trazer ao ſeu partido o Infante D. Pedro, a qualquer preço que ella podeſſe. A ella lhe pareceo naõ o havia de maior valor, que o do caſamento, que fica dito, e o ſeu ajuſte a Rainha o eſtimou pelo fiador da ſua authoridade, juntamente a repartiçaõ da Regencia entre ella, e o Infante. Rompeo-ſe porém a noticia do caſamento, e immediatamente a oppoſiçaõ do Duque de Bragança, e de todos os ſeus adherentes.

1439 Nas Cortes, que ſe ſeguíraõ em Lisboa, foi determinado, que a Rainha tiveſſe cuidado na educaçaõ do Rei ſeu filho: que o Infante D. Pedro commandaria as armas: que D. Fernando, Marquez de Villa-Viçoſa, ſeria Regedor das Juſtiças; e Alvaro Gonçalves de Ataide, Conde da Atouguia, Ayo do Principe. Eſtando eſtas couſas aſſim diſpoſtas, a Rainha entrou a mudar de idéas, admittindo as ſugeſtões, que o Duque de Bragança lhe mandou fazer por ſeu cunhado o Arcebiſpo de Lisboa, D. Pedro de Noronha, irmaõ de ſua ſegunda mulher D. Conſtança, que

que era muito acceita á Rainha; por Era vulg. D. Sancho de Noronha, irmaõ do mesmo Arcebispo; pelo Marichal Vasco Fernandes Coutinho; pelo Prior do Crato, D. Fr. Nuno de Goes; por D. Affonso, Senhor de Cascaes; por seus filhos os Marquezes de Villa-Viçosa, e de Valença. Estes, e outros espiritos de facçaõ, oppostos ao Infante, exageráraõ á Rainha a injustiça, que se lhe fazia na divisaõ da Regencia; que ella principiou a conceber como hum aggravo da Magestade. O Infante D. Henrique, que desejava compôr os animos, antes que se declarasse a rotura, fez nas mesmas Cortes diminuir a authoridade concedida nellas a seu irmaõ, e conferilla ao Marquez de Valença; mas este naõ se acommodava sem huma exclusiva total do Infante D. Pedro.

As resoluções tomadas contra este Principe muito amado do Povo, de sórte o irritáraõ, que se temeo huma soblevaçaõ, que deo causa ao susto cavilloso, para persuadirem á Rainha cedesse das suas pretenções aquelles mesmos

Era vulg. mos homens, que antes a instavaõ as mantivesse firme. Ainda os Estados se naõ tinhaõ separado, quando o Infante rogou á Rainha lhe desse a declaraçaõ formal respectiva ao casamento, em que ella lhe tinha fallado, do Rei com sua filha. Ella, que legitimamente naõ a podia recusar, depois de ficar instruida em que esta era a vontade do Rei seu marido, naõ duvidou entregalla ao Infante. Como esta declaraçaõ transtornava todos os designios, que o Duque de Bragança tinha formado de casar sua neta com El-Rei; sabedor do que se passára entre ella, e o Infante, se esforçou em empenhalla quizesse arrancar-lhe das mãos este papel, que tanto o prejudicava; mas a Rainha naõ se fez entendida á proposta do Duque, nem elle teve resoluçaõ para lhe tornar a fallar.

Se a suspensaõ do Duque foi respeito, o Conde de Ourem, Marquez de Valença, seu filho, cortou por elle, para em pessoa pedir ao Infante o papel, que seu pai naõ podéra obter da Rainha. Ou a ambiçaõ de vêr sua

so-

ſobrinha no Throno, ou as más diſ- poſições dos animos do pai, e filho para com o Infante, deo esforços ao Conde para eſta reſoluçaõ façanhoſa, que encontrou huma correſpondencia toda magnanima. Apenas o Infante ouvio o Conde, com eſpirito pacato mandou vir o cofre, em que guardava a declaraçaõ; moſtrou-lha; e como ſe ella foſſe o papel mais inutil do mundo, na ſua preſença o fez em pedaços, e deo os fragamentos ao Conde: acçaõ digna de hum Principe dotado de eſpirito ſem ambiçaõ, de alma deſintereſſada, de vida irreprehenſivel.

Era vulg.

Concluida a Aſſembléa dos Eſtados em Torres-Novas, a Corte ſe recolheo para Lisboa, aonde veio o Infante D. Joaõ convalecido da enfermidade, que lhe impedio a aſſiſtencia na meſma Aſſembléa. Elle era pai da Infante D. Iſabel, que ſeu Avô, o Duque de Bragança, por meio de tantas intrigas queria caſar com El-Rei; mas taõ encontrado ao ſogro nos ſentimentos, que naõ ſoffria as ſem-razões mettidas em uſo contra a peſſoa veneravel

de

Era vulg. de ſeu irmaõ o Infante D. Pedro. Elle o vio, quando queixoſo, taõ prudente, que lhe aſſegurou queria evitar as conſequencias funeſtas de tantas deſuniões, deſiſtindo deſſa parte do governo, que lhe haviaõ conferido, e ſacrificar todos os ſeus intereſſes ao ſocego do Reino. O Infante D. Joaõ, a quem a ſemelhança do genio, das qualidades, e dos talentos o ligavaõ á inclinaçaõ, amor, e condeſcendencia por ſeu irmaõ D. Pedro, apenas lhe ouvio a reſoluçaõ, a contrariou, affirmando, que por eſſa meſma razaõ da tranquillidade do Reino, e derrota da invectiva dos ſeus emulos, naõ ſó devia conſervar a parte da Regencia, que já tinha, mas trabalhar com os esforços mais vivos por ella toda.

Juſtamente podia o Infante entrar neſta pretençaõ, propoſta por ſeu irmaõ á viſta da Rainha, que já ſe havia declarado abertamente contra elle. Alterava-ſe o Povo com tudo quanto imaginava offenſa do Infante, por eſſa razaõ mais firme em abdicar a Regencia, e D. Joaõ mais conſtante, em que

que a ſuſtentaſſe. A Rainha temeroſa do Povo, mandou armar os ſeus parciaes, e criados; pedio a protecçaõ de ſeus irmãos os Infantes de Aragaõ, que em Caſtella faziaõ grande figura, depois que arrojáraõ do valimento ao Condeſtavel D. Alvaro de Luna; e tentativas ſemelhantes foraõ cauſa de ſe perder toda a eſperança de hum ajuſte amigavel. O Infante D. Pedro ſe valeo dellas para as communicar ao Reino por Cartas Circulares, que movêraõ em todos os Pόvos tal indignaçaõ contra a Rainha, que ella ſe pôz a coberto de algum inſulto em Alenquer. Daqui eſcreveo o meſmo genero de cartas, mas diametralmente oppoſtas ás paternaes do Infante, que acabáraõ de concitar em todas as Cidades, e Villas hum furor unanime, na gravidade do caſo taõ reflexivo, que acordáraõ prudentes:

Era vulg.

Que o Infante D. Pedro, na menoridade del Rei, foſſe acclamado Regente, e Defenſor do Reino: que ſe elle vieſſe a faltar, lhe ſuccedeſſe ſeu irmaõ, o Infante D. Henrique, a eſte

o

Era vulg. o Infante D. Joaõ, e a eſte o Infante D. Fernando, ſe eſtiveſſe já livre do ſeu cativeiro: que na falta deſtes Infantes legitimos, ficaſſe governando ſeu irmaõ, o Duque de Bragança, e na deſte ſucceſſivamente ſeus dous filhos os Condes de Ourem, e de Arrayolos, conſervando-ſe ſempre a Rainha com o eſtado, e reſpeito devidos á ſua peſſoa. A todas as que ficaõ nomeadas foi notificada eſta reſoluçaõ dos Trez-Eſtados, e todas as approváraõ, menos a Rainha, que quiz, e naõ pode contradizella. De nada lhe valêraõ neſte caſo as ſuas induſtrias, nem os eſtratagemas indecoroſos pela falta de inteireza da verdade, com que ella quiz fazer diſſonante a harmonia fraternal dos dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique.

Para maior ſolemnidade de negocio taõ grave, foi determinado que em Novembro ſeguinte ſe convocaſſem os Eſtados em Lisboa, e o Duque de Bragança partio para Alenquer a aviſar a Rainha para ſe achar na Aſſembléa com El-Rei ſeu filho; diligencia, a que ella ſe eſcuſou com pretextos affectados,

dos, que indicavaõ bem a duplicidade do animo, que os concebia. Ella se assustou da comitiva numerosa, com que o Infante vinha de Coimbra para Lisboa: temor panico, que a constrangeo a mandar-lhe pedir naõ fizesse caminho pela sua Villa, como o Infante executou pontual, e chegando ao Lumiar, despedio toda a gente, que naõ era da sua familia, para evitar as interpretações contrarias ao fundo da sua sinceridade. O Povo de Lisboa, que novamente o havia acclamado Defensor, e Regente, quizera recebello em triunfo; mas a sua modestia o naõ consentio, e entrou na Corte com o apparato vulgar de todas as outras occasiões.

Era vulg.

A primeira acçaõ, que elle practicou, foi o juramento solemne, e público na Cathedral, promettendo nas mãos do Bispo de Evora, D. Alvaro de Abreo, reger bem o Reino; guardar-lhe os fóros, e privilegios; e entregallo livremente a El-Rei seu sobrinho, quando fosse em estado de o governar. Depois ratificou o mesmo ju-

Era vulg. ramento nas Cortes, que ſe abríraõ a 10 de Novembro, ſendo já preſentes El-Rei, e a Rainha, que o Infante D. Henrique moveo para virem authoriſar as ſecções, que a elles, mais que a outras quaeſquer peſſoas, eraõ reſpectivas. Naõ faltou o Infante Regente a acçaõ alguma, com que ſe podeſſe inculcar vaſſallo fideliſſimo, e reſpeitoſo, taõ delicado nos cultos á Mageſtade dos Reis, como ſe a Coroa eſtiveſſe na ſua propria cabeça. Porém os ſeus esforços, todas as ſuas repugnancias naõ podéraõ impedir, que os Eſtados notificaſſem aos Soberanos o acordo, que tinhaõ tomado de que El-Rei, para a ſua boa educaçaõ, ſe tiraſſe do poder da Rainha, e foſſe entregue ao Infante. Eſte ſe eſcuſou por muitas, e ſólidas razões, que repetio cheias de attençaõ para com aquella Princeza; mas conſtrangido pelos Eſtados, houve de ſe conformar com as ſuas determinações. Á Rainha, e aos ſeus conſelheiros naõ ſe fez ſopportavel eſta reſoluçaõ, que quiz perſuadir injuſta na ſua retirada para Sintra com

ſuas filhas, deixando o Reino, e os filhos em poder do Infante. Era vulg.

CAPITULO II.

Do mais que ſuccedeo nas Cortes de Lisboa, e dos deſcobrimentos do Infante D. Henrique por eſtes annos.

QUANDO a Rainha eſcandaliſada ſe retirava para Sintra, o Infante D. Henrique lhe ſahio ao caminho, e perſuadio naõ continuaſſe no projecto offenſivo ao ſeu decóro: que todas as acções do Infante ſeu irmaõ eraõ, e ſempre ſeriaõ cheias de reſpeito para com a ſua peſſoa; e que neſta certeza, naõ quizeſſe com a ſua retirada perturbar o ſocego da Monarquia. Ella ſe moſtrou taõ inexoravel ás perſuaſões de D. Henrique, que continuou a jornada; e com eſta noticia os Infantes D. Pedro, e D. Joaõ foraõ buſcar a El-Rei, e ao Infante D. Fernando, ſeu irmaõ, aos quais pozeraõ Caſa, e Familia correſpondente á ſua Mageſtade. Quizeraõ os Eſtados uni- 1440

Era vulg. dos com os moradores de Lisboa, em remuneraçaõ do zelo do Infante, levantar-lhe huma Estatua; mas o Infante sabedor destes intentos, lhes respondeo: Suspendei os vossos desejos; que se me levantares essa Estatua em reconhecimento das mercês, que vos tenho feito, e espero fazer-vos, virá tempo, em que vossos filhos a derrubem, e a golpes de pedras a despedassem. Sahio esta voz de hum coraçaõ presago; que os golpes das pedras levantadas por muitas mãos, naõ desfizeraõ a imagem, senaõ o Original.

Passou o resto deste anno sem outros successos, que o de impedirem os máos tempos o fim da navegaçaõ de duas caravellas, que o Infante D. Henrique mandára a continuar os seus descobrimentos; e o Infante Regente resolver se entregasse a Praça de Ceuta pela liberdade de seu irmaõ D. Fernando. Foraõ mandados para esta diligencia á mesma Praça D. Fernando de Castro, e seu filho D. Alvaro; mas perdendo o primeiro a vida em hum combate, que teve com os Genovezes, e

o

o ſegundo experimentando no tyranno Lazaraque as perfidias, que deixo referidas na vida do meſmo Infante, ficou rota a negociaçaõ do ſeu reſgate.

Era vulg.

1441

No anno ſeguinte, as inducções de peſſoas intereſſadas trabalhâraõ por ſacrificar á ſua ambiçaõ o credito de huma Rainha taõ eſtimavel, como D. Leonor. O Prior do Crato, e outros Fidalgos de humor inquieto, que nas aguas envoltas da perturbaçaõ queriaõ peſcar as ſuas vantagens, a perſuadíraõ ſe retiraſſe de Sintra para Almeirim, aonde lhe ficava mais facil a communicaçaõ com os Infantes de Aragaõ, ſeus irmãos; unicos apoios, que elles entendiaõ com esforço para deitarem abaixo o partido do Regente. A prudencia deſte Principe, que nada deſejava tanto como promover a paz, para prevenir a rotura, veio com El-Rei para Santarem, que eſtava perto da nova reſidencia da Rainha, aonde lhe era facil obſervar todos os ſeus movimentos. Como todas as apparencias de Caſtella ſe lhe deſcobriaõ favoraveis, mo-

Era vulg. movidas pela authoridade dos Infantes de Aragaõ, o Regente fez huma liga no mesmo Reino com os inimigos destes Infantes, que eraõ o Condestavel D. Alvaro de Luna, e o Mestre de Alcantara D. Guterres. A Rainha, que sabia usar a tempo das industrias, fingio com o Regente huma composiçaõ com todas as exterioridades de sincéra para o divertir, assim de observar as suas acções, como de entreter effectivas as correspondencias de Castella.

Quando se fazia deleitavel esta sombra da tranquillidade, o Duque de Bragança, que na Beira desenganára a seu irmaõ o Infante D. Henrique na proposta da uniaõ com o Regente; que soube da alliança, que a Rainha contrahira com o Rei de Navarra, e com os Infantes seus irmãos; que notou o descuido do Regente nascido da sua boa fé: suggerio á Rainha se retirasse para o Crato, aonde foi recebida do Prior; donde mandou para Castella quanto tinha de precioso, e se preparou para fazer o mesmo com a pessoa. Estando assim as cousas, a instancias

dos

dos Infantes de Aragaõ mandou o Rei de Castella Embaixadores a Portugal, que em tom de severidade pediaõ se restituisse a Regencia á Rainha, ou se lhe permitisse liberdade para se recolher a Castella: que as Ordens Militares de Avís, e de Sant-Iago em Portugal, que se haviaõ separado da de Sant-Iago, e Calatrava em Castella, tornassem a reunir-se: que os Bispos, em muitas idades suffraganeos de Sevilha, e que já presumiaõ naõ o ser, reentrassem nos seus deveres, conhecendo o Arcebispo daquella Cidade pelo seu Metropolitano. Em vulg.

O Regente nada quizéra responder á arrogancia desta demanda; mas instado pelos Ministros, que diziaõ ter ordens apertadas para senaõ recolher sem resposta; elle se deliberou a ouvir os votos do Conselho. Nelle foraõ os sentimentos diversos; porque huns queriaõ, que em nome del Rei D. Affonso se respondesse por escrito em methodo conforme ao da representaçaõ; outros diziaõ, que a audacias semelhantes se respondia com as armas

Era vulg. na maõ. O Regente, porém, tomou o caminho do meio, e despedindo os Embaixadores com severidade, ordenando-lhes sahissem do Reino, concluio: Que dissessem a seu Amo, como elle naõ era a causa do retiro da Rainha, nem capaz de consentir infracções nas liberdades do Reino. Despedidos os Embaixadores, escreveo á Rainha quizesse crêr a sua fidelidade, e fiada nella recolher-se para Lisboa: mas a resposta foi fortificar-se no Crato, e soprar as faiscas para atear o incendio de huma guerra civil, reforçada pelos partidos de Castella. O temor, que sempre teve o Regente, de que ella se lhe attribuisse, foi causa delle naõ haver seguido os pareceres de seu irmaõ, o Infante D. Joaõ; que se o houvesse feito, talvez naõ chegassem os negocios a huma situaçaõ taõ critica.

Na figura em que elles se pozeraõ, o Regente cuidou nos meios de se prevenir para quaesquer acontecimentos. A seu irmaõ o Infante D. Henrique encarregou o governo da Beira; a D. Joaõ o do Alem-Tèjo, a Alvaro Vaz

Vaz de Almada, depois Conde de Abrantes, o de Lisboa; a Ayres Gomes da Sylva o do Porto. Com o desejo de evitar huma expediçaõ contra o Cràto, donde cada dia se forjavaõ desordens, naõ só impedio a entrada de mais mantimentos, que os necessarios para a familia da Rainha; mas mandou publicar hum bando em nome del Rei por todas as terras do Priorado, em que ordenava que dentro de dez dias sahissem de todas as Villas, e fortalezas as pessoas, que as guarneciaõ, excepto a Rainha, e os seus criados. A desobediencia a este Decreto resolveo o sitio do Crato, para onde marchava o Infante Regente, quando teve o gosto de encontrar no caminho a Ruy da Cunha, Prior de Guimarães, e ao Provincial do Carmo, Bispo que foi da Guarda, tendo-o já sido de Ceuta, que vinhaõ de Roma, e lhe entregáraõ a Dispensa para El-Rei casar com sua filha, e os Breves da isensaõ de Elvas, e Olivença aos Bispados de Badajóz, e de Tuy, com os da separaçaõ das Ordens de Avís,

Era vulg.

Era vulg. Avís, e Sant-Iago de Portugal, das de Sant-Iago, e Calatrava de Castella.

O temor de ser sitiada no Crato appreçou a fugida da Rainha para Castella, unica nota, que se descobre na vida desta estimavel Princeza. Ella foi acompanhada do Prior, e de seus filhos, de D. Affonso, Senhor de Cascaes, e de seu filho D. Fernando, de D. Joaõ Henriques, e de outros Fidalgos, que deixáraõ o Crato sem resistencia em poder do Infante. Elle foi á Beira avistar-se com D. Henrique para unirem alguns animos discordes, entre elles o do Duque de Bragança, que entaõ conseguio do Infante seu irmaõ a graça de ser restituido ao Arcebispado de Lisboa, seu cunhado D. Pedro de Noronha, que se refugiára em Castella: graça, a que o Duque naõ deo depois o devido reconhecimento. Os negocios deste anno se concluíraõ com as Cortes de Lisboa, em que se resolveo o do casamento del-Rei, antes ajustado com D. Isabel, filha do Infante Regente, e no dia 25 de

de Maio se celebrárao os desposorios Era vulg.
com grande magnificencia, tendo já
El-Rei déz annos de idade.

Sempre ancioso por propagar o
Evangelho nas terras dos Barbaros, o
Infante D. Henrique mandou a Antaõ
Gonçalves, moço da sua guarda-roupa,
a continuar a nevegaçaõ pela cósta
de Africa, e carregar o navio de
pelles dos lobos marinhos no Cabo-Bojador.
Elle cumprio esta commissaõ;
e naõ satisfeito sem trazer alguns homens
daquelles paizes para lisongear o
gosto do Infante, com oito companheiros
penetrou tres legoas de terra,
e prendeo hum Jalofo, que encontrára.
Na volta para o navio descobrio
40, que viraõ os nossos como pasmados,
e embrenhando-se nos mattos,
desampararáraõ huma mulher, que tambem
prendêraõ. Estando prestes a partir,
chegou á mesma paragem Nuno
Tristaõ, que invejoso da ventura de
Antaõ Gonçalves, o instou para tornarem
á terra, e augmentárem o número
dos prisioneiros, como fizeraõ
com mais déz. Em premio de ser Antaõ

Era vulg. taõ Gonçalves o primeiro, que descobrio estes novos homens, Nuno Tristaõ o armou Cavalleiro na mesma Enceada, que por isso se chama o Porto dos Cavalleiros.

Voltou Antaõ Gonçalves para Portugal com as pelles, e os negros, que lhe merecêraõ os cargos honrosos de Escrivaõ da Puridade, e de Alcaide Mór de Thomar. Nuno Tristaõ seguio a sua derrota, e chegou ao Cabo-Branco, sem descobrir cousa de novo, donde voltou para o Algarve. O Infante, alvoroçado com o prazer destas noticias, mandou a Fernaõ Lopes de Azevedo, que as fosse communicar ao Papa Martinho V., e ao mesmo tempo representar-lhe os serviços, que os Portuguezes faziaõ á Igreja Santa com tanto dispendio de sangue, trabalhos, e fazenda; que em recompensa delles concedesse á Coroa de Portugal o senhorio das terras, que conquistasse, e Indulgencia plenaria a todos os que morressem nestas emprezas. Entendia entaõ a credulidade dos Fiéis, que o Dominio temporal de todo o

mun-

mundo fora Patrimonio das Chaves de S. Pedro, e que pelos motivos de Religiaõ os Pontifices podiaõ deitar hum jugo ás Nações, que nascêraõ livres, e que só devem ser trazidas ao Rebanho de Jesu Christo de que andaõ desgarradas, pelos meios que este Chéfe Divino deixou ensinado aos seus Apostolos, e naõ he a dureza do ferro, senaõ a suavidade da palavra, naõ o terror, mas a brandura.

Era vulg.

Tinhaõ determinado as ultimas Cortes de Lisboa, que o Infante Regente privasse a Rainha de toda a sua authoridade, e rendas, como a perturbadora do socego publico, que para mais o inquietar, fugíra do Reino. O Regente, tanto naõ quiz conformar-se com esta resoluçaõ dos Póvos, que antes se valeo da mediaçaõ do Duque de Bragança para persuadir á Rainha quizesse restituir-se a Portugal, e concorrer com elle na administraçaõ do Estado de seu filho. Ella se escusou a dar ouvidos a requerimento taõ justo, fiada na protecçaõ da Corte de Castella, que achou governada por seus ir-

1442

mãos

Era vulg. mãos depois da expulsaõ do Condestavel, e do Mestre de Alcantara; conseguindo os seus rogos, que o Rei D. Joaõ II. mandasse segunda Embaixada ao Regente concebida nos termos precisos, de que entregasse o governo á Rainha, ou se tivesse por desafiado para a guerra.

Depois de consultada a resposta no Conselho, que se fez em Evora, se deo aos Ministros a de os mandar recolher, com a certeza de que a nada se lhes differia do que tinhaõ requerido; e voltando segunda Embaixada, naõ se mudou de estylo, nem Castella declarou a guerra. Todos estes contratempos se aggraváraõ no espirito do Regente com a mórte immatura de seu irmaõ o Infante D. Joaõ succedida em Setembro deste anno de 1442 aos 42 da sua idade: Principe, que elle muito amava, e que delle era taõ amado, que persuadindo-o D. Affonso de Cascaes abandonasse o partido do Regente, que a Rainha cedería nelle o governo, e casaría a El-Rei com sua filha D. Isabel, elle respondeo magnani-

nimo, que desprezava coroas, e prosperidades, que havia adquirir por meios indecentes á sua honra, concorrendo para ser affrontado o filho mais velho de seu pai: Resposta digna de tal Principe, de taõ poucos imitada. O seu corpo jaz no Mosteiro da Batalha, e Capella del Rei D. Joaõ I. no terceiro lugar dos Infantes seus irmãos.

Era vulg.

No mesmo anno foi confirmado pelo Infante o Titulo de Duque de Bragança em D. Affonso, que se intitulára Conde de Barcellos, por morte de D. Duarte, que era senhor daquella Villa, e aqui teve Origem a grande Casa, que hoje occupa felizmente o nosso Throno. Pouco sobreviveo D. Diogo a seu pai o Infante D. Joaõ, que como naõ deixou outro filho, ficou vago o emprego de Condestavel, que o Regente pedio a El-Rei para seu filho D. Pedro; mas o Marquez de Valença, Conde de Ourem, com o fundamento de ser neto de D. Nuno Alvares Pereira, a quem seu Avô El-Rei D. Joaõ I. o dera de juro-herdade, pedio para si esta graça, que o Infante

1443

ob-

Era vulg. obtivera por ser casado com sua irmã. O Regente se escusou, lembrando-lhe, que era tres vezes Conde; que acabára de confirmar a seu pai Duque de Bragança, e que tudo recahia nelle. Sentio-se o Marquez da repulsa, naõ vio mais vivo ao Infante, a quem depois maquinou a mórte. A do Infante Santo D. Fernando, succedida por este mesmo tempo no seu cativeiro de Fez, redobrou a desconsolaçaõ do Reino, e porque vagára o Mestrado de Avís, que elle possuia, foi provido no mesmo filho do Regente, què além da qualidade, o merecia pelos talentos, nos poucos annos mais brilhantes.

Por ordem de D. Henrique intentou este anno nova viagem o Aventureiro Nuno Tristaõ, que entendendo acharia ouro se avançasse a navegaçaõ, descobrio as Ilhas de Arguim, célebres pela Fortaleza da Negricia, que mandou fundar El-Rei D. Affonso no anno de 1461. A Capital destas Ilhas fica quatorze leguas além do Rio do ouro, aos 20 gráos, e 15 minutos de Latitude, e aos dous, e 20 minutos de

Lon-

Longitude. Nuno Triſtaõ fez nella muitos priſioneiros, que naõ tinhaõ para a perda da liberdade mais culpa, que a de naſcerem Gentios. Daqui paſſou a outra Ilha, a que deo o nome das Garças, em razaõ de muitos deſtes paſſaros, que nella vio, e avançando os deſcobrimentos perto de trinta leguas, ſe recolheo á Cidade de Lagos, aonde moveo a inveja em muitos animos honrados, e a outros dos mais Póvos maritimos do Algarve, que ſe offerecêraõ ao Infante para armarem embarcações á ſua cuſta, e adiantarem a navegaçaõ, com o intereſſe de lhes ſatisfazerem o valor dos generos, que trouxeſſem daquellas partes. Nos ſucceſſos do anno ſeguinte, nós veremos o deſta expediçaõ dos Algarvios.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO III.

Continuaçaõ dos descobrimentos de D. Henrique, e da Regencia de D. Pedro.

1444 ACEITANDO o Infante D. Henrique a offerta da gente do Algarve, Lansarote, Almoxarife de Lagos, que a arbitrou, Gil Annes, que descobrira o Cabo Bojador, Estevaõ Affonso, Joaõ Dias, Rodrigo Alvares, e outros homens de espirito, que no Algarve nunca foraõ taõ raros como se pensa, sahíraõ de Lagos com seis embarcações em demanda da Ilha das Garças. Aqui se informáraõ da sua qualidade, e de que a povoavaõ duzentos homens sepultados na profundidade do socego, em que o retiro os tinha posto havia tantos seculos. Saltáraõ em terra 28 dos nossos, que encontrando huma debil resistencia em gentes, que ignoravaõ o dominio de huns sobre outros homens, e que humas Nações combatiaõ as outras; que havia guerra, e

os

os motivos para ella ser justa: 155 se deixáraõ prender, e os mais morrêraõ, porque resistiraõ. Daqui passáraõ á Ilha de Tider, aonde fizeraõ outro consideravel número de prisioneiros, que trouxeraõ a Lagos para resarcirem com o seu preço as despezas da viagem.

Era vulg.

Outro homem da mesma Cidade, chamado Vicente de Lagos, e o Genovez, ou Veneziano, Luiz Cadamusto, que no anno de 1432 tinhaõ avistado as Ilhas dos Açores, descobríraõ neste o Rio Gamba; mas estas expedições houvêraõ de se suspender alguns tempos por causa das muitas jornadas, que os negocios intrincados do Reino obrigavaõ a fazer ao Infante D. Henrique, arrancando-o do seu amavel retiro da Villa de Sagres.

As perturbações dos chamados Infantes de Aragaõ, que eraõ o Rei de Navarra, D. Joaõ, e seu irmaõ D. Henrique, tinhaõ reduzido Hespanha a huma situaçaõ triste. Casára o Rei com D. Joanna, filha do Almirante de Castella; D. Henrique com D. Brites,

Era vulg. filha do Conde de Benavente : allianças com raizes taõ fundas no terreno de Castella, que o seu Rei naõ pode arrancallas, antes rodeado dellas, o enlaçáraõ, e prendêraõ no lugar de Portilho. O Principe D. Henrique, e os Grandes do Reino sentiaõ esta desgraça do seu Soberano, que outra vez restituíra a graça ao Condestavel D. Alvaro de Luna, origem deste desagrado dos Infantes. Dos successos desta guerra, e do modo, por que o Rei obteve a liberdade, só nos pertence o soccorro, que elle mandou pedir ao Regente, e este lhe enviou composto de 2000 cavallos, e 5000 Infantes, commandados na idade mais tenra por seu filho o Condestavel D. Pedro, que se conduzio com dexteridade excellente, merecedora das attenções do Rei de Castella, ainda que chegou a tempo, em que elle já tinha derrotado os Infantes seus inimigos.

Naõ obstante esta decadencia dos Infantes, a Rainha de Portugal sua irmã, que estava em Toledo, sem perder a esperança de restabelecer no Reino

no as ſuas pretenções, ella entendia, que ſe podeſſe determinar o Rei de Caſtella a declarar a guerra ao Regente, eſta declaraçaõ poría o governo em deſordem, e os que delle eſtavaõ encarregados, cuidariaõ em retirar-ſe, por naõ expôr a ſua reputaçaõ, e a da Monarquia a huma guerra, que Portugal naõ poderia ſuſtentar. Occupada deſtas reflexões quimericas, ella empenhou todo o reſto, e para mover o Rei D. Joaõ a ſeu favor, lhe fez entrega de quanto trouxera de Portugal precioſo; mas o Rei eſteve mais prompto a acceitar o que ella lhe dava, que a fazer-ſe partidario dos ſeus deſignios, alterando a indifferença para ſe embaraçar em huma guerra com os Portuguezes. Neſte eſtado triſte a Rainha, ſem dinheiro, ſem poder, ſem protecçaõ, nem alliados, vivia em ſimples Dama particular; forçada da neceſſidade a valer-ſe do Conde de Arrayolos para conſeguir do Infante Regente, que ao menos, por hum eſpirito de caridade, a ſoffreſſe no Reino, aonde ella eſtimava mais viver, e morrer

Era vulg.

Era vulg. rer na eſcuridade, que andar no pú-
blico de huma Corte eſtrangeira men-
digando o neceſſario para a ſua ſubſiſ-
tencia. Graça, que Portugal naõ re-
cuſaría a huma Senhora, que fora ſua
1445 Soberana.

Quando o Infante ſe deixava to-
car da extremidade dos infortunios da
Rainha para condeſcender com os ſeus
rógos, a morte pôz termo ás ſuas deſ-
graças, e á ſua vida. Ella, e ſua ir-
mã D. Maria, Rainha de Caſtella,
com pouca differença de tempo foraõ
duas victimas, que acabáraõ com o
meſmo genero de mórte violento, e
prematuro, que lhe miniſtrou o monſ-
tro em ambas as fortunas. Naõ faz myſ-
terio a Hiſtoria, nada eſcrupuliſa em
nos dizer, que o Condeſtavel D. Al-
varo de Luna, eſquecido da humilda-
de dos ſeus principios, depois de ſer
o canal das revoluções laſtimoſas de
Heſpanha, tambem o fora do veneno,
que tirou a vida a eſtas duas Rainhas
para deſaffogar nellas o odio pelo cri-
me de ſerem irmãs dos Infantes de Ara-
gáõ, concurrentes com elles para a
der-

derrota da ſua fortuna, e do ſeu credito. Com a noticia deſta barbaridade, foi o Infante Regente á Raya de Caſtella eſperar a Infante D. Joanna, donde a mandou conduzir, e a trouxe para a companhia de ſua irmã D. Catharina; admitindo no ſerviço del Rei todos os criados da Rainha, que julgou dignos deſta graça. Era vulg.

Como eſta morte ſuccedida aos 29 de Fevereiro promettia mais tranquillidade ao interior do Reino, o Infante D. Henrique pode vir para a ſua reſidencia do Algarve continuar a fazer á Pátria, nos ſeus deſcobrimentos, os aſſignalados ſerviços, de que ella ha tantos ſeculos recolhe avultadas aſuras. Como a Cóſta de Guinê, já eſtava communicavel, e bem fundadas as eſperanças do reſgate do ouro, elle mandou a hum ſeu criado ordinario, mas valeroſo, chamado Gonçalo de Cintra, para penetrar mais os ſegredos eſcondidos naquellas terras incognitas. Navegou eſte homem até a Angra, que hoje ſe dá a conhecer com o ſeu nome, quatorze leguas além

do

Era vulg. do Rio do Ouro. Elle se fiou de dous cativos nas expedições passadas, que levava por linguas, que o enganáraõ; e fazendo-o montar o Cabo-Branco, lhe promettêraõ huma grande preza em certa paragem, que lhes servio para porem em cobro a amavel liberdade. O Cintra quiz despicar o engano dos Buçaes com a tomada de huma Aldeia, que avistou, e investio com doze homens: mas rodeado de hum bando de Gentios, já instruidos pela luz da razaõ a defender-se, cinco dos nossos apenas se podéraõ salvar no batel, e os seis com o Cintra foraõ mórtos; elles os primeiros Portuguezes, que rubricáraõ com o seu sangue as nossas conquistas, por diminuto ensaio da grande cópia, que derramado no mar, tinha de tingir as ondas, e espalhado na terra, havia matizar as plantas.

Neste mesmo anno se preparáraõ outras navegações, de que farei memoria, ainda que se concluíraõ no seguinte. Sentio o Infante a perda dos sete Portuguezes, por serem os primei-

meiros mórtos nas ſuas viagens, e Era vulg.
reſolveo mandar a Antaõ Gonçalves,
e a Diogo Affonſo com o Patraõ Mór
Diogo Pires em tres barcas ao meſmo
ſitio para perſuadirem aos Gentios
abraçaſſem a Fé, e quando naõ o po-
deſſem conſeguir, ajuſtaſſem com el-
les paz. Naõ quizeraõ os brutos co-
nhecer por Miſſionarios homens arma-
dos, nem travar amizade com gente,
que matava, e cativava; e ſem mais
fructo, que a priſaõ de hum negro, e a
offerta officioſa de hum Mouro, que
pedio o trouxeſſem a Portugal, por-
que deſejava vêr o Infante, elles ſe fi-
zeraõ na volta do Reino. Com pouco
mais de vantagem, que foraõ vinte
cativos, ſe recolheo ao meſmo tempo
Nuno Triſtaõ de outra viagem, que
fez ao Rio do Ouro.

Diniz Fernandes, que era hum
criado del Rei, rico, e valeroſo, quiz
ſeguir os paſſos deſtes Aventureiros,
e paſſar além deſtes deſcobrimentos.
Para liſongear o Infante armou hum
navio á ſua cuſta, e ſe lançou ao mar
em buſca de terra. Elle paſſou o Rio
Sen-

Era vulg. Senegal, que alguns entendêraõ ser braço do Nilo, e divide os Mouros Azenegues dos Jalofos de Guiné, aonde tomou alguns dos mais zevichados, que até entaõ tinhaõ vindo a Portugal. Elle passou avante mais vinte e huma leguas até ao Cabo, que fez chamar Verde, por se lhe representar ao longe desta côr, e fica aos 14 gráos, e 43 minutos de Latitude, e hum gráo, e 45 minutos de Longitude; terra a mais occidental de Africa, alta, escarpada, e coberta de grandes arvoredos. Elle naõ se contentou com descobrir o Cabo sem o dobrar; mas os tempo-raes rijos lhe embaraçáraõ o projecto, e teve de vir espalmar o navio a huma Aldeia visinha, aonde levantou o Padraõ da Santa Cruz. Daqui retrocedeo com alguns prisioneiros para o Reino, aonde foi bem recebido, e remunerado.

Em quanto se passavaõ estas cousas, o Rei D. Affonso correspondia maravilhosamente ao cuidado, que se tinha na sua educaçaõ. A sua boa indole, que naõ necessitava ser torcida, e bastava encaminhalla, descobria bem a in-

inclinaçaõ ás applicações honeſtas, e ao eſtudo das letras: tyrocinios brilhantes, que affiançavaõ as eſperanças, de que elle viria a ſer hum dos Principes ſabios da ſua idade. Elles ſe deixavaõ vêr acompanhados de huma fereza nobre, oppoſta áquella, que tudo quer fazer valer á Coroa, e nada á cabeça, que a cinge: huma fereza magnanima, que naõ mendigava o trato ceremonioſo para infundir reſpeito á peſſoa, que o recebe: que naquelles poucos annos advertia naõ conſiſtir a eſſencia da Mageſtade nos melindres do joelho em terra, de dar com frequencia a beijar a maõ; tudo acções, que D. Affonſo regateava benigno para cativar os corações com affabilidades, que naõ fazia eſtranhaveis por bem repartidas. Ainda que os applauſos communs a reſpeito do Rei, recahiaõ no Infante, que o regia, elle ſe moſtrava taõ pouco ſenſivel aos louvores recebidos de todas as partes, que prevalecia nas perſuasões do nada, que eſtimava como vantagens proprias as idéas, de que no tempo de hu-

Era vulg.

Era vulg. huma menoridade se costumaõ lisongear os corações ambiciosos.

1446 Vio elle, que o seu Pupilo neste anno de 1446 cumpria os 14 da sua idade, que he o da maioridade dos Principes, e cuidou em convocar Cortes em Lisboa para fazer esta declaraçaõ solemne, desistir do Governo, entregallo a seu domno, e beijar a maõ ao Rei, como a seu Senhor. Esta ceremonia se fez com o apparelho magnifico, que pedia huma acçaõ desta importancia. O Discurso eloquente, terno, e magestoso, que elle entaõ fez ao Rei, correo claro na conta miuda, que elle lhe deo de quanto obrára no tempo da sua Regencia; nas protestações, que lhe fez, de que elle naõ a acceitára com mais fim, que os interesses do Estado, sem a menor lembrança de satisfazer a sua ambiçaõ; e na complacencia, que os Póvos deviaõ ter de render obediencia a hum Principe taõ completo, como elle era.

El-Rei, ainda naõ dominado pelas suggestões, que a todo o custo sabe ins-

inſpirar o monſtro da inveja, agradeceo a ſeu Tio na preſença dos Infantes D. Fernando, D. Henrique, e de muita parte da Nobreza a ſinceridade do ſeu affecto; pedindo-lhe naõ defraudaſſe o Reino dos fructos das ſuas experiencias na continuaçaõ do Governo, que tornava a encarregar-lhe, até que as ſuas mãos foſſem mais robuſtas para ſuſtentar o peſo do Sceptro. Quizera o Infante eſcuſar-ſe; mas as inſtancias do Rei foraõ tantas, e acompanhadas de huma como quitaçaõ geral illuſtriſſima, em que ſe dava por taõ ſatisfeito do que ſeu Tio até entaõ tinha obrado, que elle naõ pode deixar de condeſcender com o que El-Rei lhe mandava.

Era vulg.

Á celebraçaõ das Cortes, e declaraçaõ da maioridade do Rei, ſe ſeguio a declaraçaõ formal dos ſeus deſpoſorios com D. Iſabel, filha do Infante Regente, que ſe conſummáraõ depois. O Duque de Bragança reforçou novos empenhos para impedillos; mas o Rei, que eſtava vivamente inclinado á Infante, naõ fez caſo das ſuggeſ-

Era vulg. gestões do Duque, interessado pela neta, que logo vio Rainha de Hespanha pelos bons officios de D. Alvaro de Luna. Este homem formidavel naõ se embaraçou com a vontade do seu Rei; naõ se cançou em lhe dar parte, de que o casava em Portugal com D. Isabel, neta do Duque de Bragança, e filha do Infante D. Joaõ, senaõ depois de a ter pedido. Entaõ o soube, e disse El-Rei, que queria, porque o quiz D. Alvaro; que em hum Rei foi muito querer. Depois do mesmo homem ter desprezado os benemeritos, e premiado trahidores, ordenou ao seu Rei, que mandasse D. Sancho de Toledo por Embaixador a Portugal para em seu nome se desposar com a Infante, que foi mãi da Rainha Catholica D. Isabel.

1447 Na sua companhia levou a nova Rainha para Castella em qualidade de Dama a D. Brites, irmã do primeiro Conde de Portalegre, Astro luminoso, que perturbou aquella Corte com as luzes excessivas da sua formosura, e depois illuminou as Hespanhas com a cla-

claridade das ſuas virtudes. A troco Era vulg. do ſangue, e das vidas, por meio do furor das armas diſputavaõ os Fidalgos Caſtelhanos, qual havia ſer o venturoſo, que gozaſſe as ternuras, a gentileza de D. Brites. Unio-ſe á deſordem dos amantes o ciume das outras Damas menos attendidas, que do fogo atiçado por elle vaporavaõ fumos de vingança contra a inimiga innocente, ſem culpa por ſer formoſa, nem cometter crime em ſer amada. Como ellas naõ podiaõ traçar o deſpique, ſenaõ pela peſſoa mais inclinada a D. Brites, que era a Rainha, as Damas, com impoſturas enormes, com calumnias negras, atacáraõ na preſença Real a virtude, a reputaçaõ, quanto havia de delicado, na reſpeitavel Fidalga, que em fim, por ordem da Rainha, foi preza.

A conſtancia, com que eſta virgem incomparavel ſopportou o peſo da ſua infelicidade, o ſilencio energico com que levou tantas accuſações falſas, foraõ o advogado eloquente da ſua innocencia, a que ninguem ſe attrevia reſ-

Era vulg. reſponder. Mas o mundo, que eſquéce o que naõ vê, fez perder na Corte as memorias de D. Brites, tanto que nella deixou de ſer viſta, e eſte eſquecimento o tiveraõ as ſuas concurrentes pelo deſpique mais generoſo, a que podia aſpirar o heroiſmo dos ſeus coraçóes. Quando aſſim as liſongeava a ſua vaidade, tornou a apparecer o Aſtro na ſua esfera, taõ mudada a natureza das luzes, que todas as que nella ſcintilavaõ, eraõ do Ceo. D. Brites deixou-ſe vêr na Corte para ſe eſconder ao ſeculo; taõ illuſtrada da graça, que com ella venceo a affeiçaõ extremoſa, que tinha pela Rainha, e ſe occultou no Convento das Religioſas de S. Domingos de Toledo, aonde fez cinco annos huma vida de Anjo. Já o ſeu eſpirito, bem coſtumado ás auſteridades do Clauſtro, tinha forças para maiores emprezas, e ella ſe applica a formar a Ordem da Conceiçaõ, que foi approvada por Innocencio VIII. no anno de 1489. A Rainha, edificada das ſuas virtudes, lhe deo humas caſas na meſma Cidade, para onde ella

la passou com doze Virgens, que por determinação do mesmo Papa abraçáraõ o Instituto de Cister; mas sobrevindo pouco depois a mórte preciosa de D. Brites, as Religiosas sem mudarem o nome da Conceição, nem a fórma do habito; seguíraõ a Regra de Santa Clara. Era vulg.

Com estes successos dou eu por acabados os deste anno; e como os do futuro saõ já pertencentes ao reinado de D. Affonso V. depois de declarado maior, elles deviaõ ter lugar na vida deste Principe; mas por naõ deixar truncada, e para passar a outro Tomo a continuação da Historia dos Infantes D. Pedro, e D. Henrique, aos quaes Portugal deveo tantos beneficios, eu a continuarei nos Capitulos seguintes até ás suas mórtes, ainda que depois haja de repetir de passagem em alguns lugares as acções, que lhes pertencerem na vida do mesmo Rei.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Trataõ-se os mais successos da vida do Infante D. Pedro até a sua morte.

OS dous Infantes D. Pedro, e D. Henrique, dos quaes eu vou a escrever o resto das suas vidas preciosas, elles saõ taõ merecedores dos nossos respeitos, que devo com justiça fazer á sua memoria o obsequio de escrever delles com particularidade os seus ultimos acontecimentos. D. Pedro, que he agora o meu primeiro objecto, depois do Rei seu sobrinho o rogar para a continuaçaõ do governo, como fica dito, induzido pelo Duque de Bragança, por seu filho o Conde de Ourem, por seu cunhado o Arcebispo de Lisboa, que naõ temêraõ a nota de ingratos, com tanto que desaffogassem o odio, lhe ordenou desistisse delle: o que foi executado pelo Infante sem a menor repugnancia. Como a calumnia bem apoiada arguîa todos os seus procederes; como as imposturas eraõ

a

a alma da negociaçaõ; como todos os Era vulg. provimentos feitos pelo Infante se julgavaõ effeitos da infidelidade, ou da injustiça; o Duque de Bragança, em tom de quem marchava para huma campanha, andou pelo Reino abysmando com infamia quantos officios, e quantas creaturas tinhaõ a marca da beneficencia do Infante, seu irmaõ. Nada sentia este Principe as quebras da sua authoridade, e fazenda no cotejo com a perda da equidade, e reputaçaõ. Prevendo, que a ordem para sahir da Corte naõ tardava, elle pedio primeiro a licença, e se retirou para Coimbra.

Entaõ aquelles tres Senhores, occupados de disposições malignas, naõ perdoáraõ a genero algum de intriga para inspirar ao Rei minino huma desconfiança geral do caracter do Infante. Elles lhe representáraõ os abusos, que fizera da Regencia; o grande partido das suas creaturas; que só elle fora o author das mortes de seu pai, D. Duarte, da de sua mãi D. Leonor, e do Infante D. Joaõ, aos quaes fizera dar veneno para facilitar a sua subida ao

 Thro-

Era vulg. Throno, e que com o meſmo fim attentára tambem contra a ſua vida preciosa, que o Ceo tinha preſervado, e que elle devia pôr a coberto da impiedade de hum tal ambicioſo, deſcartando-ſe delle. Naõ eſcapou á mordacidade do monſtro a virtude provada do Infante D. Henrique, que no conceito prevertido do Rei foi eſtimado co-réo, ou ao menos ſabedor dos delictos imaginários de ſeu irmaõ, que quiz juſtificar com a meſma ſolidez de razões, com que o fizera a ſi proprio: porém notando ſem limites a preoccupaçaõ do Rei, houve de ſe callar, por naõ ſe perderem ámbos.

Semelhantes aviſos como os que ſe mettêraõ nos ouvidos do Rei, ainda que falſos, elles ſempre fazem huma impreſſaõ deſavantajoſa ſobre a peſſoa, contra quem elles ſaõ dados. Porque o Rei os eſcutou, o tio, e fogro ſe lhe fez aborrecivel, naõ baſtando o metter terra de permeio para o Duque, e os ſeus parciais lhe naõ perſuadirem a retirada do Infante; (que elle fizera por hum eſpirito de diſcriçaõ, e prudencia;

eſ-

especialmente depois de vêr sobre o Throno a sua filha) por huma politica escura, que escondia alguns designios perversos, a que elle intentava arrojar-se. Eis-aqui huma solercia, naõ só apparente, mas abominavel, com que nas Cortes a maior parte dos Aulicos pretende estabelecer os seus negocios sobre os destroços dos alheios.

Era vulg.

Veio por este tempo de Sintra a Lisboa o Conde de Abranches D. Alvaro Vaz de Almada, servidor fidelissimo do Infante, aquelle Fidalgo famoso, que com o seu valor tinha assombrado a maior parte da Europa, que discorrêra; e ouvindo tantas accusações indignas do caracter do Principe, naõ as pode soffrer callado. Era grande o empenho, para que o Conde naõ fosse ouvido no Conselho, que o Rei queria fazer sobre negocios taõ delicados; mas elle rompendo por toda a opposiçaõ, entrou, e com tanto desembaraço, como corage, sustentou a innocencia do Infante, e a sua, e mostrou evidente a calumnia, a malicia dos inimigos de humas probidades

taõ

Era vulg. taõ notorias. Os mesmos sentimentos deste Fidalgo foraõ os do Conde de Arrayolos, que estimou a verdade sobre o respeito do Duque de Bragança, seu pai, e os do Conde da Atouguia, que naõ sopportavaõ a injustiça feita ao Infante, e assim o insinuáraõ no espirito do Rei. Como as tentativas destes Senhores nada approveitáraõ, por haverem os emulos ganhado a vã-guarda com o Duque de Bragança na testa; o Conde de Abranches foi vestir as armas, com que costumava entrar nos combates, e vindo á presença del Rei, lhe disse: Que a sua Magestade incorreria em huma nota eterna, se elle lhe naõ désse permissaõ para se bater com todos os inimigos do Infante Duque D. Pedro, que elle vinha desafiar na sua Real presença, para provar a innocencia de seu tio com o destroço de todos elles: Que como injurias taõ enormes já senaõ lavavaõ senaõ com sangue, era credito delle Rei permitir-lhe sustentar em campo a vingança de hum amigo ausente, offendido na honra, e na pessoa.

Era

Era taõ ſublime o eſpirito del Rei nos ſeus poucos annos, que naõ ſe lhe fez reprehenſivel eſta gentileza do Conde, taõ pouco vulgar em todas as idades. Elle a eſtimou por effeito do ſeu grande eſpirito, pela próva mais elegante de huma verdadeira amizade; mas eſta eſpada gentil, com tanta juſtiça deſembainhada, nem conſeguio a licença para ſe eſgrimir contra os inimigos inexoraveis, nem pode cortar no Rei os fios enredados das ſuſpeitas, que o fizeraõ conceber da fidelidade do Infante. Como o Conde já naõ tinha meios de que ſe valer para ſuſtentar o credito do perſeguido, elle partio com o Infante D. Henrique para Coimbra a conſolarem o Principe nas adverſidades, já com a idéa concebida, de que o leito da morte de hũm havia ſer o meſmo da do outro. Immediata a eſta partida, ſe vio reſpirar a cólera do Rei no Decreto ſevéro, em que mandava, que peſſoa alguma foſſe a Coimbra vêr o Infante ſem licença ſua; que elle naõ podeſſe mandar á Corte peſſoa, ou peſſoas da ſua familia, nem ſa-

Era vulg.

Era vulg. ſahir das ſuas terras ſem permiſſaõ Real, com pena de morte fulminada a elle Infante, e a quaeſquer outros tranſgreſſores deſta ordem.

Para ſe entender, que eſte Decreto foi ſuggerido a El-Rei pelos inimigos do Infante, baſta ouvir-lhe o tom. Elle quiz fazer repreſentações para ſer moderado; mas naõ lhe admittindo genero algum de requerimento, ſeu irmaõ D. Henrique, e o Conde de Abranches ſe retiráraõ, e elle paſſou para Monte-Mór o velho. O Duque de Bragança, que deſejava remunerar-lhe as muitas obrigações, que lhe devia, com lhe armar o laço para o fazer cahir no crime de deſobediencia, fingio com elle hum Tratado de concordia, que ſe explicava pelos termos mais indecoroſos, indecentes, e indignos; ordenando El-Rei ao Infante, que o aſſignaſſe, porque ſe o naõ fizeſſe elles tinhaõ a inconfidencia, e a rebeldia por provadas. O Infante, ou percebendo a idéa, ou querendo ſacrificar á obediencia do Soberano quanto nelle havia de honroſo, de delicado,

até

até o ſeu meſmo decóro, ſem replica firmou no Tratado a quebra do ſeu caracter. Paſſou-ſe a ſegunda invectiva, que foi mandallo reprehender por Diogo da Silveira de armar os Caſtellos das ſuas terras, como ſe eſperaſſe nellas alguma invaſaõ de inimigos. O Infante foi com o meſmo Emiſſario moſtrar-lhe todos deſarmados; aſſegurando-lhe, que elle naõ cuidava em mais defenſa, que a de deixar á poſteridade hum argumento irrefragavel da ſua innocencia.

Era vulga

Como Diogo da Silveira naõ ſe explicou ao geito de quem o mandára, ſe o naõ tivéraõ por ſuſpeito, ſempre ſe córou a commiſſaõ com tirar ao Conde de Abranches o Caſtello de Lisboa; a D. Pedro, filho do Infante, o emprego de Condeſtavel, que ſe conferio ao Infante D. Fernando; a Ayres Gomes da Silva o de Regedor, e a Luiz de Azevedo o de Védor da Fazenda. Urdio-ſe terceira induſtria, que foi mandar ao Infante entregaſſe logo as armas, que tinha nos ſeus preſidios; porque ſe o naõ fazia,

de-

Era vulg. declarava huma rebeliaõ nos indicios das ſuas intençõesperverſas. Se as déſſe, e por movimento proprio ſe deſarmaſſe, elle meſmo ſe punha fóra dos termos de ſe defender no caſo de ſer atacado. Perplexo ſe vio o Infante como homem, ſe he que fiado no eſpirito da ſua fidelidade, elle naõ advertio, que o melhor partido era arrojar nos braços da ventura; entregar as armas, e as praças, que naõ podia, nem devia defender contra a ordem Real. Aſſim derrotaria nos ſeus inimigos os intentos da rebeliaõ, que quizeraõ imputar-lhe, quando elle eſcreveo a El-Rei em reſpoſta ao ſeu Decreto: Que elle eſtando por hora em paz com todos, naõ hávia miſter armas, ſobrando-lhe as da ſua innocencia para derrotar os ſeus inimigos; mas porque ignorava ſe eſtes o quereriaõ inveſtir, lhe permitiſſe ficar com as ſuas armas, que elle pagaria a dinheiro, ou mandaria vir outras de fóra.

Em quanto o Conde de Ourem ao lado do Rei ſuggeria tantas diſcordias, o Duque de Bragança, ſeu pai, que eſta-

tava Entre-Douro e Minho levantando trópas, teve ordem para vir a Santarém, aonde estava a Corte. Como elle naõ podia fazer a jornada sem passar pelas terras do Infante, e se lhe determinára, que assim o practicasse armado, elle tentou differentes vezes o passo pelo lado de Penella, para onde foi o Infante, aconselhado pelo Conde de Abranches, e outros Fidalgos, que entendêraõ dependia a sua conservaçaõ da ruina do Duque. Apenas se soube na Corte, que elle tinha fechado o passo, se mandáraõ ordens rigorosas ao Infante para o desimpedir. Elle recebeo com respeito profundo as ditas ordens, intimadas por Fernaõ Gonçalves de Miranda, e se reduziaõ a mandarlhe, deixasse passar o Duque, que vinha occupado no Real serviço: que elle se retirasse logo para Coimbra, donde naõ sahiría sem licença sua; e que se assim o naõ cumprisse, elle iria em pessoa castigallo como a rebelde, e desobediente. O Infante, longe de differir promptamente ao que se lhe requeria, respondeo a El-Rei: Que el-

Era vulg.

Era vulg. elle, e o Duque de Bragança ambos eraõ vassallos, que naõ podiaõ pagar gentes de guerra; que elle licenciaria as suas; logo que o Duque, seu inimigo capital, fizesse o mesmo.

Fez o Conde de Ourem picar tanto a El-Rei desta resposta, que elle marcharia a forçar as Praças do Infante, se o Duque naõ achasse o expediente de se valer da noite para desfilar a sua gente em pequenas trópas, como de caminhantes, em huma das quaes elle passou sem perigo pela fragosidade da Serra da Estrella. Quando o Infante soube a retirada do Duque, naõ fez movimento, contra o parecer do Conde de Abranches, que queria o seguissem para senaõ perder a conjunctura da sua segurança na ruina dos seus inimigos. Com a chegada do Duque a Santarem subíraõ os negocios ao ultimo ponto da critica na informaçaõ, que elle deo ao Rei, e na facilidade com que este mandou publicar hum bando, no qual o Infante, e todos os da sua facçaõ foraõ declarados rebeldes, trahidores, sediciosos, acompanha-

nhado do ruido surdo, que promettia Era vulg.
assegurar-se o Rei das suas pessoas, especialmente da do Infante, que havia ser trazido a Lisboa vivo, ou morto. Entaõ se allistou gente em grande cópia, e se deo hum perdaõ geral a todos os criminosos, que viessem tomar armas contra o Infante infeliz.

Naõ se satisfez o odio com a ruina do pai sem culpa, e avançou a perseguiçaõ contra o filho innocente, o Condestavel D. Pedro, que residia nas terras do seu Mestrado de Avís. Contra elle marchou o Conde de Odemira D. Sancho de Noronha, irmaõ do façanhoso Arcebispo de Lisboa, para se assegurar da sua pessoa, com o pretexto, de que seu amigo o Mestre de Alcantara podia trazer gente de Castella em seu soccorro, e do Infante seu pai. O Mestre estava taõ longe destas idéas, que passando-se D. Pedro para Alcantara, sem pretender delle mais que o trato de huma hospedagem honrada, elle naõ exercitou a virtude, nem conheceo a pessoa. A fugida do filho firmou a sentença, que se lavrou

con-

Era vulg. contra o pai, ou de huma prisaõ perpetua, ou de huma mórte violenta. A Rainha, penetrada de huma resoluçaõ taõ cruel, e dividida entre os deveres de filha, e de esposa, porque se tratava de tirar a vida áquelle, de quem ella a recebera, assentou que era da sua obrigaçaõ avizallo com tempo. Recebeo o Infante o aviso de sua filha com semblante taõ inalteravel, que perguntou ao correio pela saude del Rei, pelos divertimentos, em que se entretinha, e sendo horas de jantar, comeo com o desaffogo, que costuma ser effeito de huma consciencia sem crime.

Depois chamou á sua camara os criados, e confidentes de fidelidade provada, e lhes fez lêr o aviso da Rainha, tomando o Ceo por testemunha, com lagrimas compassivas, da injustiça, com que os seus inimigos o reduziaõ a estado taõ calamitoso, pedindo-lhes o voto em aperto o mais critico para huma pessoa do seu caracter. Depois de se notar a situaçaõ do espirito del Rei, que se havia prevenido

des

dès de longo tempo, e de se discorrer sobre as vozes desavantajosas, que os contrarios do Infante haviaõ espalhado, especialmente depois da sua ausencia da Corte, em hum tempo que pessoa alguma naõ ousava tomar o seu partido. Quasi todos os vótos se conformáraõ, que elle devia pôr-se em estado de defender-se, se o viessem insultar a sua casa; que esperasse nas Praças do seu dominio o destino da sórte, como meio unico de derrótar as suspeitas, que tinhaõ feito conceber ao Rei, de que elle queria ir insultallo na Corte, e avanar o Throno.

Era vulg.

O bravo Conde de Abranches, cheio dos nobres sentimentos, que lhe inspirava a innocencia do Infante, o aconselhou, que marchasse com a gente que tinha a Santarem, se lançasse aos pés del-Rei, lhe rogasse, que o ouvisse, implorasse a sua justiça para confundir os inimigos, que na sua presença lhe rompêraõ a reputaçaõ, ou ao menos lhe désse campo para se bater com elles, naõ só para sustentar a sua innocencia, e fidelidade,

mas

Era vulg. mas para deixar ao mundo a memoria, de que este era o unico meio, com que se devia conduzir a honra de hum filho do Rei D. Joaõ I., Tio delle D. Affonso, seu Tutor, e pai da Rainha sua mulher: que se nada disto lhe aproveitasse, a honra, a vida, a pessoa, o credito, tudo elle fiasse do seu valor, que em lance algum devia desamparar hum Principe do seu caracter.

Como o Infante estava inclinado a esperar os seus inimigos em qualquer parte, e combatellos, exceptuando sempre a pessoa del Rei, prevaleceo a proposta do Conde, que no modo de se interessar por elle, e pela intençaõ, que formava de participar da sua boa, ou má fortuna, o fez dispôr a partir para Santarem sem perda de tempo. Tem os negocios da honra tantas delicadezas, que muitas vezes naõ deixaõ conhecer a homens de espirito sublime idéas barbaras, que se lhes figuraõ impetos magnanimos. Ainda que a uniaõ do Infante, e do Conde se fundava sobre huma amizade fiel, e sincéra, que os successos mais sin-

singulares, naõ poderiaõ romper; elles a quizeraõ mais ligada com os vinculos santos da Religiaõ, que a fariaõ inviolavel. Para isso, depois de unirem os rógos ao Ceo, assim como tinhaõ apertados os coraçoẽs; depois de assistirem ao Sacrificio da Missa, e de receberem o Corpo de Jesu Christo sacramentado; elles se promettêraõ reciprocamente a alta voz, junto ao Altar, e juráraõ nas mãos do Padre, que era Alvaro Affonso, Capellaõ do Infante, que o destino de hum regularía o do outro; que se hum morresse na justificaçaõ da sua innocencia, o outro morreria pela defender; que ambos neste projecto naõ teriaõ senaõ hum mesmo principio, e hum mesmo fim.

Era vulgar

Era vulg.

CAPITULO V.

Parte o Infante D. Pedro de Coimbra para Santarem, e he morto na batalha escandalosa de Alfarroubeira.

O AMOR, e actividade da Rainha D. Isabel, combatidos dos males, que receava, naõ havia dexteridade, que deixasse de metter em uso para impedir a rotura da guerra entre o pai, e o marido; e vendo os preparos da campanha, e o fundo dos animos já dispostos para executarem temerarias as resoluções, naõ quiz differir mais tempo o declarar-se com El-Rei. Ella se lhe lançou aos pés chorosa, afflicta, deixando antes fallar a natureza, que a lingua, antes os affectos, que as palavras, naõ podendo El-Rei resistir terno, concedendo benigno o perdaõ a seu sogro, se elle quizesse conhecer a sua falta. A Rainha, fiada na palavra Real, communicou a seu pai esta noticia, que desconcerta-

va as medidas dos ſeus emulos, novamente empenhados em introduzir no Reino hum arrependimento indecororoſo, que com effeito ſe deſcobrio, logo que ſe pode affectar o primeiro pretexto. O Infante, mais tocado da ternura da filha, que da clemencia do genro, lhe reſpondeo, que a ſua innocencia nada tinha, de que pedir perdaõ; mas que pela agradar, faria quanto ella lhe inſinuava. Era vulg.

A Rainha, que nos tranſportes do alvoroço, naõ deo lugar ao eſpirito para penetrar as conſequencias deſta carta, entrou na Camara do Rei, e lha moſtrou cheia de prazer pela diſpoſiçaõ, em que eſtava ſeu pai de fazer o que ſe queria delle. Leo-a El-Rei; mas quando chegou ás palavras *por vos agradar:* Mageſtade, juſtiça, amor da eſpoſa, o ſeu reſpeito, os vinculos do ſangue, tudo foraõ victimas da cólera indomavel, que desfigurou no Throno a ſerenidade, que ſemelhante vapor naõ deve perturbar; que ſe voltou contra a Rainha, como ſe foſſe huma co-ré nos imagina-

Era vulg. nados crimes do pai; que lhe rompêo na presença a carta, e ao mesmo tempo o decóro da sua soberania; que promulgou inexoravel a ultima sentença da ruina de hum Infante Sogro, e Tio. Vio-se a Rainha em desolaçaõ extrema por esta mudança del Rei, que naõ pode mover com os muitos generos de persuasões inspiradas pelos affectos mais vivos da sua alma.

Sempre prevenido, e pouco escrupuloso o odio, porque naõ succedesse outra vez o Rei mostrar-se sensivel á Rainha, os inimigos do Infante lhe propozeraõ se retirasse della pela conservaçaõ da sua saude; mas naõ bastando esta industria para vencêr o amor do Rei, elles naõ se embaraçáraõ em lhe querer persuadir aleivosos, que a sua casta Esposa tinha tratos indecentes com D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, que esteve preso em quanto a verdade se naõ pôz patente para confusaõ dos accusadores impios. Nem este testemunho bastou para o Rei mudar de sentimentos, nem elles perdêraõ corage para continuarem a fazer-

lhe

lhe crêr, que a segurança da sua vida Era vulg.
dependia delle tirar a do Infante, que
devia ser atacado na marcha, que fa-
zia para a Corte, para o que se déraõ
as ordens precisas. De novos temores
se rodeáraõ ao mesmo tempo os emu-
los do Infante, quando viraõ, que o
Rei, depois da desconfiança suggerida,
dobrára para com a Rainha as ternu-
ras, ao Conde de Monsanto fizera mer-
cês novas, e temêraõ as mudanças,
que as impressões, e a idade podiaõ
causar no Rei.

Com tudo reviveo o seu espirito,
observando que senaõ alteravaõ as or-
dens para ser cortada a marcha do In-
fante, que sahio de Coimbra com mil
cavallos, e cinco mil Infantes a bus-
car o seu destroço. Elle naõ ignorava
as differentes manobras, que se tinhaõ
feito junto á pessoa do Rei, huns para
o justificar, outros para o perder. Fir-
me no seu procedimento sempre irre-
prehensivel, e occupado da confiança
céga da bondade del Rei, o Infante se
capacitou, que em elle apparecendo
na Corte, abysmaria os seus contra-
rios,

Era vulg. rios, e daria hum alto tom á voz da sua justiça. Sem duvidar da equidade do Rei, teve por conveniente vír armado para lhe servir de ruina o mesmo meio da segurança. De Alcobaça passou elle a Rio-Maior, aonde grande número dos seus Officiaes, já taõ perto de Santarem, lhe representáraõ como naõ tinha forças para resistir aos seus inimigos, e muito menos ás trópas del Rei, se o atacassem: que retrocedesse para Coimbra, ou marchasse adiante sem armas, que era o modo de pedír justiça. Naõ se fez entendído o animo preoccupado do Infante a este aviso cheio de sabedoria, nem pode conter-se quando lhe trouxeraõ preso a Pedro de Castro, criado do Infante D. Henrique, que elle favorecêra, e agora lhe era ingrato, para deixar de o deitar em terra morto com o golpe de hum pao na cabeça.

Receou El-Rei, que o Infante se apoderasse de Lisboa, e a mandou segurar por pessoas da sua confidencia. Deo ordem, para que dous criados do Infante, que estavaõ nella, fossem

es-

esquartejados, e pendurados os quartos nas portas da Cidade. Entaõ o partido contrario com o Duque de Bragança na frente, deo a ultima maõ ás suggestões, fazendo crêr a El-Rei, que o Infante marchava a Lisboa para se apoderar do Throno; que acodisse com tempo a reparar o golpe, antes que o mal perdesse toda a esperança de remedio. Teve D. Affonso por saudavel este parecer, a que logo differio, sahindo a campo com 30000 homens. Nesta extremidade, o Conde de Abranches, que reconhecêra o exercito Real, disse ao Infante ser impossivel, que de mórtos, ou prisioneiros escapasse algum dos seus; que se pozesse em salvo em quanto elle entretinha huma escaramuça, que lhe désse lugar a ganhar terreno na fugida. Immediatamente soou hum bando, em que El-Rei ordenava, que todos os que seguiaõ o Infante o deixassem, e nessa noite lhe desertáraõ todos os que se occupáraõ das imagens do temor.

Era vulg.

No dia seguinte 20 de Maio de 1449 Alvaro de Brito, que governa-

va

Em vulg. va a artilharia do Infante, mandou disparar huma peça com pontaria taõ barbara, e atrevida, que deo na Tenda del Rei. Este golpe, fosse casual, ou pensado, ferio o coraçaõ de todos os bons Portuguezes, que se lançáraõ como leões sobre o campo do Infante, que estava entrincheirado no de Alfarrobeira. Já proximo o perigo, novamente aconselháraõ ao Infante, que se retirasse; mas elle arrebatado dos impulsos da honra, ou dos impetos da vingança, com a espada na maõ, deo golpes de desesperado, até ser atravessado pelos peitos de huma seta, que o derrubou pedindo confissaõ. D. Luis Coutinho, Bispo de Coimbra, o absolveo, e neste leito chamado da honra, para o Infante de tanta ignominia, acabou o estimavel Principe, condecorado na vida com tantas acções illustres, se agora deslustradas por buscar a occasiaõ de semelhante morte, gloriosamente restituidas pela efficacia do seu arrependimento.

O Conde de Abranches, que em todo o conflicto naõ lhe deixára o la-

do,

do, vendo-o morto, entrou na sua tenda a refazer as forças com algum alimento; e para cumprir o voto, entrou a pé pelas esquadras del Rei a buscar a morte, que foi comprando a pedaços pelo preço de muitas vidas. Cançado de matar cahio sem alentos este bravo homem, digno de melhor fim, dizendo com vozes languidas ao tropel, que se lançava sobre elle: Fartai-vos, rapazes, fartai-vos. O resto da gente, lastimada da morte do seu Principe, sustentou a refrega até perder a vida, ou a liberdade. Seu filho D. Jayme, com todos os Officiaes, ficou prisioneiro. Dos mortos foraõ os mais distinctos da parte do Infante João Mascarenhas, seu Alferes Mór, Luiz Gomes da Gran, e seu irmaõ, Diogo Peyxoto, e Rodrigo de Arvellos: da del Rei faltáraõ o Aposentador Mór Ruy Mendes Cerveyra, Fernaõ de Sá, Alcaide Mór do Porto, Joaõ Rodrigues Peçanha, e outros muitos Fidalgos, e soldados. Taõ longe passou o resentimento del Rei contra o Infante, que o seu cadaver esteve tres dias

Era vulgar

no

Era vulg. no campo, porque elle prohibio darse-lhe sepultura. A mesma deshumanidade se usou com o corpo do Conde, que foi enterrado pelas instancias de seu irmaõ natural Joaõ Vaz de Almada, Védor da Fazenda del Rei.

A paizanage daquelles contornos, que ignorava as ordens Reaes, ou se deixou tocar da piedade, veio ao campo, e na Igreja de Alverca fez sepultar o cadaver do Infante, que taõ desastradamente acabou aos 57 annos da sua idade. A noticia da sua mórte apenas deixou liberdade á Infante sua mulher, para evitar desgraça semelhante, que se lhe ameaçava, de fugir incognita pelos hermos. Seus filhos, objectos do mesmo odio, houveraõ de abandonar a Patría, e desterrar-se ás alheias. Os seus criados, e amigos presos, soffrêraõ calamidades inauditas. Em fim o Rei, quando se lisongeava de ter feito a sua vontade, ficou sem ella, dominado por homens taõ inimigos da sua authoridade Soberana, como o tinhaõ sido da pessoa Real do

Prin-

Principe, unico freio da sua ambiçaõ sem medida. Era vulg

Foi o Infante D. Pedro ornado de todas as virtudes, que formaõ hum Principe completo. Elle mostrou igual politica no Gabinete, que valor na campanha; a mesma erudiçaõ profunda nas Letras Sagradas, que nas humanas; sem differença a elegancia na composiçaõ em prosa, que no verso; eloquente na lingua materna, e nas estranhas; exactamente casto, sem amar em toda a vida outra mulher além da sua. Para com os Ministros do Senhor foi taõ attento, que nunca consentio lhe beijassem a maõ, nem fallassem de joelhos. Elle tolerou firme o odio dos seus emulos, disfarçado com as cores de bem público, como temos visto. Elle sustentou huma casa digna da sua representaçaõ, porque era composta de 363 pessoas. A politica, com que elle administrou os negocios; a justiça com que punio os delinquentes; a generosidade com que premiou os benemeritos; sobre tudo as virtudes Christãs, que exercitou em toda

a

Era vulg. a sua vida, respíraõ o alento com que a fama no mesmo brado o canoniſa: hum Heróe irreprehensivel; e reprehende de injuriosa a batalha de Alfarrobeira.

O seu cadaver esteve cinco annos na sepultura humilde de Alverca, aonde o lançáraõ os paizanos, que o leváraõ do campo no magnifico feretro de huma escada de maõ. Indecencia taõ mal soffrida do Duque de Borgonha, que cheio de indignaçaõ, naõ cessava de pedir o corpo do Infante, que Portugal naõ estimára, nem conhecêra, para lhe fazer em Flandres as honras, que eraõ devidas á alta dignidade da pessoa, correspondentes á sublimidade do seu merecimento. Ou fosse que El-Rei se receasse, de que os rogos do Duque movessem a furtar os ossos do Infante, ou reparar com a pompa funebre a injustiça, que já reconhecia ter feito á sua memoria; elle os mandou desenterrar, e conduzir ao Castello de Abrantes, donde a instancias do Papa, da Rainha, e dos mais Principes da Europa, que lhe

es-

estranhavaõ passasse o odio com seu sogro além da mórte, os mandou vír a Lisboa para serem trasladados ao sepulchro, que seu pai lhe deixára lavrado no Convento da Batalha. Era vulg.

Portugal, que já víra reinar huma Raínha depois de morrer, agora feito em cinza, vio exaltar hum Infante a quem tirou a vida. No anno de 1454, feitas em Santo Eloy Exequias solemnes pela Alma do Infante, partíraõ El-Rei, e a Rainha com semblante de filhos para o Convento da Batalha a esperar as reliquias da sua mortalidade, que com apparato brilhante conduzia o Infante D. Henrique acompanhado de toda a Nobreza, Cléro, e Religiões. Sahíraõ os Reis a recebellas de ceremoria, e as acompanháraõ á Igreja, aonde no dia seguinte se fez outro Officio, no fim do qual foraõ collocadas no primeiro dos quatro Mausoleos, que estaõ na Capella á maõ direita dos Reis seus pais; donde clamaõ á posteridade com estas vozes da Musa do Doutor Antonio Ferreira;

« que

Era vulg. que as gravou em hum dos ſeus Poemas para Epitafio perpetuo:

Filho ſegundo del Rey Joaõ primeiro,
Tyo, e ſogro del Rey Affonſo quinto
Vês-me em premio de amor taõ verdadeiro
De pó coberto, de meu ſangue tinto:
De ingratos morto, e em mórte priſioneiro,
Lê minha triſte hiſtoria, que naõ minto.
A Fama dá de mim fé verdadeira;
Do injuſto, e cruel odio Alfarrobeira.

CAPITULO VI.

Como ſe juſtificou a innocencia do Infante; como ſe conduzio a Rainha, e deſtino de ſeus illuſtres filhos.

SUCCEDIDO, e publicado na Europa o cataſtrofe laſtimoſo do Infante, que acabo de eſcrever, toda ella reprehendeo a deshumanidade de D. Affonſo contra hum pai taõ digno de outras attenções. Ainda que nada a faría deſculpar, nem a idade de 17 annos no Rei podia ſervir-lhe de deſculpa; elle quiz aggravar o eſcandalo, naõ ſó com

a

a perseguiçaõ inexolaravel contra todas as creaturas do Infante; mas o que tem mais de extraordinario, admittindo cégamente os conselhos perfidos dos seus inimigos na proposta abominavel de repudiar a Rainha, que naõ podia deixar de esperar conjunctura para vingar nelle a morte de seu pai. Entretanto que laborava esta máquina, se formava o processo do Infante com o maior rigor, para que crimes atrozes fizessem desculpavel a tyrannia.

Ería vulg.

Porém o vingador Supremo das innocencias, quando pela mórte daquelle Principe haviaõ cessado a lisonja, a dependencia, o obsequio, e as mais razões de interesse, que costumaõ desfigurar a verdade, elle permittio, que nada se descobrisse, com que levemente o culpassem, que os seus mesmos papeis bem examinados fossem os abonadores da sua candura; que todos os testemunhos acreditassem a sua fidelidade; em fim, triunfante a verdade de todos os esforços, com que os seus emulos quizéraõ desmentilla. Esta justificaçaõ plena, que soou por to-

Eta vulga todo o mundo, naõ os desanimou para suspenderem a perseguiçaõ contra a Rainha, que na fugida de seus irmãos, eraõ objecto unico, que ficava no Reino, de que se podiaõ temer. Elles se servíraõ de huns poucos de Theologos do caracter daquelles, de quem se diz, que tem opiniões para tudo, suggerindo-os persuadissem ao Rei vacillante o perigo, a que estavaõ expostos a sua pessoa, e Reino, senaõ repudiasse a Rainha, que se fazia temivel pela vingança, e pelo crédito, a primeira reconcentrada no animo, o segundo estabelecido em Portugal, e fóra delle. Para o forçarem a determinar sem susto de quebra de representaçaõ, elles coráraõ o pretexto, de que os seus desposorios foraõ contrahidos em huma idade incapaz de consensos livres; e que o que elle entaõ déra, todo o mundo o entendia arrancado com violencia.

Como a equidade de D. Affonso, pelas justificações da innocencia do Infante, se sentia aballada para conhecer as injustiças, que com elle se usáraõ,

raõ : como o ſeu amor á Rainha o Era vulg.
enchia de confuſaõ para admittir hum
tal conſelho, taõ oppoſto á ſituaçaõ
do ſeu coraçaõ, e da ſua alma, elle,
naõ ſó teve corage para eſta vez di-
zer, *Naõ quero*, aos valídos; mas or-
denou que a Rainha em continente
ſe recolheſſe á Corte para viver com
elle nos vinculos doces do matrimonio.
Ella entrou em Lisboa ſém a mais li-
geira demonſtraçaõ de luto pela morte
de ſeu pai, toda veſtida de galla. Que
acçaõ neſta Senhora taõ cheia de po-
litica! Penetrou o ſeu eſpirito, que
ella eſtava na conjunctura de poſpôr os
ſeus deveres reſpectivos ao pai á diffe-
rença das vontades do eſpoſo. Eſta at-
tençaõ o toca, e ſe a ſua alma ſó ti-
veſſe huma pequena parte de inclina-
çaõ á Rainha, ella lha inclinára to-
da. Já elle moſtrava o arrependimento
de haver differido aos conſelhos deteſta-
veis dos inimigos do Infante; e a injuſ-
tiça, que comettera em o crêr culpa-
do, o penetrava de dôr; ſervindo-ſe
das ternuras para com a Rainha, como
de prepáro para a expiaçaõ de tal delicto.

Era vulg. Ao mesmo tempo naõ cessavaõ os clamores da Europa escandalisada, ás instancias do Duque de Borgonha, e da Duqueza sua mulher para o restabelecimento da honra, e credito de seu irmaõ, e cunhado. Já por toda ella se derramára a voz, de que em Portugal se descobríra a fundo a malicia dos inimigos do mesmo Infante; e elles sensiveis ás consequencias, quizeraõ justificar-se na presença do Papa, e adoçar o espirito dos Principes, para que elles intercedessem pelas suas pessoas ao Rei, que conhecendo a offensa, poderia ser inexoravel nos castigos. Em todas as Cortes os seus Manifestos encontráraõ desprezos; todas os reprehendêraõ, e o Papa excommungou aos que foraõ causa do Rei negar sepultura ao cadaver do justificado Infante.

De seus innocentes filhos dei eu já huma breve noticia; mas agora depois da mórte do pai, direi que os tres Varões D. Pedro, D. Joaõ, e D. Jayme, cruelmente perseguidos, abandonáraõ a Pátria. D. Pedro, que depois foi res-

restituido a ella, aos seus empregos, Era vulg.
e que servio a El-Rei seu primo nas expedições de Africa com zelo, e valor correspondentes á sua alta qualidade, no anno de 1464 o elegêraõ Rei de Aragaõ os Catalães, e Grandes deste Reino, descontentes de D. Joaõ II. Rei de Aragaõ, e Navarra, por ser filho da filha mais velha do Conde de Urgel, a quem a Coroa de direito pertencia. D. Fernando, que succedeo a seu pai D. Joaõ, declarou a guerra ao nosso Principe, que a sustentou com os soccorros de seu Tio Filippe, Duque de Borgonha; mas sendo vencido pela fortuna de D. Fernando, houve de se retirar a Manresa em Catalunha, conservando o titulo, e honras de Rei até o anno de 1466, em que dizem morrêra de veneno.

Seu irmaõ D. Joaõ, que casou com Carlota, filha de Joaõ III. Rei de Chypre, e devia herdar o Reino por morte do sogro, elle foi declarado Regente em 1456. O Duque de Borgonha seu Tio lhe conferio o Collar da Ordem do Tusaõ; mas fallecendo antes

 do

Era vulg. do Rei, Carlota tornou a casar com Luiz de Saboya, filho segundo de Luiz, Duque de Saboya, e de Anna de Chypre sua tia. Ella foi coroada Rainha em Nicosia, no anno de 1458; mas seu irmaõ bastardo Jayme, que fora destinado ao serviço da Igreja, e já tinha ordens de Subdiacono, se levantou contra ella, e com as trópas do Soldaõ Melec-Ella a lançou do Reino. Depois da Rainha infeliz empregar sem fruto todos os esforços para o seu restabelecimento, ella se retirou a Saboya, e dahi a Roma, aonde presente o Papa, e Cardeaes, cedeo o Reino em seu sobrinho Carlos, Duque de Saboya: doaçaõ, que a esta Casa deo o direito, que ella tem ao Reino de Chypre, de que até hoje conserva as Armas, e o Titulo.

O usurpador Jayme se casou com Catharina, filha do Veneziano Marco Cornaro, que foi adoptada pelo Senado, e delle recebeo hum grande dote. Ella, que em pouco tempo ficou sem marido, e sem hum filho, que lhe nasceo posthumo, no anno de 1470 em

em demonſtraçaõ de agradecida, cedeo nos Venezianos as ſuas pretenções ſobre o Reino de Chypre, vivendo ainda a Rainha Carlota. Elles o poſſuíraõ até o anno de 1571, em que o conquiſtou Selim II. Imperador dos Turcos, e porque hum Portuguez infame foi cauſa deſta conquiſta, eu vou levando o fio neſta paſſagem da Hiſtoria de Chypre.

Era vulg.

Fugíra de Portugal hum facinoroſo alentado, que ſe chamava Joaõ Miguens, e ſe retirou a Veneza, aonde viveo ſem deſcobrir caracter honroſo, que a natureza, e os coſtumes lhe negáraõ. A delicadeza dos Venezianos lhe obſervou a conduta, e o condemnou a penas infames, que alteráraõ o animo preſumido de hum Portuguez fóra da Pátria, tranſportado dos flatos de parecer alguem, ainda que nada ſeja. Joaõ Miguens offendido concébeo deſignios de ſe vingar, e para o fazer ſe foi a Conſtantinopla, aonde caſou com huma Judia poderoſa em cabedaes, que com elles lhe abrio a porta para entradas frequentes com o Graõ-

Tur-

Era vulg. Turco Selim. A communicaçaõ degenerou em familiaridade, sendo Miguens admittido nas occasiões occultas, em que o barbaro rompia a Lei com as ebriedades na sua camara. Nos fervores destes transportes o industrioso lhe propunha a conquista de Chypre, que Selim lhe promettia, e batendo-lhe no hombro dizia balbuciante: Eu vencerei Chypre, tu serás o Rei. A primeira parte do prognostico foi visto cumprir, á segunda faltou Selim já entrado em acordo.

Ultimamente, D. Jayme, filho terceiro do Infante D. Pedro, que se achou com seu pai na Batalha de Alfarrobeira, e nella ficou prisioneiro, apenas pode obter a liberdade, sahio do Reino, e foi valer-se da protecçaõ de sua tia a Duqueza de Borgonha, D. Isabel. A inclinaçaõ para o estado Ecclesiastico, que ella lhe observou, a moveo a mandallo a Roma. O modo, por que elle se conduzio na Curia, as qualidades brilhantes, que descobrio, as acções sublimes, que fez, os testemunhos, que deo de huma dou-

tri-

trina sólida, de huma humildade profunda, obrigáraõ o Papa Calixto III. a criallo Cardeal do titulo de S. Eustachio no anno de 1456. Esta nova Dignidade foi acompanhada da de Arcebispo de Lisboa, já restituido á graça del Rei seu primo, que a elle em vida, e a seu pai depois de morto perdoára as culpas, que falsamente lhes imputáraõ, e os canonisou innocentes; mas este respeitavel Cardeal, quanto mais o revestiaõ de honras illustres, e de titulos gloriosos na Igreja Santa, tanto mais elle se mostrava nobremente humilde, e heroicamente virtuoso.

Era vulg.

El-Rei D. Affonso o chamou de Borgonha a Lisboa para o acompanhar em huma das jornadas de Africa, que naõ teve effeito, e voltou para casa de sua tia, aonde morreo, como dissemos, na flor dos seus annos, por naõ querer contaminar a castidade, que se lhe aconselhava por unico remedio da sua queixa, e por naõ inficionar com esta culpa a graça baptismal, que conservou até a morte, succedida no

an-

Era vulg. anno de 1459. Entre outros muitos Authores, que delle deixáraõ memoria, diz Eneas Sylvio, depois Papa Pio II.: Jayme foi dotado de singular mageſtade, e gravidade, de engenho agudo, benemerito das letras, grande amante das virtudes, e taõ digno de altas Dignidades, que a de Cardeal lhe tardou muito, obtendo-a taõ moço.

LI-

LIVRO XXVII.

Da Historia Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Trata-se da vida, e descobrimentos do Infante D. Henrique, de que fizemos memoria até o anno de 1445, continuando deste dito anno em diante até o de 1460, em que falleceo.

AINDA que nos reinados de D. Joaõ I., e D. Duarte eu deixei escritas até aquelles annos as acções heroicas de seu grande filho, e irmaõ o Infante D. Henrique. Agora continuo a dizer, que como a natureza cega lhe tirou das mãos o Sceptro de Portugal, elle quiz ser herdeiro do valor do pai, concebendo nas primeiras idades espiritos taõ sublimes, que parece se animava o seu coraçaõ com os furores bellicos, de que nós vimos os ensaios na conquista de Ceuta. Nesta empre-

Era vulg.

za

Era vulg. za famosa, honrada com a presença do seu grande pai, foi elle dos primeiros, que saltou em terra, que entrou na Cidade, seguido de poucos, e acomettido de muitos, aonde com a voz, e com o exemplo, animou os seus, e confundio os Barbaros, contando na idade de vinte e hum annos por número mais crescido as heroicidades. Nós o vimos segunda vez voltar a Africa na companhia de seu irmaõ o Infante Santo D. Fernando, inflammado no zelo de dilatar a Fé, e ainda que os effeitos naõ correspondêraõ á piedade das intenções, sempre conseguio o credito de constante, a reputaçaõ de Chéfe, a gloria de valeroso.

Nós deixamos dito, como naõ teve menos corage para as armas, que subtileza para as letras, em que fez hum estudo taõ vasto, especialmente nas disciplinas Mathematicas, que se determinou mostrar ao mundo a sua ignorancia na existencia dos Antipodas, no habitavel da Zona-Torrida; sendo a penetraçaõ do seu espirito quem descobrio a vasta extensaõ dos mares,

quem

quem domou o orgulho do Oceano, quem deo a conhecer novas terras, quem domesticou a ferocidade das Nações: intentos santos, que o obrigáraõ a abandonar os tumultos da Corte, e retirar-se para a Villa de Sagres no Algarve para cultivar com maior tranquillidade os estudos, e lançar as quilhas Portuguezas a cortar mares nunca de antes navegados, romper os caminhos incognitos ás gentes da Europa para fazerem o mundo communicavel a si mesmo. Nós temos visto os principios destes descobrimentos do nosso Infante no anno de 1419 continuados até o de 1445, aonde agora vamos atar o nosso fio para o levarmos direito, correndo com o da vida do mesmo Infante.

Era vulg.

Descobertas as Ilhas de Porto-Santo, Madeira, Arguim, dobrados os Cabos, Bojador, Branco, e Verde; com a mais cósta de Africa, que fica dita, como havia tempo, que Joaõ Fernandes, camarada de Antaõ Gonçalves, andava pelo Sertaõ do Rio do Ouro informando-se das qualidades daquel-

Era vulg. quelle Paiz, o Infante mandou conduzillo pelo mesmo Antaõ Gonçalves, Garcia Mendes, e Diogo Affonso em tres caravellas, que forçadas de huma tormenta, perdêraõ a conserva, e cada qual seguio o seu destino por differente rumo. Diogo Affonso foi o primeiro que chegou a Cabo-Branco, e sahindo a terra, aonde fez alguns cativos, quando voltava se encontrou na praia com Joaõ Fernandes, que trouxe ao Reino. Delle soube o Infante o que desejava; a qualidade, e producções da terra; os costumes, e trafico da gente, de que dá larga noticia Joaõ de Barros. Elles deixáraõ áquelle sitio o nome de Cabo do Resgate.

Antaõ Gonçalves, e Garcia Mendes, depois de fazerem alguns cativos em Cabo-Branco, e havida porçaõ de ouro, voltáraõ a Portugal. As frequentes noticias dos interesses deste commercio, e os desejos de agradar o Infante, estimulavaõ os homens para se offerecerem voluntarios á continuaçaõ das emprezas. Assim o fez Gonçalo Pacheco, morador rico de Lisboa,

que

que armou á sua custa hum navio, e de Lagos o seu Alcaide Mór, Sueiro da Costa, que em varios Reinos da Europa havia servido com valor, seu genro Lansarote, e outros Capitães distintos do Algarve, e de Lisboa, sahírão com quatorze embarcações, que unidas a mais doze da Ilha da Madeira, continuárão a navegação da Cósta de Africa. Diniz Annes da Gran, que mandava o navio de Gonçalo Pacheco, e o Capitão Mafaldo corrêrão oitenta legoas adiante de Cabo-Branco pela terra firme, aonde fizerão bastantes cativos em desconto da vida de sete Portuguezes: perda tão sensivel a Diniz Annes, que encontrando-se com Lansarote, e com vários vasos da fróta de Lagos, lhes pedio fossem com elle vingar a sua injúria no mesmo lugar do primeiro combate. Elles achárão a Aldéa deserta, e Diniz Annes não tendo objectos, em que desaffogar a cólera, veio para Lagos.

Era vulg.

Lansarote com os seus camaradas se foi á Ilha de Tider, que se divide da terra firme por hum braço estreito

do

Era vulg. do mar, aonde pôz sobre ferro tres embarcaçōes para ao mesmo tempo dominar o continente, e a Ilha. Mas os Barbaros já animados para a defensa, vieraõ á praia insultar as tripulaçóes das tres barcas, que sem temer o seu grande número, determináraõ castigallos. Diogo Gonçalves, Moço da Camara do Infante, e hum Pedro Alemaõ, natural de Lagos, foraõ os primeiros que se lançáraõ a nado a investillos. Apôz estes fizeraõ o mesmo todos os que se picáraõ da emulaçaõ honrada, e em huma escaramuça vistosa de poucos contra tantos, os nossos matáraõ doze, prendêraõ 57, e pozeraõ o resto em fugida. Sueiro da Costa, entendendo que na entrada do Inverno naõ tinha mais que fazer naquellas paragens, voltou com alguns dos Capitães para Lagos, e deixou com outros a seu genro Lansarote para se empregarem nas expediçōes, que bem lhes parecesse.

Depois de várias tentativas em Tider, e Cabo-Branco, Lansarote veio ás Ilhas Canarias com intentos de entrar

trar na de Palma, que estava em desconfiança com a da Gomeira, aonde elle aportou. Os nossos pedíraõ aos moradores de Palma soccorro contra os Gomeiros, que lhe foi mandado, e os ajudáraõ no combate, em que prendêraõ a Rainha da Ilha com alguns dos seus vassallos. Parecendo-lhes ainda pouco o valor da preza, a avareza arrastou os nossos para esquecerem o beneficio recebido dos de Palma, que atacáraõ para prender 21 pessoas, que trouxeraõ ao Reino. O Infante sentio tanto esta rotura da hospitalidade, que derrotaria entre os Barbaros o credito das nossas virtudes, que ordenou fossem os presos muito bem vestidos á custa de quem os cativára, e levados ao mesmo lugar, aonde tinhaõ sido tomados. Acçaõ taõ estimada dos Ilheos, que dalli em diante senaõ escusáraõ ao serviço do Infante com todas as demonstrações de zelo.

Era vulg.

Como fallámos nestas Ilhas Canarias, ainda que hoje naõ estejaõ no dominio da nossa Coroa, por se haver

in-

Era vulg. interessado o Infante na sua conquista; nós naõ deixaremos a nossa Historia sem dar dellas individual noticia. As Canarias ficaõ no mar Athlantico, distantes 200 legoas de Hespanha, 57 da Cósta de Africa, em 28 gráos da parte do Nórte, defronte do Reino de Marrocos. A Ilha principal he a Canaria, e no seu número variáraõ os antigos. Proclo disse, que eraõ dez, Ptolomeo, que seis, e Plutarco, que duas. Nós hoje contamos sete, a saber: Canaria, Tenerife, Palma, a do Ferro, Forteventura, Gomeira, Lancelota. Alguns com erro manifesto pensáraõ, que ellas eraõ as Ilhas Fortunadas, sendo-o no conceito de outros as de Cabo-Verde. Os seus moradores antigos permitiaõ o uso das mulheres, comiaõ carne crua, e praticavaõ as abominaçōes vulgares á Idolatria, que elles abraçavaõ.

Diz a Tradiçaõ, que o primeiro descobridor destas Ilhas fora o Cartaginez Hanon, quatro seculos e meio antes da vinda de Jesu Christo. Nos annos da nossa Éra 1344, se affirma as

qui-

quizera conquiſtar D. Luiz de la Cer- Era vulg.
da em nome de D. Pedro IV., Rei de
Aragaõ: que nos de 1363, ou nos de
1405 huma armada Caſtelhana, e Fran-
ceza as deſcobríra, e fizera nellas mui-
tos priſioneiros: que a Rainha D. Ca-
tharina, viuva do Rei Henrique III.
de Caſtella, no anno de 1417 pedíra
licença, e ſoccorro a ſeu filho D. Joaõ
II. para Monſieur de Bracamonte, Al-
mirante de França, as conquiſtar com
o titulo de Rei, nomeando logo Suc-
ceſſor a ſeu ſobrinho Joaõ de Betan-
court: que ſendo-lhe concedidas hu-
ma, e outra couſa, elle ſahíra de Se-
vilha com huma grande armada, e ga-
nhára a do Ferro, Forteventura, e
Lancelote, donde mandára para Caſtel-
la eſcravos, e fructos deſconhecidos:
que elle nomeou, e o Papa Martinho
V. confirmára ſeu primeiro Biſpo a
Fr. Mendo: que o dito Joaõ de Be-
tancourt conquiſtára depois a Gomei-
ra, e que vendo-ſe ſem gente para ſuſ-
tentar eſtas quatro, e render as que
lhe faltavaõ, que eraõ a Canaria, Pal-
ma, e Tenerife, reſolveo a conquiſta

Era vulg. da Canaria, e que largára ao Infante D. Henrique as quatro, de que já era senhor.

Em recompensa desta cessaõ se affirma, que o Infante lhe déra as Saboarias, e outras rendas na Ilha da Madeira, aonde Joaõ de Betancourt se fora estabelecer, e casára sua unica filha com Ruy Gonçalves da Camara, filho de Joaõ Gonçalves Zarco; mas que naõ tendo successaõ, a herança passára a seus sobrinhos Henrique, e Gaspar, dos quaes descendem os Betancourts das Ilhas. Outras muitas opiniões trataõ os Authores a este respeito, por que eu devo passar para me contrair aos successos do tempo do Infante, que no anno de 1424 mandou huma armada com 2500 homens de pê, e 120 cavallos, que commandava D. Fernando de Castro, pai do primeiro Conde de Monsanto, a sustentar as Ilhas ganhadas, e conquistar as outras; mas a muita demóra, que elle teve na expediçaõ, lhe consumio os mantimentos, e apenas pode conseguir a primeira parte da sua commissaõ.

Naõ

Naõ tardáraõ muito as pretenções de Castella sobre estas Ilhas, dizendo os seus Reis, que lhes tocavaõ, em razaõ dos soccorros, e permissaõ, que haviaõ dado ao Francez Betancourt para a sua conquista. O Infante, e El-Rei seu pai, que por esta demanda naõ queriaõ embaraçar-se com Castella, e viaõ que o dominio das Ilhas passava para huma Potencia Catholica, que com fervor igual ao seu havia promulgar nellas o Evangelho, naõ só cedêraõ o direito sobre as que ainda naõ possuiaõ, mas lhes largáraõ as que já tinhaõ em seu poder. As mesmas Ilhas tiveraõ ainda outros destinos. Quando o Conde de Atouguia D. Martinho de Ataide conduzio a Castella a Infante D. Joanna, filha do Rei D. Duarte, para casar com D. Henrique IV., este Rei o gratificou com a mercê dellas. O Conde as vendeo a D. Pedro de Menezes, primeiro Marquez de Villa-Real, que as largou ao Infante D. Fernando, pai del Rei D. Manoel. Depois mostrou o Castelhano Fernando Peres, que elle antes as havia com-

Era vulg.

Era vulg. prado com licença, e confirmaçaõ dos Reis de Caſtella. Ultimamente, para evitar dúvidas, D. Affonſo V. as cedeo perpetuamente á Coroa do meſmo Reino no Tratado de Paz, que fez com Fernando o Catholico.

CAPITULO II.

Continua-ſe com a meſma materia dos deſcobrimentos do Infante.

AINDA corria o anno de 1446, em que acontecêraõ todos os ſucceſſos, que deixo referidos deſde o deſcobrimento de Cabo-Verde até ſe recolher a Lagos o ſeu Alcaide Mór, Sueiro da Coſta, que diſſemos ordenára a ſeu genro Lanſarote continuaſſe a navegaçaõ pela Cóſta de Africa. Foi eſte Fidalgo ſeguindo a ſua viagem até a demarcaçaõ poſta por Diniz Fernandes nos confins dos Mouros Azenegues, e Negros Jalofos. Daqui embocou adiante o Rio Sanagá, que examinou miudamente, e paſſando avante, lhe ſobreveio hum temporal, que deſagarrou a

ca-

caravéla de Rodrigo Annes Travaços, e de Luiz Dias, que foraõ parar a Lagos. Com cinco que lhe ficáraõ, passou a Cabo de Mastos, e continuando a derrota, padeceo outra tormenta, que lhe separou da conserva as barcas de Lourenço Dias, e de Gomes Pires. Este successo o obrigou a vir á Ilha de Tider, aonde fez vários escravos, que trouxe a Portugal, em quanto Gomes Pires, levado da tormenta ao Rio do Ouro, introduzia commercio, e amizade com os seus moradores.

Era vulg.

O célebre Nuno Tristaõ, de que tantas vezes se tem fallado nestes descobrimentos, sahio no anno de 1447 com hum navio para correr além de Cabo-Verde, e o fez 60 legoas até a bocca do Rio Grande, aonde deo fundo. A curiosidade de vêr as suas margens, e a qualidade do gentes, que havia nellas, o obrigou a embarcar na lancha, com 28 companheiros, que huma corrente rápida levou pelo rio dentro a grande distancia do navio. Os negros, que o viraõ dar fundo, armáraõ

Era vulg. raõ muitas almadias guarnecidas de grande número dos mais valerosos, que rodeáraõ a lancha, e despedindo huma nuvem de flexas hervadas sobre ella, tiráraõ a vida ao valeroso Nuno Tristaõ, e á maior parte dos seus camaradas. Infortunio, que foi causa daquelle rio dalli em diante ser chamado o Rio de Tristaõ. Ficáraõ para a manobra do navio unicamente quatro marinheiros, nos apertos da necessidade com tanto acordo, que cortando as amarras, felizmente o mareáraõ dous mezes, até chegarem a Lagos, aonde estava o Infante, que remunerou com generosidade a gentileza dos vivos, e honrou a memoria dos mortos.

Como os desejos de levar o nome de Deos ás Regiões remotas, cresciaõ no Infante ao passo, que os descobrimentos se avançavaõ, naõ contente com a posse das Canarias, que por este tempo comprou ao Francez Betancourt, elle mandou a Alvaro Fernandes, que montasse o Cabo de Mastos, e passasse além de Cabo-Verde, co-

como elle felizmente executou, chegando ás embocaduras do Rio Tabite, trinta legoas avante de Rio Tristaõ. Aqui o recebêraõ Negros valerosos, armados das mesmas settas hervadas, que tirariaõ aos nossos mais vidas, se elles naõ fossem prevenidos dos contravenenos, que poderaõ aprender dos mesmos moradores daquelles Paizes. Elle os castigou com morte de muitos, em que entrou o seu Rei; e naõ encontrando por outros lugares desertos da Cósta objectos, em que exercitar o valor, nem estimulos para mover a cobiça, desistio do empenho, e se recolheo á Patria.

Era vulg.

Com pouco intervallo de tempo sahíraõ do Algarve mais dez embarcações, que commandavaõ Gil Annes, o valeroso Fernaõ Valarinho, que na Escóla de Ceuta aprendêra a perder o medo, Joaõ Fernandes, Lourenço Dias, e Estevaõ Affonso, que foraõ á Ilha da Madeira incorporar-se com mais duas vélas de Tristaõ Vaz, Capitaõ de Machico, e outra de Garcia Homem, que naõ passáraõ da Ilha da Pal-

ma,

Era vulg. ma, aonde deixáraõ os companheiros; e se recolhêraõ á Madeira. Nada importante fez aquella fróta, que correo os pórtos antes descobertos com menos fortuna, que a de Gomes Pires, Chéfe de duas caravélas, com que invadio as praias do Rio do Ouro, e depois de deixar nellas respeitado o seu nome, se recolheo a Lagos com hum bom número de escravos.

He Tradiçaõ constante, que neste anno de 1447, huma náo nossa, sahindo do Estreito de Gibraltar, padecêra huma tormenta taõ fórte, que perdido o rumo, navegára á discriçaõ das ondas, que a arrojáraõ a huma Ilha incognita, aonde a gente vio sete Cidades povoadas de Hespanhoes, que perguntáraõ aos nossos se ainda haviaõ Mouros em Hespanha. Pelas suas informações soubemos, que elles eraõ descendentes dos nossos predecessores, que naquella invasaõ formidavel abandonáraõ a Patria, e se lançáraõ ás ondas a buscar abrigo em outras partes, como tambem fez o Lusitano

Sa-

Sicaru, que perdida a Cidade de Mé- *Era vulg.*
rida na meſma invaſaõ, veio aos portos de Lisboa, e Setuval, aonde embarcou com os moradores da Capital perdida, e já mais houve noticia deſtes profugos Luſitanos, que poderiaõ ſer os moradores da Ilha, em que eſtou fallando, chamada Encoberta. Chegáraõ eſtes navegantes a Lisboa em tempo da Regencia do Infante D. Pedro, e entre outros ſignaes, que trouxeraõ da nova terra, dizem que fora huma pouca de arêa, de que ſe tirára ouro: que o Infante mandára fazer aſſento de tudo o que depozeraõ os navegantes: que ordenára ſe guardaſſe na Torre do Tombo; mas nella naõ ha hoje tal noticia, que ſe devia eſconder tanto aos homens, como eſtá encoberta a Ilha.

As acções, e modos com que os Portuguezes ſe conduziaõ entre as Nações brutas da Cóſta de Africa, fizeraõ naſcer em algumas o deſejo da noſſa communicaçaõ, eſpecialmente os Mouros chamados de Méca, naõ a Méca aonde jáz o corpo do ſeu falſo Profe-

Era vulg. feta na Arabia Feliz, mas outra do mesmo nome doze legoas além do Cabo de Gué, pouco antes de chegar ao de Naõ. Com esta noticia mandou o Infante no anno de 1448 ao experimentado Diogo Gil tratar esta negociaçaõ, que deixou estabelecida, entregando aos dominantes da terra dezoito Mouros, que levava cativos, e foraõ resgatados por 50 Negros, que lhe deraõ. Hum temporal rijo o obrigou à embarcar a gente para correr fortuna; faltando só Joaõ Fernandes, que por este acaso ficou entre os Mouros de Méca, havendo-o antes de proposito deixado entre os de Arguim. Elle trouxe ao Infante hum Leaõ, que foi o primeiro visto em Portugal daquellas partes, de que fez presente a hum Fidalgo Inglez.

Corria este anno para Portugal infeliz pela rotura del-Rei D. Affonso V. com seu Tio, o Infante D. Pedro, que perdeo a vida na fórma já referida; e sendo tantas as perturbações no Reino, ellas naõ impediaõ ao Infante a continuaçaõ dos seus santos designios,

gnios. Como a fama das nossas aventuras nos descobrimentos enchia a Europa de huma emulação gloriosa, muitas pessoas qualificadas de vários Reinos vinhaõ a Portugal ser participantes da nossa reputaçaõ. Entre outros, chegou este anno hum Fidalgo illustre da Corte de Dinamarca, chamado Balarte, que se offereceo ao Infante, e lhe pedio quizesse servir-se delle nas suas navegações. O Infante lhe mandou esquipar hum navio, e encarregando-o a hum Cavalleiro distincto da sua Ordem, chamado Fernando Affonso, que hia revestido do caracter de Embaixador ao Rei de Cabo-Verde, ordenou fossem vendo toda a Costa descoberta em Africa.

Era vulg.

Esta viagem foi longa, e trabalhosa pelos temporaes contínuos, que sobreviéraõ; mas o maior incommodo foi a ausencia do Rei, que estava occupado na guerra em grande distancia da Corte, e se dilatava a negociaçaõ da paz, e commercio, que com elle havia estabelecer Fernando Affonso. Entretanto vinhaõ os Negros fazer cam-

bios

Era vulg. bios com os noſſos, e entre outros generos trouxeraõ alguns dentes de Elefantes, de que ſe admirou tanto o Dinamarquez, que pedio aos naturaes quizeſſem moſtrar-lhe hum vivo. No dia deſtinado por elles para lhe liſongearem o goſto, foi Balarte com varios companheiros no eſquife da Nao a terra; mas ſuccedendo a caſualidade de cahir hum ao mar, para o ſalvarem, todos ſe confundíraõ; foraõ lançando-ſe ao mar, eſquecendo o governo da lancha, que ſe deſgarrou. Os Negros, vendo os noſſos em terra ſem poderem ſer ſoccorridos do navio, ſe lançáraõ a elles, matáraõ o infeliz Dinamarquez, e todos os Portuguezes, menos hum deſtro nadador, que pode recolher-ſe a bordo para dar noticia a Fernando Affonſo da deſgraça dos camaradas. Ella o obrigou a voltar para o Reino, ficando os Negros como dantes obſtinados na defenſa da ſua liberdade, que já ſabiaõ comprar por todo o preço.

Depois que El-Rei D. Affonſo V. conſiderou o Reino em mais ſocego,

e meditou nas vantagens das navegações do Infante D. Henrique, quiz estimulallo para novos progressos com as marcas distintas da sua estimaçaõ. Elle lhe fez mercê de huma Carta de Confirmaçaõ á sua Ordem dos descobrimentos feitos até entaõ, e prohibio que pessoa alguma, além delle, podesse passar adiante de Cabo-Bojador; concedendo-lhe os dizimos, e quintos de quanto descobrisse. Foi feita esta doaçaõ no anno de 1449, que he o mesmo em que lhe deo licença para mandar povoar as Ilhas dos Açores, antes descobertas, de que fallaremos adiante, em quanto nos entretemos com as de Cabo-Verde, que dissémos foraõ descobertas por Diniz Fernandes, e já quasi no fim da vida do Infante D. Henrique pelos annos de 1460, ou 1461 foraõ descobertas as Ilhas suas adjacentes, como eu vou a dizer.

Era vulg.

O Genovez Antonio Nolle, desgostado da sua Patria, veio a Portugal offerecer-se ao Infante D. Henrique para descobrir as Ilhas de Cabo-Verde, de que havia huma noticia confusa

ex-

Era vulg. extrahida da memoria dos Geografos antigos. Partio elle em duas náos, e huma embarcaçaõ de remo, acompanhado de seu irmaõ, e sobrinho Bartholomeu, e Rafael de Nolle, em demanda deste célebre Promontorio de Africa, e se engolfou cento e cincoenta legoas em distancia delle para a parte do Poente, aonde jazem no mar Atlantico as Ilhas, que tem o nome do mesmo Cabo. Os Portuguezes, primitivos descobridores, tambem lhe chamáraõ Ilhas Verdes, em razaõ do mar, que as cinge, estar coberto de herva em tanta cópia, que os navios a rompem com trabalho. Pomponio Mella lhes dá o nome de Ilhas Gorgonias, Plinio o de Gorgodas, e os Poetas as fingem a morada das tres irmãs Medusa, Sthenion, e Euriala, que disseraõ Gorgones. Alguns as estimáraõ pelas Hesperidas, ditas assim do Promontorio Hesperio, em que falla Ptolomeo, que ignorou a existencia das Ilhas.

No seu número variaõ todos os Escritores; mas a Coroa de Portugal pos-

possue dez, que saõ, a de Sant-Iago, Era vulg.
de S. Nicoláo, de Santa Luzia, de
Santa Maria, a do Sal, a do Maio,
a da Boa-Vista, a de Santo Antonio,
a de S. Vicente, e a do Ferro. A primeira,
que foi descoberta no dia de
Maio, em que a Igreja celebra a Festa
de Sant-Iago Menor, tem o nome deste
Apostolo, que he o Patrono da Ilha,
e nella celebrado o seu dia com grande
applauso. Ella he a maior, e Capital
de todas as outras, que successivamente
foraõ descobertas. Dellas foi
avante Antonio de Nolle, e passou
ao Rio Rha, que os Portuguezes chamáraõ
Caramansa, por ser o nome do
Senhor da terra, donde navegou até
Cabo-Vermelho, e voltou a Portugal.
Nas duas Historias Insulanas, huma
manuscrita do Doutor Gaspar Fructuoso,
outra do Padre Antonio Cordeiro,
se dá noticia mais larga destas Ilhas,
da variedade dos seus nomes, e do
seu número, donde Manoel Pimentel
extrahio huma recapitulaçaõ das opiniões
mais provaveis a respeito deste
assumpto.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Tratã-se do descobrimento, e povoaçaõ, que nas Ilhas dos Açores, ou Terceiras mandou fazer o Infante D. Henrique.

AS Ilhas, que chamamos dos Açores, em razaõ de muitas destas aves, ou de outras, que foraõ vistas semelhantes a ellas no tempo do seu descobrimento, e que tambem dizemos Terceiras por causa da sua Capital, a que deraõ o nome de Terceira pelo ser na ordem do mesmo descobrimento; os nossos navegantes as avistáraõ, e chegáraõ a ellas muitos annos antes dos penultimos da vida do Infante, quando ellas formalmente vieraõ a ser povoadas. Os Estrangeiros lhe chamáraõ Ilhas Flandricas em memoria do Flamengo Jacome de Bruges, que elles entendêraõ ser o seu descobridor; mas a justiça naõ consente, que a elle só se attribua esta gloria. Nós temos huma constante certeza, de que Gonça-

çalo Velho Cabral, Commendador de Almourol, no dia da Assumpçaõ da Senhora de 1432 descobrio a Ilha, que em respeito á mesma Senhora fez chamar de Santa Maria, havendo no anno antes descoberto o Baixo das Formigas.

Era vulg.

Nós contamos as nove Ilhas dos Açores por esta fórma; a Terceira, a de S. Maria, a de S. Miguel, a de S. Jorge, a Graciosa, a do Faial, a do Pico, a das Flores, e a do Corvo; mas eu seguirei nesta narraçaõ a ordem do descobrimento. Foi primeira destas Ilhas descoberta a de Santa Maria, que está aos 37 gráos, apartada do nosso Cabo de S. Vicente duzentas e cincoenta legoas, e tem quatro de comprido, e tres de largo. A povoaçaõ principal he a Villa do Porto. O Infante D. Henrique deo a Capitania della ao mesmo Gonçalo Velho, seu descobridor; da qual a Infante D. Brites, Viuva do Infante D. Fernando, fez depois mercê a Joaõ Soares de Albergaria por Carta passada em Evora a 12 de Maio de 1473, que El-

Elu. vulg. Rei D. Affonso V. confirmou em Santarem a 13 de Julho de 1474.

Já eſtava povoada a Ilha de Santa Maria, quando o Infante foi aviſado; que de hum monte mui alto, que fica ao Nórte da meſma Ilha, apparecia huma ſombra, que ſem dúvida era outra terra. No anno de 1444 ordenou o Infante a Gonçalo Velho, que foſſe examinar eſta ſombra, e no dia da Appariçaõ de S. Miguel felizmente deſcobrio a Ilha, a que pôz o nome do meſmo Arcanjo, e lhe foi dada a ſua Capitania em remuneraçaõ deſte ſerviço. Elle a povoou no anno ſeguinte, e com muita gente aportou nella o dia fauſto, em que fazia o anno do deſcobrimento. A Ilha de S. Miguel he a primeira, que encontraõ os que ſahem da barra de Lisboa para as Terceiras. Diſta della 212 legoas para o Cabo de Eſpichel. As ſuas povoações principaes ſaõ, a Cidade de Ponte-Delgada, as Villas do Campo, Ribeira grande, Villa Franca, Villa de Nordeſte, a de Agoa de Páo, a da Lagoa, e outros vinte Lugares bem povoados.

A

Era vulg.

A Ilha de S Miguel he a mais populosa das suas visinhas, e nós ignoramos a causa, por que taõ bem a possuio o dito Fidalgo Joaõ Soares de Albergaria, que a vendeo a Ruy Gonçalves da Camara, com confirmaçaõ da mesma Infante D. Brites, passada no primeiro de Março de 1474. Como de Ruy Gonçalves descende a Casa dos Condes da Ribeira, nella se conserva esta Capitania com grandes jurisdições, e regalias. Ella tem de comprimento dezoito legoas, de largura duas, e o seu terreno he o mais fertil de todas as Terceiras. No mundo ha outras Ilhas chamadas de S. Miguel, a saber, huma na India entre os Calamianos, ou Paraguaya, e Borneo; outra dos Venezianos no mar Adriatico, a que alguns chamaõ a Ilha Ugliana.

He terceira Ilha descoberta, a que em razaõ desta ordem do descobrimento chamamos Terceira. Nós ignoramos o anno, e o Author do mesmo descobrimento, ainda que alguns entendem fora o dito Gonçalo Velho Ca-

 bral.

Era vulg. bral. Outros, porque o Infante D. Henrique fez della mercê ao Flamengo Jacome de Bruges, entendem, que elle sería o seu descobridor. O certo he, que esta doaçaõ foi feita na Cidade de Sylves, aonde estava o Infante, a 2 de Março de 1450, para Jacome de Bruges, e seus descendentes sem exclusaõ das femeas, e elle a povoou. A Terceira está distante de Lisboa 245 legoas; tem de comprido treze, de largo seis, e se divide nas Capitanias de Angra, e da Villa da Praia. Na primeira está a Cidade Episcopal de Angra, com a Villa de S. Sebastiaõ, e os Lugares do Raminho, de S. Antonio, da Ribeirinha, de S. Mattheos, de S. Bartholomeo, de Santa Barbora, e de S. Jorge. Na segunda se comprehendem a mesma Villa da Praia, e os Lugares de S. Roque, de S. Pedro, das Quatro Ribeiras, d'Agoa-Alva, de Villa-Nova, e outros. O Fidalgo Flamengo a possuio poucos annos, e depois da sua mórte, a Infante D. Brites, que dividio as duas Capitanias, que deixo referidas, deo a de Angra

a

a João Vaz Corte Real, Fidalgo bem conhecido pelo ſeu illuſtre appellido; e a da Praia a Alvaro Martins, por Carta paſſada em Evora a 2 de Abril de 1464.

Era vulg.

A Ilha de S. Jorge dizem huns, que a deſcobríra o meſmo João Vaz Corte Real, outros que o Flamengo Jacome de Bruges no anno de 1450, e que ſe lhe déra eſte nome por apparecer no dia, em que a Igreja faz memoria de S. Jorge. Ella tem onze legoas de comprido, e huma e meia de largo, menos nas duas pontas, aonde a terra ſe eſtreita. A ſua Capitania ſe unio á de Angra, em razaõ da pequena diſtancia de oito legoas ao Les-Sueſte Oes-Norueſte da Terceira, e a poſſuíraõ os ſeus dous Donatarios Jacome de Bruges, e depois João Vaz Corte Real. As ſuas povoações ſaõ, a Villa de Vellas, que he a Capital, a de Topo, a da Calheta, e os Lugares da Ribeira Secca, de Sant-Iago, das Manadas, e da Senhora do Roſario. Dizem, que o ſeu povoador fora outro Fidalgo Flamengo, chamado Gui-

Em vulg. Guilherme Vandagara, ſe illuſtre no ſangue, muito mais nas virtudes, que vendo-lhe naõ correſpondiaõ os intereſſes ás deſpezas, foi eſtabelecer-ſe na do Fayal.

Eſta Ilha, quinta na ordem do deſcobrimento, tomou o nome das muitas Fayas, que havia nella, fica dezoito legoas da Terceira, tem nove de comprido com tres de largo. Verdadeiramente ſenaõ ſabe o anno do ſeu deſcobrimento, nem quem foſſe o deſcobridor, ainda que ſe attribua ao meſmo Gonçalo Velho, e ſe aponte o anno de 1449. O Infante D. Henrique deo a Capitania ao Flamengo Joaõ, ou Jorge de Utra, que alguns querem foſſe o ſeu deſcobridor, e que na ſua povoaçaõ o ajudára muito o ſeu nacional Guilherme Vandagara, quando abandonou á de S. Jorge. Outros entendem, que os Mareantes da Terceira, de S. Jorge, ou da Gracioſa foraõ os deſcobridores do Fayal, que tem por Capital a Villa de Horta, e outros lugares populoſos.

Tambem ſe attribue aos meſmos

Ma-

Mandantes o descobrimento da sexta Ilha, que foi a do Pico, assim chamada do altissimo monte, que dizem ter tres legoas de eminencia, e se descobre de muitas ao mar, e do seu cume todas as Ilhas visinhas em distancia de 40 legoas. Affirma-se, que o Infante D. Henrique dera a sua Capitania a Jorge de Vtra, ou que o encarregára do governo della, por estar pouco mais de huma legoa distante do Fayal, e que tem de comprimento dezaseis, e cinco de largura. O modo, e tempo da sua povoaçaõ he incerto, ainda que diga hum Escritor nosso, que Fernando Alvares Evangelho, apartando-se de seus companheiros por huma tormenta, saltára nella com hum caõ: que se sustentára hum anno da caça, que este lhe matava: que tornando os camaradas áquelle pórto, lhes propozera a bondade do Paiz, que de acordo commum elles povoáraõ. Tem esta Ilha Lugares ricos, especialmente a Villa das Lagens, que fica na face do Sul, o da Magdalena fronteiro á Villa de Horta, e a Villa de S. Roque.

Era vulg.

A

Era vulg. A Ilha Graciosa, que foi a septima descoberta, fica na altura de trinta e nove gráos, e hum quarto, estendida de Leste a Oeste, por treze legoas de comprido, e duas na maior largura. Ella teve aquelle nome em razaõ da sua planicie agradavel, fertil, e deliciosa. Dizem que fora descoberta no anno de 1453, sem sabermos nada do seu descobridor, e que pelos annos de 1455 a principiára a povoar Gonçalo Velho Cabral; mas o Infante D. Henrique fez mercê da metade da sua Capitania a Vasco Gil Sodré, natural de Monte-Mór o Velho, que vivia na Terceira, e da outra metade a Duarte Barreto seu cunhado, dos desta familia no Algarve, e elles a povóraõ. As suas habitações principaes saõ as Villas de Santa Cruz, e da Praia, com outros Lugares, que cultivaõ o seu terreno fertil.

Na altura de trinta, e nove gráos, quarenta minutos está situada a Ilha das Flores, que se estende Nórte-Sul pelo espaço de dez legoas de comprido, e tres de largo. Aquelle nome lhe foi pos-

pósto pela muita variedade de flores, que nella se criaõ, e a habitaõ os moradores das Villas de Santa Cruz, e das Lagens, com os de varios Lugares. Nós ignoramos o seu descobridor, e quanto della se diz a este respeito saõ conjecturas, sem mais certeza, que a de estar ella despovoada até o tempo del Rei D. Manoel, que a mandou povoar por Antaõ Vaz, morador na Ilha Terceira, donde avistou a do Corvo, que he a ultima das Ilhas dos Açores. Com esta noticia veio Antaõ Vaz ao Reino, e pedio ao mesmo Rei a Capitania de ambas, que lhe foraõ dadas, e passáraõ depois para a Casa dos Marquezes de Gouvea. Era vulg.

A Ilha do Corvo, que fica ao Nórte da das Flores separada por hum canal, tem tres legoas de circunferencia, e na sua cósta huns altos rochedos, que só se abrem nos dous portos pequenos, que chamaõ o Pesqueiro Alto, e o Porto da Casa. Há nella o Lugar da Senhora do Rosario, que depende da Ilha das Flores. Este dominio de ambas as Ilhas vendeo Antaõ

Vaz

Era vulg. Vaz a Gonçalo de Sousa, hum Fidalgo honrado, que se intitulou Capitaõ da Ilha das Flores, e Senhor da do Gorvo, como depois fizeraõ os seus descendentes.

Em fim, o Infante D. Henrique, além de todas as Ilhas do Mar Atlantico, que eu deixo escritas, elle descobrio, quanto vai do Cabo-Bojador, que fica em trinta e sete gráos de altura do Nórte, até a Serra Leoa, que está aos sete, e dous terços, correndo 370 legoas de Costa: descobrimentos, que lhe leváraõ mais de 40 annos; em que elle adquirio seculos de gloria. Se nós houvermos de crêr opiniões vulgares, ha quem nos diga, que o Infante intentára estas emprezas guiado por hum Mapa, que lhe dera seu irmaõ o Infante D. Pedro, quando se recolheo das suas viagens, que continha o ambito da terra, e nelle se chamava ao Estreito de Magalhães a Cola do Dragaõ, ao Cabo da Boa-Esperança a Fronteira de Africa. Que tambem no Cartorio de Alcobaça se achara outro Mapa, que continha a nave-

ga-

gaçaõ da India pelos mesmos rumos, Era vulg. que hoje se seguem. Mas se isto assim fosse, e as Regiões do mundo já estavaõ descobertas, e conhecidas; donde nasceo a sua admiraçaõ, quando o Infante avançou estes descobrimentos; quando Bartholomeo Dias montou o Cabo de Boa-Esperança; quando Vasco da Gama descobrio a India; quando Pedro Alvares Cabral deo novas da America; quando Fernaõ de Magalhães embocou o Estreito do seu nome? Veneramos a Antonio Galvaõ, naõ duvidamos da fé de Francisco de Sousa Tavares, estimamos ao Padre Fr. Luiz de Sousa; mas as suas opiniões naõ saõ as que bastaõ para privarmos ao nosso Infante D. Henrique da justa gloria, por nos ensinar a descobrir o mundo, sem mais soccorros, que os do seu illuminado entendimento, com que penetrou os arcanos reconditos da sua coordinaçaõ, que ignoravaõ todos os Antigos mais bem illustrados.

Era vulg.

CAPITULO IV.

Conclue-ſe o mais que pertence á vida, e morte do Infante D. Henrique.

TODA a vida deſte bemaventurado Infante foi hum tecido de heroicidades; emulas entre ſi meſmas as virtudes ſobre qual dellas havia levantar na ſua peſſoa o trofeo da ſublimidade. Apparecia a piedade, e ſobrepojava a Religiaõ; luzia a prudencia, e ſcintilava raios a juſtiça, esforçava-ſe a fortaleza, e apparecia coroada de triunfos a temperança; ſoffria reſignada a conſtancia, e movia ambos os braços a magnanimidade; queria deixar-ſe vêr a parcimonia, e corria ſolta a liberalidade. Neſte combate viſtoſo toda a alma do Infante ſe repreſentava hum theatro de idéas puras ſem paixões, que ſe eſcuſavaõ em negar precedencias á primeira das imagens virtuoſas, que ſahia a fazer o ſeu papel. Tantas qualidades infuſas ſe acompanhavaõ dos habitos das ſciencias adqui-

quiridas, que o faziaõ respeitavel entre os Principes do seu tempo. Na Mathematica, e Cosmografia foi de tal sórte eminente, que fez conhecer ao mundo a sua cegueira na ignorancia da positura do Globo terraqueo; da differença dos habitadores das Zonas, quero dizer, os Antipodas, os Antecos, os Periecos, os Anficios, os Heteroscios. Elle nos soube mostrar, que nos seios dos mares havia pedaços de terra soltos dos continentes, que chamamos Ilhas, destinados para refugio dos perseguidos pelos ambiciosos, que se naõ fartaõ de mundo. Elle o que apontou com o dedo os lugares, aonde a Providencia havia tantos seculos tinha escondido o ouro, a prata, os diamantes, as perolas para utilidade dos mortaes.

Era vulg.

O Infante D. Henrique mostrou, que era domavel o orgulho do Oceano, a ferocidade das Nações Africanas, e Asiaticas: que os navegantes podiaõ perder de vista hum continente para buscarem o outro: que das producções de humas Provincias deviaõ

Era vulg. viaõ participar as outras ; communicar-se o mundo a si mesmo, os seus generos, as suas riquezas, o que ha em humas partes para as outras, que naõ as tem; de sórte que o Commercio faça vêr ao Universo huma Pátria commua, como se tantas gentes, que o habitaõ, naõ compozessem mais que huma só Naçaõ. Este beneficio universal lhe levou os cuidados maiores da melhor parte da vida; applicações immensas, estudos frequentes, despezas enormes, taõ cheio dos espiritos do valor, que parece communicava aos homens novas almas para arrostarem intrepidos os maiores perigos, a furia dos Elementos, a soberba dos mares, o impeto dos ventos, a voracidade do fogo, a furia das féras, a raiva dos homens.

D. Henrique fundou como dissemos, a Villa de Sagres no Algarve, aonde residia a maior parte do tempo para dar calor aos seus descobrimentos. Augmentou a Ermida de nossa Senhora de Restello no lugar do mesmo nome, que nós hoje em Lisboa chama-

mamos Belém, para ser a sua Protecto Era vulg
ra nos mesmos designios, juntamente com os Santos Reis Magos; ella como Estrella dos mares, que descobrisse os rumos; os Magos como observadores da Estrella, que lhe mostrou o Sol nascido nas Regiões incognitas, no seu Oriente, nos braços da Aurora: idéa sublime, ou allusaõ brilhante, de que se serviria o Infante para esperar com os influxos da Estrella, e illuminaçaõ dos Magos conseguir por meio das suas viagens deixar aos homens o caminho aberto para resistarem todo o curso do Sol, desde o berço, aonde nasce, até ao tumulo, em que morre.

A Ermida de Restello, que differaõ de N. Senhora da Estrella alguns Escritores, o Infante a deo á Ordem Militar de Christo, de que era Graõ-Mestre, e ordenou aos Cavalleiros, que nella fossem servir a Santa Virgem, como especial Protectora das suas navegações: que alguns Freires Sacerdotes assistissem nella para hospedarem os navegantes, e os soccorrerem

Era vulg. rem conforme fossem as suas necessidades, para o que edificou hospicios, e consignou rendas, que fornecessem os meios necessarios para o exercicio de huma caridade contínua. Assim se conservou a memoravel Ermida de Restello até ao tempo del Rei D. Manoel, que a trocou pela Igreja da Conceiçaõ Velha, aonde mandou residir os Freires, para fundar naquelle sitio o magnifico Mosteiro dos Monges de S. Jeronymo. Mas naõ querendo que esquecesse a memoria do Infante, ou a da sua devoçaõ allusiva á Senhora, que os Magos adoráraõ guiados pela Estrella, fez chamar Belém ao Mosteiro, que honrou com a preciosa Imagem da Senhora da mesma Invocaçaõ; deixando a antiga de Restello, ou da Estrella, que he admiravel, na Capella collateral, defronte do Altar, em que está o Vulto de S. José.

Para se conservar mais viva a lembrança do Infante, o mesmo Rei mandou levantar no Mosteiro a sua Figura sobre a columna, que fica no meio da porta travessa, que faz frente ao mar, for-

formada da mesma pedra com as insignias, que indicaõ a sua gloria nas emprezas honradas, que intentou, e conseguio, como Principe, Guerreiro, e Argonauta. Entre tantas qualidades luminosas, que illustráraõ este ornamento magestoso da nossa Pátria, a nenhuma cedia a sua constancia inalteravel, e serenidade mais que humana em tantos infortunios, que o combatêraõ na vida. Firmeza, e robustez de espirito, que o fizeraõ parecer insensivel nas calamidades lastimosas de seus dous irmãos os Infantes D. Fernando, e D. Pedro. O coraçaõ sempre intrepido, se servio dos máos successos de humas emprezas para fortificar em outras as esperanças; Heróe, que nada o perturbou; que naõ estimou difficuldade por invencivel; que fazia das ruinas argumento para as victorias; sempre elevada a alma sobre a instabilidade da fortuna para mostrar, que de nada mais se fiava, além da Providencia Suprema, que regula os destinos.

Era vulg.

Elle amplificou as Escólas Geraes,

Era vulg. que inſtituíra o Rei D. Diniz, e lhes deo as proprias caſas, em que vivia em Lisboa, para ſe aprenderem as Leis, que depois ſe ouviaõ concordes pelos Tribunaes. O Meſtrado da ſua Ordem de Jeſu Chriſto lhe deveo as mais diſtinctas applicações na conſervaçaõ do reſpeito, das regalias, e augmento das rendas pelas mercês dos Reis ſeu pai, irmaõ, e ſobrinho, confirmadas pela authoridade do Papa Eugenio IV. Nós diremos deſte bravo, e illuminado Chéfe da ſua Ordem, que elle com o écco do Nome Auguſto do Redemptor, que a honra, domou as gentes, conquiſtou as Praças, fez tremer a terra, aſſuſtou os mares, domeſticou os Elementos, illuminou as trévas, levantou Padrões no Oceano, Trofeos nos Pólos, e diſſe ao mundo quem era. Elogio diminuto, toſco, balbuciente de hum Principe a quem o Orbe deve tanto, e Portugal deve tudo.

O ſeu corpo foi talhado para depoſito de taõ grande alma; na grandeza proporcionado; nos membros

groſ-

grosso, e forte, no rosto branco, e córado; a gravidade o seu ornato, para a virtude benigno, para o vicio terrivel; taõ circunspecto nas palavras, como modesto nas acções, sem luxo, sem vaidade, na pessoa, e na casa tudo moderaçaõ, exemplos de virtude, e santidade. A Villa de Sagres no Algarve tem a honra de ser o lugar, donde o nosso Infante passou da vida mortal para a eterna a 15 de Novembro de 1460, cheio de virtudes, e merecimentos, donde o seu corpo foi transferido para o Convento da Batalha. Com morte preciosa acabou o liberal para com os pobres, o compassivo para os afflictos, o suavemente affavel para todo o genero de pessoas, como significava a sua Coroa tecida, e enlaçada de ramos de carrasco, que tomou por empreza animada com a letra em Francez: *Talent de bien faire.*

Era vulg.

Eu coroarei estas noticias do Infante D. Henrique com os elogios, que lhe fazem Authores veneraveis, e seja o primeiro o Papa Nicoláo V.

Era vulg. na Bulla, em que confirma a conquista de Africa pelos Portuguezes, aonde diz: A nossa noticia chega, naõ sem gosto eminente, e alegría completa da nossa alma, que o amado filho, nobre Varaõ Henrique, Infante de Portugal, Tio do nosso carissimo em Christo filho Affonso, Rei de Portugal, e dos Algarves, seguindo os vestigios de seu pai Joaõ, Rei dos ditos Reinos, de memoria preclara, o seu zelo pela salvaçaõ das almas, elle abrasado no muito fogo da Fé, como Catholico, o mais verdadeiro dos soldados do Creador Jesu Christo, da sua Fé o mais acerrimo, fortissimo, e intrepido Defensor, &c.

Vasconcellos no Anacephaleoses dos Reis de Portugal resolutivamente affirma, que D. Henrique em nada he inferior aos Principes primitivos, em nada segundo aos posteriores, ou nós o consideremos pelo ardor da sua fé, ou pela magnanimidade do seu espirito. Faria, com a eloquencia costumada na Estancia 35 ao Canto oitavo de Camões, diz: Que foi o Prometheo

de

de Hespanha, porque se aquelle desde o monte Caucaso investigou o curso, e virtude dos Planetas, este (o Infante) deixando a Corte, se foi a viver só em o Promontorio de Sagres, e dalli investigando as Estrellas achou o descobrimento dos nossos mares, e conquistas, de que he pai unico. O mesmo Faria no primeiro Tomo da Asia Portugueza: O Infante D. Henrique Author memoravel da Milicia Austral, e Oriental; nas Artes, e Letras foi versado; nas Mathematicas superior a todos os que as manejáraõ na sua idade. Na Europa Portugueza conclue o mesmo Author: Valeroso Principe, Sábio, Santo, digno da sua origem.

Era vulg.

O Padre Joaõ Mariana, a quem Portugal he taõ pouco devedor, diz do Infante na Historia de Hespanha: Henrique, irmaõ del Rei Duarte, Varaõ dotado de hum espirito eminente, foi o primeiro, que teve a cogitaçaõ sublime de buscar pelo mar Regiões novas, e com frótas cada anno mandar investigar as partes Austraes do

Ceo

Era vulg. Ceo até as praias mais remotas da Africa, as quaes abatendo as ondas empoladas do Oceano inchado, descobríraõ gentes incognitas, e novas Ilhas. Masseo na Historia da India, fallando do Infante, decide: Que nada ha mais illustre, seja para a fama do nome Lusitano, seja para a gloria de Deos immortal, que devaçar os mares incognitos, mandar armadas a Regiões novas, e levar a Religiaõ Santa até aquellas partes, aonde pode chegar o esforço, e diligencias humanas. Arnoldo na Arvore da Vida: Com os desejos de ampliar o Reino paterno, elle principiou a illustrar as praias de Africa com as suas esquadras, e no mar Atlantico descobrio Ilhas novas, que já mais foraõ habitadas pelos homens.

Pacheco na vida da Infante D. Maria confessa: Que Hespanha deve as suas navegações ao Infante D. Henrique. Pedro Opmero no Opusculo Chronologico do Universo: Que elle transmittiria por fundo hereditario á Coroa Lusitana a vastidaõ do Oceano com as

suas

Ilhas, Enceadas, e Recostos. D. Francisco Manoel nas Epanaforas o representa Mestre insigne de toda a Arte militar, que na Milicia de Jesu Christo se assignalou em valor, e disciplina, por ser vantajosamente affeiçoado a emprezas difficultosas, cujos intentos cresciaõ em virtuosa emulaçaõ do que via conseguir a seu pai, e em si mesmo se estava cada hora ensaiando para maiores effeitos. Monsieur de la Clede na Historia de Portugal lhe chama Principe piedoso, valeroso, e sábio. Le Quien de la Neufville na mesma Historia Portugueza, que consagrou ao Rei D. Pedro II., persuade a sua alta distinçaõ nos seus felices talentos pelas sciencias, nas suas audazes navegações, nas suas gloriosas emprezas. Finalmente, entre muitos de que podéra formar hum Catalogo longo, diz o Padre D. Antonio Caetano de Sousa na Historia Genealogica da Casa Real dos nossos Soberanos: Que do valor do Infante D. Henrique saõ testemunha as Praças de Ceuta, Arsila, Alcacere, e Tangere, e das suas vir-

Era vulg.

Era vulg. virtudes o ſerá eternamente a Hiſtoria, em que he univerſalmente louvado, naõ ſó na Portugueza, mas na das outras Nações com memoria immortal do ſeu nome.

CAPITULO V.

Trata-ſe de D. Affonſo, filho natural del Rei D. Joaõ I., Conde de Barcellos, e tronco da Real Caſa de Bragança.

COMO eu me determinei a concluir eſte Tomo com a narraçaõ dos filhos del Rei D. Joaõ I., tive por juſto dar aqui lugar a D. Affonſo, Conde de Barcellos, primeiro Duque de Bragança, tronco illuſtriſſimo deſta Real Caſa. Todos os noſſos paſſados entendêraõ, que El-Rei D. Joaõ, ſendo Meſtre de Avís, tivéra a D. Affonſo de Ignez Pires, e que ella era filha de Fernaõ Eſteves, vulgarmente chamado o Barbadaõ de Veiros. Os noſſos Genealogicos modernos, os Monumentos deſcobertos na Torre do Tombo, no

Cartorio da Casa de Bragança, e os Escritores de boa critica bem reflexionados, destroem inteiramente esta fabula, que tantos annos trouxe allucinados os maiores homens. De tudo, e de todos eu extrahirei a verdade para a minha narraçaõ fiel, sem a embaraçar com disputas, citas, e discussaõ de opiniões. Era vulg.

D. Affonso, Conde de Barcellos, e sua irmã D. Brites, mulher de Thomaz, Conde de Arondel, nascêraõ de D. Joaõ, Mestre de Avís, depois Rei de Portugal, e de D. Ignez Pires, ou Peres, filha de pais distinctos, que foraõ Pedro Esteves, e Maria Annes, neta de Estevaõ Pires, e de Leonor Annes, que lhe communicáraõ a muita nobreza herdada dos seus maiores. Depois de ter estes filhos, foi ella Commendadeira do Real Convento de Santos, aonde se naõ admittiaõ, nem hoje admittem pessoas, que naõ sejaõ de qualidade notoria sem dispensa especial. Por isso Brandaõ diz della, que se lhe teve grande respeito por ser tal pessoa, e que querendo

mu-

Era vulg. mudar-ſe do Convento para a Cidade, o Infante D. Duarte lhe largou os Paços do Limoeiro, que eraõ ſeus, e que aqui eſteve o Convento algum tempo, como ſe vê de hum afforamento de caſas no beco do Reymondo deſta Cidade, que diz deſta maneira: Na Cidade de Lisboa nos Paços do Infante herdeiro, que ſaõ a par de Saõ Martinho, onde ora pouſaõ as Donas do Moſteiro de Santos, ſendo hi a honrada Religioſa Cmmendadeira D. Ignez.

Eſtevaõ Peres, que foi pai deſta ſenhora, e Commendador da Commenda de Santos, que ſó ſe dava a peſſoas de qualidade, e he diſtinta da Commendadoria de Santos, que obteve D. Inez: elle tambem foi pai de D. Guiomar Eſteves, Covilheira da Rainha D. Leonor Telles, o que tudo ſe próva com documentos irrefragaveis, que derrotaõ as antecedentes preoccupaçóes. Entre elles he bem formal a juſtificaçaõ de Lopo Vaz Folgado, primo-irmaõ da dita D. Ignez, na qual o Duque de Bragança D. Jayme,

me, D. Affonſo, Biſpo de Evora, e o Marquez de Villa-Real, que dá a ſeu pai o Appellido de Pedro Eſteves Fonteboa, atteſtaõ, e affirmaõ, que ella era ſua parenta, e a trataõ com grande reverencia, e reſpeito. Depois diſto ſe ſabe, que o Barbadaõ de Veiros, chamado por todos os noſſos Chroniſtas Fernando Eſteves, elle tinha o nome de Joaõ Barbadaõ, ſem que a hum, ou outro nome correſponda em D Ignez o patronimico de Pires, que correſponde ao de ſeu verdadeiro pai, Pedro Eſteves: uſo louvavel, que naquellas idades naõ ſó practicavaõ as peſſoas da maior grandeza; mas ainda os filhos dos Principes, como conſta de todas as Hiſtorias de Heſpanha.

Era vulg.

Duas vezes foi caſado o Conde de Barcellos D. Affonſo; e porque de ſua ſegunda mulher D. Brites, filha de D. Affonſo, Conde de Gijon, e de ſua prima D. Iſabel, filha baſtarda de ſeu tio El-Rei D. Fernando, elle naõ teve geraçaõ; ſó trataremos do ſeu primeiro caſamento, donde deſcende a

Real

Era vulg. Real Casa de Bragança, levando a sua descendencia até ao Duque D. Joaõ, que foi entre os Reis de Portugal o quarto do nome.

No anno de 1401 estando El-Rei D. Joaõ I. em Leiria, ajustou a casar primeira vez a seu filho natural D. Affonso com D. Brites Pereira de Alvim, filha unica do Condestavel D. Nuno Alvares Pereira, havendo-o antes legitimado. O Condestavel dotou sua filha com a Villa, e Castello de Chaves, e seus termos, com a terra, e julgado de Monte-Negro, com o Castello de Monte-Alegre, terras de Barroso, Baltar, Paços, e Batellos Entre-Douro-Minho, e Tras-os-Montes, com seus termos, honras, coutos, e jurisdições civís, e criminaes; com os Padroados das Igrejas, Quintas da Carvalhosa, de Canedo, das Covas, de Godinhaes, de Sarrações, de Moreiras, Pousada, Sanfins, e outras muitas; com Pena-Fiel, Basto, Guimarães, Portello, Arco de Baulhe, Castello de Pinhoca; ultimamente com o Condado de Barcellos, que cedeo

em

em ſeu genro voluntariamente, para El-Rei cumprir a palavra, que lhe déra de naõ criar em ſua vida outro Conde além delle Condeſtavel. Depois, no anno de 1442, governando eſte Reino ſeu irmaõ o Infante D. Pedro na menoridade de D. Affonſo V., ſendo elle já caſado com a ſegunda mulher, o dito Infante o criou primeiro Duque de Bragança; mercê retribuida com a ingratidaõ enorme, e perſeguiçaõ inexoravel, que eu deixo referida na vida do meſmo Infante. Era vulg.

Do matrimonio de D. Affonſo, e de D. Brites Pereira de Alvim naſcêraõ filhos a Infante D. Iſabel, que caſou com ſeu tio o Infante D. Joaõ, como fica dito: D. Affonſo, que foi Conde de Ourem, Marquez de Valença, e morreo em vida de ſeu pai, ſendo dotado de grande talento, e tendo viſto boa parte do mundo, por muitas qualidades eſtimavel, ſenaõ as tiſnára com a perſeguiçaõ injuſta contra ſeu tio o Infante D. Pedro, de que ſe lhe originou a morte injurioſa, que parece caſtigou o Ceo com o privar

da

Era vulg. da primogenitura da ſua grande caſa, morrendo no eſtado de ſolteiro, ainda que de D. Brites de Souſa, filha de Martim Affonſo de Souſa, Fronteiro Mór do Algarve, e de ſua mulher D. Violante Lopes de Tavora, deixou filho natural a D. Affonſo de Portugal, que he o tronco da Caſa de Vimioſo, bem digna deſta Real Origem: D. Fernando, que em vida de ſeu pai foi Conde de Arrayolos, depois Marquez de Villa-Viçoſa, ſegundo Duque de Bragança, e ſenhor da Caſa de ſeu pai pela ſua mórte ſuccedida no anno de 1461, ou 1462.

O Duque D. Fernando caſou com D. Joanna de Caſtro, filha herdeira de D. Joaõ de Caſtro, ſenhor do Cadaval, da qual teve a D. Fernando: A D. Joaõ, que foi Marquez de Monte-Mór, Senhor das Alcaçovas, Condeſtavel de Portugal, e naõ teve geraçaõ de ſua mulher D. Iſabel de Noronha, filha de D. Pedro de Noronha, Arcebiſpo de Lisboa, irmaõ da ſegunda mulher de ſeu pai: A D. Affonſo, que caſando com D. Maria de Noro-

nha,

nha, filha herdeira de D. Sancho de Noronha, irmaõ do dito Arcebispo, foi por este casamento Conde de Fáro, e de Odemira, Senhor de Aveiro, de Mortagoa, do Vimieiro, e Alcaide Mór de Estremoz: A D. Alvaro, Progenitor da casa dos Duques de Cadaval: A D. Isabel, que naõ tomou estado: A D. Brites, mulher de D. Pedro de Menezes, primeiro Marquez de Villa-Real: A D. Guiomar, que casou com D. Henrique de Menezes, Conde de Loulé: A D. Catharina, que naõ chegou a receber-se com D. Joaõ Coutinho, Conde de Marialva, com quem esteve desposada, por morrer este Fidalgo no escalamento de Arzila.

Era vulg.

D. Fernando, segundo do nome, em vida de seu pai foi Duque de Guimarães, depois de Bragança o terceiro, Marquez de Villa-Viçosa, Conde de Ourem, de Barcellos, de Arrayolos, de Neyva, de Pena-Fiel, e senhor de trinta Villas, que compunhaõ o Estado da sua grande Casa. Elle naõ teve filhos de sua primeira mulher

Era vulg. lher D. Leonor de Menezes, filha de D. Pedro de Menezes, Conde de Viana, e de Villa-Real; mas da Senhora D. Isabel, segunda esposa, irmã del Rei D. Manoel, e filha do Infante D. Fernando, lhe nascêraõ D. Filippe, que morreo minino: o Duque D. Jayme: D. Diniz de Portugal, que foi Conde de Lemos em Castella por casar com a Condeça D. Brites de Castro Osorio, filha herdeira do Conde D. Rodrigo de Castro Osorio: D. Margarida, que morreo moça.

D. Jayme foi quarto Duque de Bragança, senhor dos Estados da sua Augusta casa, e marido de D. Leonor de Mendoça, filha de D. Joaõ de Gusmaõ, terceiro Duque de Medina-Sidonia. Este Principe foi designado Rei de Portugal por seu tio El-Rei D. Manoel no anno de 1498, se elle viesse a morrer sem filhos, com exclusiva do Imperador Maximiliano por estrangeiro, ainda que filho da Infante D. Leonor de Portugal. O mesmo Rei o nomeou General da armada, que mandou a Africa no anno de 1513. Elle teve,

ye filhos da Duqueza ſua primeira mulher ao Duque D. Theodoſio : a D. Iſabel, mulher do Infante D. Duarte, que levou em dote a Villa, e Ducado de Guimarães, que por eſte caſamento ſe ſeparou da Caſa de Bragança.

Era vulg.

Segunda vez caſou o Duque D. Jayme por juſtos reſpeitos com D. Joanna de Mendoça, filha de Diogo de Mendoça, Alcaide Mór de Mouraõ, da qual teve a D. Jayme, que foi Clerigo, e morreo moço : a D. Conſtantino de Bragança, Camareiro Mór del Rei D. Joaõ III., ſeu Embaixador Extraordinario a França, e Vice-Rei da India, do qual fallaremos a ſeu tempo, e caſou com D. Maria de Menezes, filha de D. Rodrigo de Mello, primeiro Marquez de Ferreira, ſem geraçaõ : a D. Fulgencio de Bragança, que foi Prior de Guimarães, Commendatario de S. Salvador de Travanca na Ordem de S. Bento, e deixou filhos baſtardos a D. Franciſco de Bragança, Conego na Sé de Evora, e a D. Angelica de Portugal, Abbadeça no

 Con-

Era vulg. Convento de Villa-Viçosa: a D. Theotonio de Bragança, que foi Arcebispo de Evora, em que succedeo a seu tio o Cardeal Rei D. Henrique: a D. Joanna de Bragança, e Mendoça, que casou em Castella com D. Bernardino de Cardenas, terceiro Marquez de Elche, filho do Duque de Maqueda: a D. Eugenia de Bragança, mulher de D. Francisco de Mello, segundo Marquez de Ferreira: a D. Maria, e D. Vicencia, que foraõ Freiras no Convento das Chagas de Villa-Viçosa.

D. Theodosio I. foi em vida de seu pai Duque de Barcellos, e depois V. de Bragança. Casou com sua prima D. Isabel de Castro, filha de seu tio D. Diniz, Conde de Lemos, de quem teve unico filho ao Duque D. Joaõ. Casou segunda vez com D. Brites de Lancastro, filha de D. Luiz de Lancastro, Commendador Mór de Avís, e della lhe nascêraõ D. Jayme, Commendador de S. Martinho de Moreira, que morreo na batalha de Alcacere: D. Isabel de Lancastro, mulher de D. Miguel de Menezes, sexto Marquez de Vil-

Villa-Real, Duque de Caminha, sem geraçaõ. Eta vulg.

D. Joaõ I. foi VI. Duque de Bragança, II. de Barcellos, Condestavel de Portugal, Senhor da sua grande casa com o tratamento de Alteza em razaõ da sua alta qualidade, e casamento com a Senhora D. Catharina, indisputavel herdeira de Portugal depois da morte del Rei D. Sebastiaõ, por ser filha legitima do Infante D. Duarte, e de sua mulher a Infante D. Isabel, filha do Duque D. Jayme, e neta del Rei D. Manoel, ainda que seu marido por naõ ter forças para resistir ao maior poder de D. Filippe II. de Castella, houve de se compôr com elle sobre as pretenções ao Reino. O Duque foi Cavalleiro da Ordem do Tusaõ, que se lhe conferio no anno de 1581, e da Senhora D. Catharina teve filhos ao Duque D. Theodosio II. a D. Duarte, tronco da Casa dos Duques de Oropesa pelo seu casamento em Castella com D. Brites de Toledo, filha herdeira de D. Joaõ Alvares de Toledo, Conde de Oropesa,

Era vulg. de Deleitosa, senhor de muitas terras, e de sua mulher a Condeça D. Luiza Pimentel, filha de D. Antonio Affonso Pimentel, sexto Conde de Benavente.

Teve mais o Duque D. Joaõ I. filhos a D. Alexandre, Arcebispo de Evora, Inquisidor Geral, que morreo moço em 1608: a D. Filippe, que foi Commendador de S. Pedro de Monsaraz, e outras na Ordem de Christo: a D. Serafina, mulher de D. Joaõ Fernandes Pacheco, quinto Duque de Escalona, Marquez de Vilhena, descendente do Fidalgo Portuguez do mesmo nome, de que tantas vezes se falla neste Tomo, filho de Diogo Lopes Pacheco o matador da Rainha D. Inez de Castro: a D. Maria, que falleceo estando desposada com o Duque de Parma: e mais tres Senhoras, que morrêraõ mininas.

O Duque D. Theodosio II., senhor da sua Augusta Casa, VII. na ordem, que nasceo em 1566, e morreo em 1630, casou com D. Anna de Velasco, filha de D. Joaõ Fernandes de Velas-

lasco, VI. Duque de Trias, Condestavel de Castella, e de sua mulher a Duqueza D. Maria Giron, filha de D. Pedro Giron, Duqueza de Ossuna, da qual teve ao Augusto Rei D. Joaõ IV. de Portugal, como diremos em seu lugar: ao Senhor D. Duarte, de quem faremos memoria no seu devido tempo: ao Senhor D. Alexandre, que morreo moço: a Senhora D. Catharina, que falleceo de pouca idade. Esta he a preclarissima descendencia de D. Affonso, Conde de Barcellos, filho natural do grande Rei D. Joaõ I., que felizmente vai continuando na posteridade de seu neto El-Rei D. Joaõ IV. no Throno da nossa Monarquia. E porque de D. Alvaro, filho quarto do Duque de Bragança, D. Fernando I. descende a Casa dos Marquezes de Ferreira, Duques do Cadaval, eu farei memoria desta grande Casa no Capitulo seguinte.

Eça vulg.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Descendencia de D. Affonso, Conde de Barcellos, na Casa dos Duques do Cadaval.

Dom Alvaro, que vulgarmente dizemos o Senhor D. Alvaro, filho quarto do II. Duque de Bragança D. Fernando I., e neto de D. Affonso, Conde de Barcellos, I. Duque de Bragança, foi senhor de Tentugal, do Cadaval, Alvayazere, Rabaçal, e outras terras, Regedor da Justiça, Chanceller Mór do Reino. Quando succedeo a morte tragica de seu irmaõ o Duque D. Fernando II. se ausentou para Castella com permissaõ del-Rei D. Joaõ II.; mas porque este lhe ordenára naõ ficasse naquelle Reino, nem estivesse em Roma, e elle o fez pelo contrario, ficando em Castella, para onde mandou ir súa mulher, e filhos, o mesmo Rei lhe mandou confiscar os bens, occupado do espirito de dureza, que o transportou a ex-

cess-

ceſſos demaſiados contra taõ altas peſ- ſoas.

Era vulg

Reinavaõ entaõ em Caſtella os Catholicos Fernando, e Iſabel; eſta Rainha, por parte de ſeu Avô, o Infante D. Joaõ, prima ſegunda do perſeguido D. Alvaro; pela de ſua Avó a Infante D. Iſabel, ſua ſobrinha, filha de ſua prima-irmã: ella, e o Rei ſeu eſpoſo o tratáraõ com grandes honras, e o fizeraõ Preſidente do Conſelho Real, ſeu Contador Mór, Alcaide Mór de Sevilha, de Andujar, e lhe déraõ o Eſtado de Gelves. El-Rei D. Manoel lhe reſtituio todas as terras, que tinha em Portugal, e os bens, que haviaõ ſido de ſeu Sogro, o Conde de Olivença, excepto o Titulo; mas elle até a mórte quiz moſtrar a Caſtella com a aſſiſtencia da peſſoa a gratidaõ aos beneficios.

Caſou o Senhor D. Alvaro com D. Filippa de Mello, ſenhora de Ferreira de Aves, de Arega, e agoa de Peixes, filha herdeira de D. Rodrigo Affonſo de Mello, Conde, e Alcaide Mór de Olivença, primeiro Capitaõ,

e

Era vulg. e Governador de Tangere, e de sua mulher D. Isabel de Menezes, filha de Aires Gomes da Sylva, senhor de Vagos, e Unhaõ, e teve filhos: a D. Rodrigo de Mello: a D. Jorge de Portugal, que foi Conde de Gelves em Castella, aonde casou, depois de viuvo de huma Senhora da Casa dos Condes de Penela sem geraçaõ, com D. Isabel Colon, filha de D. Diogo Colon, primeiro Duque de Veragua, Marquez da Jamaica, segundo Almirante, e Vice-Rei das Indias, neta do famoso Christovaõ Colon, que as descobrio, e delle descendem os Condes de Gelves: a D. Isabel de Castro, que casou em Castella com D. Affonso de Sotomayor, quarto Conde de Belarzalazar: a D. Brites de Vilhena mulher do Senhor D. Jorge, Duque de Coimbra: a D. Joanna de Vilhena, que foi segunda mulher de D. Francisco de Portugal, primeiro Conde do Vimioso: a D. Maria Manoel de Vilhena mulher de D. Joaõ da Sylva, segundo Conde de Portalegre.

D. Rodrigo de Mello, filho pri-

meiro

meiro do Senhor D. Alvaro, foi Conde de Tentugal, e Marquez de Ferreira por mercê del Rei D. Manoel, Senhor de Cadaval, e mais terras, Alcaide Mór de Olivença, e marido de D. Leonor de Almeida, viuva de Francisco de Mendoça, Capitaõ de Ormuz, e filha herdeira do grande D. Francisco de Almeida, primeiro Vice-Rei da India, da qual teve filhos: a D. Alvaro de Mello: a D. Francisco de Mello, de quem logo fallaremos: a D. Filippa de Vilhena, primeira mulher de seu primo D. Alvaro da Sylva, Conde de Portalegre: a D. Joanna de Vilhena, Freira em Setuval. Casou segunda vez o Conde de Tentugal D. Rodrigo de Mello com D. Brites de Menezes, filha de D. Antaõ de Almada, Capitaõ Mór de Lisboa, e teve unica filha a D. Maria de Menezes, que casou com D. Constantino, filho do Duque de Bragança D. Jayme.

Era vulg.

D. Alvaro de Mello, filho primeiro de D. Rodrigo de Mello, naõ possuio a Casa por morrer em vida de

seu

Era vulg. seu pai; mas foi casado com sua prima D. Maria de Vilhena, filha de D. Joaõ da Sylva, Conde de Portalegre, da qual teve unico filho a D. Alvaro de Mello, que pretendeo succeder na Casa de seu Avô. A este respeito teve elle demanda com seu tio o Marquez D. Francisco de Mello, que a possuia; mas El-Rei D. Joaõ III. os compôz, ordenando a D. Francisco, que largasse a seu sobrinho as terras de Arega, Carapito, Villa-Maior, Carvalhal, Meaõ, Minhocal, e outras, e que elle ficasse com o resto, que era a maior parte da Casa. Tudo herdou depois o dito D. Francisco; porque seu sobrinho D. Alvaro naõ teve filhos de D. Maria de Alcaçova, filha de Pedro de Alcaçova Carneiro, Conde das Idanhas, Védor da Fazenda, e do Conselho de Estado, com quem foi casado.

O sobredito D. Francisco de Mello, filho segundo de D. Rodrigo de Mello, foi senhor das muitas terras da Casa de seu pai, II. Marquez de Ferreira, e Conde de Tentugal, que ca-

casou com D. Eugenia de Bragança, filha do Duque D. Jayme, que foi jurado successor de Portugal, quando El-Rei D. Manoel passou a Castella no anno de 1498, e por esta nova alliança participou a Casa de Ferreira segunda vez do sangue Real dos nossos Principes. Della nascêraõ filhos D. Rodrigo de Mello; D. Nuno Alvares Pereyra de Mello, que seguirá logo: D. Joaõ de Bragança, Bispo de Viseo: D. Constantino de Bragança, que em Castella he tronco da Casa dos Marquezes de Vilhescas: D. Joanna de Mendoça, que se metteo Freira nas Chagas de Villa-Viçosa por morrer o Senhor D. Duarte, Duque de Guimarães, com quem ella estava desposada: D. Maria, Religiosa no mesmo Convento. D. Rodrigo de Mello, primogenito do II. Marquez de Ferreira, em vida de seu pai, morreo sem geraçaõ na batalha de Alcacere, sendo casado com D. Catharina Deça, Dama da Rainha D. Catharina, e filha de D. Affonso de Noronha, Vice-Rei da India.

Era vulg.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello,

Era vulg. lo, filho segundo do Marquez D. Francisco, succedeo na Casa de seu Pai, foi III. Conde de Tentugal, e casou com D. Marianna de Castro, filha de D. Rodrigo de Moscoso Osorio, IV. Conde de Altamira, e de D Isabel de Castro da Casa dos Condes de Lemos, da qual teve filhos a D. Francisco de Mello: a D. Rodrigo de Mello, Clerigo, Sumilher da Cortina del Rei D. Joaõ IV., que morreo eleito Arcebispo de Evora a 28 de Novembro de 1652: a D. Leonor de Mello, mulher de D. Manoel de Moura Corte-Real, II. Marquez de Castello Rodrigo: a D. Joanna de Castro, segunda mulher de D. Manrique da Sylva, I. Marquez de Gouvea.

D. Francisco de Mello, filho primeiro de D. Nuno Alvares Pereira, nasceo a 5 de Agosto de 1588, foi III. Marquez de Ferreira, IV. Conde de Tentugal, senhor das muitas Villas da sua Casa, do Conselho de Estado, e Guerra del Rei D. Joaõ IV. Mordomo Mór da Rainha D. Luiza, e fez o officio de Condestavel, quando o dito Rei

foi

foi jurado a 15 de Dezembro de 1640. Era vulg.
Casou a primeira vez em 1609 com D. Maria de Sandoval, e Moscoso, sua prima-irmã, filha de D. Lopo de Moscoso, VI. Conde de Altamira, da qual teve unica filha a D. Maria, que morreo minina. Casou segunda vez em 1635 com sua sobrinha D. Joanna Pimentel, filha de D. Antonio Pimentel, IV. Marquez de Tavara, e de D. Isabel de Moscoso, irmã de sua primeira mulher. Della teve filhos a D. Nuno Alvares Pereira de Mello: a D. Theodosio de Mello de Bragança, que foi Conego na Sé de Lisboa, Sumilhér da Cortina do Rei D. Affonso VI. e morreo com a esperança de grandes dignidades a 9 de Julho de 1672: a D. Isabel de Moscoso, que falleceo de 10 annos.

D. Nuno Alvares Pereira de Mello nasceo a 4. de Novembro de 1638; foi I. Duque de Cadaval, IV. Marquez de Ferreira, V. Conde de Tentugal, senhor dos Estados da sua grande casa, de muitas comendas, dos Conselhos de Estado, e guerra dos Reis D. Affon-

so

Era vulg. ſo VI. D. Pedro II. e D. Joaõ V. do Deſpacho das Mercês, e Expediente; Meſtre de Campo General da Corte, e Eſtremadura junto á Peſſoa, com outros muitos empregos, e o de Embaixador extraordinario ao Duque de Saboya para o conduzir a Portugal no anno de 1682, quando eſteve ajuſtado o ſeu caſamento com a Infante D. Iſabel herdeira do Reino. Caſou primeira vez a 29 de Dezembro de 1660 com D. Maria de Faro, viuva de D. Joaõ Frojaz Pereira, VIII. Conde da Feira, filha de D. Franciſco de Faro, VII. Conde de Odemira, da qual teve a D. Joanna de Faro, que morreo ſem eſtado.

Segunda vez caſou o Duque D. Nuno a 2 de Fevereiro de 1671 com a Princeza D. Maria Angelica Henriqueta de Lorena, filha de Franciſco de Lorena, II. Conde de Rieux, Principe de Harcourt, caçador mór de França, e de Catharina Henriqueta, filha natural do Rei Henrique IV. de França, e teve della a D. Franciſco de Mello, que morreo minino: a D. Iſabel de

Lo-

Lorena, mulher de Rodrigo Eanes de Sá, III. Marquez de Fontes. Era vulg.

Terceira vez casou o Duque tambem em França a 25 de Julho de 1675 com a Princeza Margarida Armanda de Lorena, filha de Luiz de Lorena, Conde de Armagnac, e de Harcourt, Estribeiro Mór de Luiz XIV. Rei de França, da qual nascêraõ filhos D. Francisco de Mello, que morreo de hum anno: D. Luiz Ambrosio de Mello, que casou com a Senhora D. Luiza, filha legitimada del Rei D. Pedro II. sem geraçaõ: o Duque D. Jayme de Mello, que segue: D. Alvaro de Mello, que morreo moço: D. Rodrigo de Mello, que casou com sua sobrinha D. Anna de Lorena, filha dos III. Marquezes de Fontes: D. Catharina de Lorena, que morreo de poucos dias: D. Anna de Lorena, mulher de Luiz Bernardo Alvares de Tavora, V. Conde de S. Joaõ: D. Eugenia de Lorena, que casou com Manoel Telles da Sylva, III. Marquez de Alegrete: D. Joanna de Lorena, mulher de Bernardo Antonio de Tavora, II. Conde de

Al-

Era vulg. Alvor: D. Filippa de Lorena, que casou com seu sobrinho D. Joaquim de Sá, VII. Conde de Penaguiaõ.

O Duque D. Nuno teve bastardos a D. Nuno Alvares Pereira de Mello, que foi Sumilher da Cortina dos Reis D. Pedro, e D. Joaõ V. Conego de Evora, Deaõ de Portalegre, ultimamente Bispo de Lamego no anno de 1710: a D. Maria Theresa de Mello, Freira em Santa Clara de Lisboa, e a D. Theresa Maria de Mello, que foi descalça no Mosteiro das Flamengas.

D. Jayme de Mello, III. Duque do Cadaval, V. Marquez de Ferreira, VI. Conde de Tentugal, que succedeo em toda a Casa, e Commendas de seu pai, e foi Estribeiro Mór del Rei D. Joaõ V., Mordomo Mór da Rainha D. Maria Anna de Austria, e Presidente da Mesa da Consciencia: casou primeira vez com sua cunhada a Senhora D. Luiza, viuva de seu irmaõ o Duque D. Luiz Ambrosio sem deixar geraçaõ. Casou segunda vez com a Princeza Henriqueta Julia Gabriela de Lorena, sua sobrinha, filha de

de Luiz de Lorena, Principe de Lambese, Conde de Brione, e de Braine, Graõ Senescal hereditario de Borgonha, Governador de Anjou, e de sua mulher a Princeza Joanna Henriqueta de Durfort, filha de Henrique, Duque de Duras, da qual teve a D. Nuno Caetano Alvares Pereira de Mello, que hoje he senhor da sua grande, e respeitavel casa, e tem successaõ dilatada da Duqueza D. Isabel Rita da Cunha, filha de Miguel Carlos da Cunha, V. Conde de S. Vicente: a D. Margarida de Lorena, mulher de D. Diogo de Menezes, VII. Conde de Cantanhede: a D. Luiza de Lorena, que casou com Manoel Carlos da Cunha, VI. Conde de S. Vicente. Bastardos teve o Duque D. Jayme dezasete filhos.

Era vulg.

LIVRO XXVIII.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Vida, e obras de D. Affonſo V. depois de declarado Maior, Rei XII. de Portugal.

Era vulg 1449

NO Livro XXVI., aonde eſcrevia vida do Infante D. Pedro, Regente de Portugal, tratei os ſucceſſos da Menoridade del Rei D. Affonſo V. deſde o ſeu naſcimento até ao anno de 1449, em que morreo aquelle Infante benemerito na batalha triſte de Alfarrobeira, ás mãos do meſmo Rei ſeu ſobrinho, e genro. Contava elle entaõ dezaſete annos, e havia tres, que fora declarado Maior; que o Infante lhe entregára o governo; que todo aquelle eſpaço elle gaſtára em ouvir as ſuggeſtões dos inimigos do meſmo Infante, em lhe traçar a ſua ruina, em

pre-

preparar as armas para lhe dar a morte, em buſcar pretextos para juſtificar a iniquidade: Época memoravel, donde eu continúo a narraçaõ da vida, e ſucceſſos do Reinado de D. Affonſo V. pelas ſuas expedições além do mar chamado o Africano.

Era vulg.

Caſou El-Rei D. Affonſo a 6 de Maio de 1448 com ſua Prima-Irmã D. Iſabel, filha de ſeu Tio o Infante infeliz D. Pedro, Duque de Coimbra, Regente do Reino, e de ſua mulher a Infante D. Iſabel, filha de D. Jayme II., Conde de Urgel. Viveo a Rainha D. Iſabel caſada ſete annos, e falleceo em Evora a 2 de Dezembro de 1455 Teve filhos ao Principe D. Joaõ, que naſceo em Coimbra a 29 de Janeiro: a Infante D. Joanna, que naſceo em Lisboa a 6 de Fevereiro de 1452, e regeitando o matrimonio com os maiores Principes, por ſe haver unido ao Eſpoſo das almas, viveo ſantamente no Convento de Jeſus de Religioſas Dominicas de Aveiro, aonde falleceo a 12 de Maio de 1490. A inſtancias del Rei D. Pedro II. o Papa Innocen-

Era vulg. cio XII. lhe confirmou o culto immemorial por Breve de 4 de Abril de 1693: ao Principe D. Joaõ, que succedeo no Reino, e nasceo em Lisboa a 3 de Maio de 1455. Determinou seu pai, que fosse bautisado na Sé de Lisboa, e logo reconhecido Principe.

1452 A primeira acçaõ gloriosa do Rei D. Affonso depois da mórte do Infante seu Tio, foi a do casamento de sua irmã a Infante D. Leonor com o Imperador Frederico III., mandado propor na nossa Corte por Affonso V., Rei de Napoles. Huma alliança taõ favoravel a ambos os contrahentes, o mesmo acto de propôr, foi o de concluir. O Imperador nesta occasiaõ enviou a Portugal a Eneas Silvio, e a Bartholomeo Picolomini, seu primeiro Ministro. Depois elevado ao Pontificado com o nome de Pio II. em remuneraçaõ de vír ajustar as formalidades do matrimonio, Eneas Silvio, que na mocidade escrevêra Obras, de que houve de se retratar, elle dizia: crede ao velho; naõ deis ouvidos ao moço; naõ tenhais em maior considera-

çaõ

çaõ ao homem privado, que ao Papa: regeitai a Eneas, recebei a Pio. O Imperador querendo apressar a inteira conclusaõ do seu consorcio feliz, havia dado a este Ministro os poderes necessarios para desposar a Infante: ceremonia, que se celebrou entre magnificencias, e no meio dellas embarcou a nova Imperatriz na armada Real para ser conduzida, pelo Bispo de Coimbra, pelo Marquez de Valença, por grande número de Fidalgos, e Senhores ao porto de Liorne.

Era vulg.

Entre os Senhores da comitiva da Familia Imperial, ha quem faça memoria de Joaõ de Menezes da Silva, que nós hoje conhecemos pelo nome do Beato Amadeo. Este Fidalgo era filho quinto de Ruy Gomes da Silva, Alcaide Mór de Campo Maior, e de D. Isabel de Menezes, filha do grande Conde de Vianna D. Pedro de Menezes, primeiro Governador de Ceuta. Elle se deixou arrebatar cégamente do amor da Infante, e sem violar o decóro, que era devido a taõ alta qua-

li-

Era vulg. lidade, elle lhe facrificou o coraçaõ. Conhecendo a impoffibilidade do intento, fem deixar de amar, occultou a paixaõ violenta, que o confummia debaixo da figura fymbolica de hum Altar com a letra *Ignoto Deo.* Alguns Authores attribuem menos a curiofidade de Joaõ de Menezes aos defejos de vêr Roma; á de eftar prefente á celebraçaõ do cafamento da Imperatriz, que á paixaõ occulta, que tinha concebido por ella. Quando a vio em poder do Imperador, o feu efpirito muda de objecto, e as faifcas do amor profano fopradas pelas infpirações da graça, ellas ardem incendios de caridade Divina. Elle muda o nome de Joaõ no de Amadeo; troca os veftidos Aulicos por hum fayal humilde; efconde-fe em Caftella no Convento de N. Senhora de Guadalupe de Frades Jeronymos, e entra a caftigar em fi com afperas penitencias a ociofidade dos cultos antes dados á Deidade defconhecida.

Daqui o mandou huma voz fuprema profeffar na Religiaõ de S. Francifco, já deftinado para fazer a Reforma

ma dos Clauſtraes, que confirmou o Papa Paulo II. no anno de 1469. Eſte Santo Varaõ compôz hum Livro de Revelações reſpectivas ao eſtado da Igreja, e a mudança da Religiaõ dos Reinos, e dos Reis com eſte façanhoſo Titulo: *Jeſus Mariæ filius Salvator hominum Apocalypſis nova ſenſum habens apertum, & ea, quæ in antiqua Apocalypſi erant intus, hic ponuntur foris. Hoc eſt, quæ erant abſcondita, ſunt hic aperta, & manifeſtata.* Sabem os inſtruidos o eſtrondo, que eſtas Revelações fizeraõ entre os homens de erudiçaõ do XIV. Seculo. Eſta Obra eſtá adulterada com diverſos erros, e deve ſer lida com huma grande cautela. O ſeu Original ſe conſerva no Convento do Eſcurial, donde o Arcebiſpo de Granada, e Sevilha, D. Pedro de Caſtro extrahio huma cópia, que pôz na Biblioteca do Sacro Monte de Granada. Montfaucon diz, que no Vaticano ſe guarda outra; mas ſe alguma exiſte ſem eſtar adulterada, he a do Collegio de S. Boaventura de Barcellona, que tem no fim hum teſte-

Era vulg.

Era vulg. temunho de ser a legitima, escrita pela propria maõ de S. Pedro de Alcantara.

Naõ ha dúvida, que dous homens taõ conhecidos como o Cardeal Caetano, e Bzovio pretendêraõ macular a opiniaõ do B. Amadeo, affirmando ser sua a Obra contaminada com as revelações falsas, opiniões erroneas, e erros grosseiros, que nella tem notado a boa critica. Outros espiritos estimaveis, como Samaniego, Alva, e Wandingo defendêraõ com doutas Apologias a fama santificada de Amadeo; e convencem aos dous adversarios da precipitaçaõ céga, com que investiraõ a hum Varaõ respeitado das Nações. Fr. Jacynto Libello, Arcebispo de Avinhaõ, communicou a D. Julio Bartoloci as sete Censuras Manuscritas do Cardeal Bellarmino, que guardava na sua Biblioteca para testemunhos da innocencia do B. Amadeo; e os mesmos Chronistas Franciscanos, que advertíraõ com prudencia a reflexaõ necessaria para a sua Obra ser lida; elles a sentenceaõ, naõ parto do es-

espirito illuminado do Servo de Deos; mas aborto de algum espirito impostor, que quiz fazer estimar Visões as visagens da sua depravada fantazia.

Era vulg.

O Imperador Frederico veio a Liorne alguns dias antes da chegada da Imperatriz, acompanhado de Ladisláo, Rei de Ungria, de seu irmaõ o Archi-Duque Alberto, e de outros grandes Principes, que se demoráraõ até a vinda da armada. Immediatamente partio a Familia Imperial para Roma, seguindo ainda Amadeo melhor illuminado os movimentos do Sol, que se lhe punha. O Papa mandou receber os Cesares por treze Cardeaes, pelo corpo do Cléro, pelos Magistrados da Cidade, que lhes vieraõ precedendo na marcha, e os conduzíraõ aos degráos da Igreja de S. Pedro, aonde lhes tinhaõ armado hum docel soberbo. O Papa, vestido nos ornamentos pontificaes, e assentado em huma cadeira de marfim, esperou ao Imperador, que fez a ceremonia edificante de lhe beijar o pé. No dia seguinte, que era o de 15 de Março, o Santo Padre cele-

Era vulg. lebrou a Missa, confirmou o matrimonio, e cingio á Imperatriz a mesma Coroa, que em acto semelhante servíra á mulher do Imperador Sigismundo I.

Gozava Portugal de hum profundo socego; mas estimulados os animos com as noticias dos progressos vantajosos, que obravaõ os nossos Fronteiros de Africa, ellas fizeraõ tal impressaõ no espirito marcial do Infante D. Fernando, que sem o embaraçar a falta de licença del Rei seu irmaõ, sem o prenderem as ternuras de recemcasado com D. Brites, filha de seu Tio o Infante D. Joaõ, elle mandou com todo o segredo esquipar huma caravella, em que se embarcou para ir assignalar a sua corage em Ceuta na guerra contra os Mouros. Esta resoluçaõ do Infante, quando estava taõ fresca a memoria da infelicidade de seu Tio o Infante do mesmo nome, naõ pode deixar de affligir o animo del Rei seu irmaõ. Elle lhe ordenou, que sem perda de tempo se recolhesse á Corte; como executou promptamente para conse-

feguir na obfervancia da obediencia hum triunfo mais gloriofo, que o das armas.

Era vulg. 1453

Foi recebido o Infante com as demonftrações do maior agrado; e o Rei querendo dar próvas fignificantes da fua eftimaçaõ para com elle, naõ fó o nomeou Mordomo Mór da Cafa Real, mas lhe deo a propriedade das Villas de Serpa, e Moura, e a da Cidade de Béja, aonde elle, e a Infante fua mulher fundáraõ o grande Convento da Conceiçaõ da Ordem de Santa Clara, rico, e bem patrimoniado. Mas quando D. Affonfo refreava os ardores marciaes do Infante, elle nada defejava tanto como empregar o feu zelo, e a fua corage contra os Infieis. O Papa Nicoláo V. tanto a elle, como aos mais Principes Catholicos, offerecia huma bella occafiaõ para naõ terem ociofos os efpiritos; publicando hum Breve, em que invitava a todos para unirem as fuas forças contra Mahomet II. inimigo formidavel, que acabava de defcarregar na Chriftandade hum golpe fenfivel na tomada de Conftanti-

Era vulg. tinopla. Esta Capital famosa do Imperio do Oriente, depois de hum sitio de cincoenta e oito dias, se sobmetteo ao jugo barbaro, malogrados os inimitaveis esforços do Imperador Constantino Paleologo, que na sua defensa perdeo a vida.

O Papa fez esta exhortaçaõ sensivelmente tocado das indignidades abominaveis, que os Turcos commettiaõ em tudo, quanto na Religiaõ havia de mais sagrado. Todos os Principes prometteraõ acodir á restauraçaõ do Emporio, que fizera nascer glorioso hum Constantino, e nas mãos de outro Constantino espirára com lastima; mas de todos os chamados, só D. Affonso se pôz prestes com huma numerosa esquadra, em que elle havia mandar em pessoa 12000 homens de desembarque. Se os outros Reis cumprissem a palavra, e se movessem, D. Affonso naõ abateria os espiritos no empenho, para que naõ bastavaõ só as suas forças. A sua actividade, o seu zelo, a sua promptidaõ lhe adquirîraõ o credito, que lhe podiaõ dar os triunfos;

cer-

certo o mundo, que era digno de gloria o Rei, que qualificava o valor na mesma falta dos conflictos. Era vulg.

1454

Destinos differentes, interesses particulares embotárao as armas da Europa para nao se empregarem em promover os negocios da Religiao, reduzidos no Oriente a estado de nao se poderem levar, senao por força. Elles erao tao puramente temporaes, como aquelles, que ao mesmo tempo tratava na nossa Corte a do Rei D. Joao II. de Castella. Elle mandou Embaixadores a D. Affonso, que lhe propozessem da sua parte quizesse interromper por algum tempo o progresso das suas conquistas em Africa, e se escusasse de mandar fazer a navegaçao de Guiné. Estes officios forao acompanhados da arrogancia, que ameaçava a D. Affonso como rotura da paz, que unia as duas coroas, se a resoluçao nao fosse em tudo conforme com a proposta. Os Embaixadores a avançavao, cobrindo o seu ciume com o pretexto especioso da usurpaçao do direito de seu amo, que cria nao a poder tolerar

mais

Era vulg. mais tempo ſem damno dos ſeus intereſſes. O prejuiſo verdadeiro, em que ſe fundava a alternativa da repreſentaçaõ, elle naõ era outro além dos grandes zelos, que ao Rei de Caſtella cauſavaõ as vantagens das armas do de Portugal, a felicidade dos ſeus Capitães, os avances nas conquiſtas, e no commercio.

Penetrou D. Affonſo o fundo da negociaçaõ, e em tom mageſtoſo fez reſponder aos Embaixadores: Que elle naõ mandaria as ſuas náos a Guiné, ſenaõ entendeſſe, que tinha hum direito bem firme para o poder fazer: Que as conquiſtas em Africa, directa, ou indirectamente nada tinhaõ de relativo com a coroa de Caſtella, antes lhe eraõ de tanto maiores intereſſes, quanto mais fechavaõ os mares para daquella parte do mundo naõ poder receber ſoccorros ſeu inimigo implacavel o Rei de Granada: Que El-Rei eſtava muito mal informado por alguns intereſſados particulares, aos quaes faria conta a rotura da paz, cujas conſequencias devia meditar antes de empre-

prehender a guerra : Que ſe queria obrar prudente, ſe comprometteſſe em arbitros, que ſobre eſtes aſſumptos diſcutiſſem os direitos , e conveniencias de ambas as coroas. Neſta figura ſe achavaõ os noſſos negocios com Caſtella , que pouco antes tinha concluido outro interior de naõ menos gravidade, que fazer julgar nullo por commiſſaõ do Papa Nicoláo V. o caſamento do Principe D. Henrique com D. Branca , filha del Rei de Navarra, ſendo o fundamento a impotencia affectada no Principe , defendida pelos Hiſtoriadores Caſtelhanos , e poſta em público na primeira ſentença, que publicou D. Luiz da Cunha , Governador da Igreja de Segovia, a 23 de Novembro do anno antecedente de 1453. A morte, que pouco depois ſobreveio ao Rei D. Joaõ , deixou o negocio com Portugal indeciſo, e elle por ſucceſſor á Coroa ao meſmo impotente Henrique , quarto do nome na ſérie dos Reis de Caſtella.

Era vulg.

Morreo o Papa Nicoláo , que teve por Succeſſor a Calixto III. , que

1455

ha-

Era vulg. havendo nafcido vaffallo de Aragaõ, deveo muito, e dizem que pagou mal o quanto por elle fe intereffára o feu Rei. Para com efte Principe, o feu primeiro máo paffo foi naõ lhe querer confirmar a Inveftidura do Reino de Napoles, que lhe havia dado o feu predeceffor. O impotente de Caftella, como já fe via Rei com poder, quiz moftrar ás outras Cortes a folidez dos fundamentos da fentença do feu divorcio, naõ fó em entretenimentos indecentes com multiplicados objectos do outro fexo; mas contraindo fegundas vodas com a Infante de Portugal D. Joanna, irmã do Rei D. Affonfo. Os intereffes dos Reinos neceffitavaõ defta alliança; mas os póvos credulos ao eftrondo da fentença do divorcio, fe laftimavaõ, de que a D. Joanna fuccedeffe o mefmo, que a D. Branca, fem que já mais mereceffe ouvir o doce nome de mãi. Sobre efte ponto foi confultada a Infante, que pondo na balança da confideraçaõ fe pefava mais a mageftade da Coroa, que a ternura de hum nome fuave, refolveo expôr-

fe

ſe ás contingencias de naõ ſer mãi, antes que privar-ſe da certeza de ſer Rainha. Era vulg.

Ella caſou, e teve huma filha, que he aſſumpto alto na Hiſtoria. Os Eſcritores Caſtelhanos, que eſtendem ao largo os vicios do ſeu Rei com outras Damas, e tanto o apertaõ para os actos licitos do matrimonio, dizem que elle tratava taõ mal a Rainha, que chegára a arraſtalla pelos cabellos: que ella eſcandaliſada, de palavra, *puſo obſtaculo en las puntas de las Coronas*. Outros menos eſcrupuloſos naõ pozeraõ o obſtaculo na volubilidade da palavra; mas na conſtancia da obra, de que fizeraõ author a Beltraõ de la Cueva, Mórdomo da Caſa Real, e naõ ſe envergonháraõ de imprimir no ſeu Rei o caracter infame de hum concurrente com o material para ella; conſentindo, que o Beltraõ lhe deſpicaſſe a importancia na mulher propria, como ainda ſe repetirá neſta Hiſtoria. Que juizo prudente acreditará, que hum Soberano rompeſſe taõ inconſiderado o decóro da Mageſtade, e que premiaſſe

Era vulg. o instrumento da sua affronta com o Mestrado da Ordem de Sant-Iago, o fizesse Duque de Roa, e lhe désse as Villas de Albuquerque, Molina, Atienza, Cuellar, e outros muitos Póvos, e mercês?

CAPITULO II.

Morte da Rainha D. Isabel, e primeiras expedições del Rei D. Affonso a Africa.

Amava D. Affonso com muita ternura a Rainha D. Isabel, sua esposa, que o fizera pai de tres filhos. Na flor dos seus annos, com saude robusta, quando menos se pensava, morreo esta Senhora com dôr inconsolavel de seu marido, que olhava para a sua mórte como hum effeito das más intenções, que contra ella tinhaõ concebido os inimigos inexoraveis de seu pai o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra. Viviaõ ainda todos estes adversarios, e ninguem duvidou, que a Rainha morrêra do veneno, que el-

elles lhe propináraõ. El-Rei desaffogou o seu justo sentimento com a pompa magnifica das exequias, que mandou fazer na Cidade de Evora, aonde a Rainha fallecêra a 2 de Dezembro de 1455, e donde foi levado o seu cadaver para o Real Convento da Batalha. Foi obra sua a reedificaçaõ do Convento de S. Bento de Xabregas para os Conegos Seculares de S. Joaõ Evangelista, que reconhecidos a esta sua bemfeitora, fazem della lembrança illustre na Chronica da sua Congregaçaõ.

Era vulg.

El-Rei occupado entaõ das imagens tristes da morte, quiz continuar as honras aos cadaveres Reaes; e celebradas as da esposa, determinou fazer o mesmo, transferindo para nova sepultura o corpo da Rainha D. Leonor sua mãi, que sem razaõ foi morrer a Castella, e estava enterrada em Toledo. D. Affonso pedio este deposito ao Rei D. Henrique, que com pompa brilhante o veio acompanhando até a Cidade de Elvas, aonde ambas as Magestades se avistáraõ, e a Portugueza

Era vulg. o foi conduzindo ao Convento da
1456 Batalha. D. Henrique, que na volta para o seu Reino emprehendeo a guerra de Granada com o poderoso exercito de 14000 cavallos, e 50000 infantes, pelo pouco que obrou com elle, de tal sórte desagradou aos Grandes, que D. Pedro Giron fazendo-se cabeça de huma conjuraçaõ, quizeraõ prender o seu Soberano. Pelo mesmo tempo tomáraõ tanto corpo as sedições de Navarra, que o Principe de Viana D. Carlos, desigual no poder a El-Rei D. Joaõ seu pai, se vio obrigado a desamparar a Patria, e passar a Napoles com o Rei de Aragaõ, seu tio.

1457 O de Portugal, que gozava o bem da tranquillidade, com o desejo ardente de ganhar fama, que o fizesse immortal na posteridade, escreveo ao Papa Calixto III. instando-o a que colligasse todos os Principes Catholicos contra o Turco, offerecendo para esta empreza a sua pessoa com todas as forças do Reino. Estimou o Pontifice offerta taõ generosa, que toda ce-

dia

dia em obsequio da Religiaõ, e mandou a Portugal ao Bispo de Sylves, que estava em Roma, com a Bulla da nova Cruzada, concebida segundo as intenções, que o Papa Nicoláo V. tinha formado antes da tomada de Constantinopla por Mahomet. Do mesmo modo se conduzio Calixto com os outros Reis Catholicos; exhortando-os de huma maneira paternal, e terna para se unirem, e emprehenderem huma guerra santa. Bem conhecia o Papa o zelo, e o valor de D. Affonso; e elle, que de tudo queria dar próvas constantes, a penas lhe foi notificada a Bulla, ordenou se levantassem trópas, entregue todo á execuçaõ das idéas da expediçaõ religiosa. Entaõ mandou cunhar a moeda, que fez chamar *cruzados*, para pagamento dos gastos da guerra taõ importante, e nomeou por Chéfe do exercito a D. Pedro, filho do Infante do mesmo nome Duque de Coimbra, que para esse fim mandou vir de Castella, aonde estava refugiado depois da mórte de seu pai.

Era vulg.

A do Papa, que sobreveio pouco de-

Era vulg. depois, frustrou designios taõ santos; e o ciume dos outros Principes pretendeo com máquinas intrigantes, que o zelo piedoso de D. Affonso tivesse por premio abatimentos da reputaçaõ, injúrias do caracter. A prudencia prevenio o golpe pesado; e fazendo o Rei tremolar em Africa victoriosas as suas bandeiras, obrigou aquellas Regiões a tremer com susto, a callar-se a Europa com respeito. Elle propoem este designio ao seu Conselho, que o approva, e em Setuval, que escolhêra para Quartel General, passa revista ás trópas, e á armada. Esta se compunha de 200 navios, e aquellas de 20$000 homens de equipagem com o seu Rei na tésta, acompanhado do Infante D. Fernando, Duque de Viseo, do Marquez de Villa Viçosa, dos Grandes da Corte, e muita parte da Nobreza do Reino. Para que as suas armas merecessem a bençaõ do Ceo, El-Rei mandou fazer préces públicas, e solemnes; fez celebrar o Sacrificio de Conforto, e acabado elle, no mesmo ponto se levou toda a armada, na-

ve-

vegando com vagar até ao Cabo de S. Era vulg.
Vicente para se lhe irem ajuntando as náos, que haviaõ sahido dos pórtos das Provincias do Nórte.

O grande Infante D. Henrique, tio 1458
del Rei, que depois da sua expediçaõ infeliz sobre Tangere viera residir na Villa de Sagres, logo que avistou a armada, em que se havia embarcar para authorisar com o veneravel dos annos, do conselho, e do valor esta empreza, elle partio para Lagos. Até chegar a armada a este porto, D. Affonso havia tratado a viagem como hum dos Sacramentos dos Reis; mas nelle revelou a todos, que o seu destino era marchar sobre Tangere para despicar a injúria de seu tio o Infante Santo D. Fernando no mesmo lugar, aonde ella lhe fora feita; que esperava mostrar nelle as Quinas de Portugal aos Mouros temerosas, a nós alegres; que hia certo, em que os seus vassallos saberiaõ procurar no mesmo acto com valor sublime os creditos da Religiaõ, a gloria do Estado, a vingança justa dos desprezos do Infante. O

gol-

Era vulg. golpe porém, que ameaçava a Tangere, foi descarregar em Alcacer Ceguer: Praça, que desmentia o nome, que significa pequeno, com o forte da contextura, e com ter a grandeza de ser huma Cidade do Reino de Féz, fronteira ao Estreito de Gibraltar, que fortificou Jacob Almançor, Rei de Marrocos.

A noticia deste projecto, e a vista da armada obrigou os Mouros à entrincheirar-se na praia para fazerem a primeira opposiçaõ ao desembarque; mas naõ podendo soffrer o fogo continuado das náos, elles abandonáraõ o entrincheiramento, e D. Affonso, postada a gente em terra, sem perda de tempo mandou levantar huma bateria, que duas horas naõ cessou de bater a Praça. O vigor deste ataque de sórte atemorisou a guarniçaõ, que resoluta a naõ esperar segundo, capitulou, e se rendeo salvas as vidas. Com gloria semelhante á de seu Avô sobre Ceuta, D. Affonso no mesmo dia desembarcou, e sobmetteo Alcacer. No inicio desta prosperidade o valor do Rei

se

se sentio da pouca resistencia, que encontrára nos Barbaros. Entendeo, que huma victoria taõ barata tirava boa parte á plausibilidade do triunfo; mas este ardor naõ lhe impedio, que elle estimasse o successo feliz das suas armas por effeito de huma protecçaõ especial do Ceo. Occupado deste sentimento Catholico, determinou primeiro que tudo dar graças ao Author da victoria, fazendo consagrar a Mesquita maior debaixo da Invocaçaõ da Senhora da Misericordia, aonde logo se celebrou o Sacrificio Incruento com ternura inexplicavel dos coraçōes pios. Era vulg.

Guarnecida Alcacere, Praça forte, e porto rico, tres legoas apartado da cósta de Hespanha, encarregada a sua defensa ao valor provado do grande D. Duarte de Menezes, filho do Conde D. Pedro, Capitaõ de Ceuta; El-Rei se embarcou para esta Praça dous dias depois daquella conquista. O Rei de Marrocos com a noticia da sua perda, e da retirada de D. Affonso para Ceuta, veio a Tangere determinado a reconquistar Alcacere,

Das

Era vulg. Das suas forças formidaveis, que cobriaõ os campos, foi El-Rei avisado pelos espias, que os batiaõ, e nada quiz resolver sem ouvir os votos do seu Conselho. Advertiaõ os prudentes, que as vidas, e a reputaçaõ naõ se deviaõ arriscar á vista de huma desigualdade taõ notavel. Os intrepidos, que eraõ os mais, suggeriaõ o conceito que faria o mundo, sabendo que o Rei passára a Africa para sustentar contra os Barbaros huma guerra defensiva: que naõ era decente ao seu decóro estar com a espada na bainha, vendo os Mouros degollar-lhe os vassallos, naõ fazendo caso da sua presença; que bastava esta injúria para tudo se expôr a fim de a vingar.

Prevalecêraõ estes votos por mais guapos, e resoluto hum combate geral sustentado na idéa, de que Portuguezes mediaõ o valor, e naõ contavaõ número: foraõ escolhidos Martim de Tavora, e D. Lopo de Almeida para levarem ao Rei de Marrocos o Cartel de desafio. O Barbaro transportado do furor, naõ quiz ouvir os

Emis-

Emissarios ; mandou fazer fogo sobre elles, e continuou a marcha para Alcacere na testa de 30000 cavallos, e de huma quantidade prodigiosa de Infantaria. Esta resolução do Rei de Marrocos desconcertou as medidas tomadas para a batalha, que sería temeraria se os Portuguezes houvessem de lhe seguir a marcha pelo Paiz inimigo para irem atacar dentro das linhas do seu campo sobre Alcacere hum exercito duas vezes respeitavel, pela situação, e pelo número. Então foi determinado em Ceuta, que os esforços se applicassem a socorrer a Praça, para onde o Rei se fez á véla com toda a armada; mas elle encontrou para o desembarque tantas difficuldades invenciveis, que concebeo a idéa de vir a Portugal para refazer o exercito, e voltar a combater os Mouros, que davaõ á Praça assaltos temerosos.

Era vulg.

Naõ consentio o valor na retirada, que poderia parecer fugida, antes se mandou postar em terra a todo o risco hum corpo consideravel de trópas com o destino, ou de entrar na Praça,

Era vulg. çá, ou de suſtentar aquella parte da campanha para facilitar qualquer tentativa, que podeſſe occorrer: poſtado porém de fórma, que ſe os Mouros vieſſem atacallo com vantagem, elle foſſe ſoccorrido, e facilmente ſe reembarcaſſe ſem damno. Em quanto na armada ſe faziaõ eſtes movimentos, os Mouros ſem ceſſar atacavaõ Alcacere com hum fogo igual de cincoenta canhões. A tudo reſiſtia a corage inimitavel de D. Duarte de Menezes, que na face dos maiores perigos tirava toda a eſperança aos Barbaros de aballarem no ſeu peito o promontorio immovel da conſtancia. Já eraõ paſſados dias baſtantes de ſitio para na Praça eſtarem conſummidas as munições, e os viveres: já ſe haviaõ comido os cavallos, menos trinta deſtinados para alguma ſahida, que a guarniçaõ já meditava como refugio na ultima extremidade, em que o valor a acabaſſe no campo, naõ a fome na Praça.

D. Duarte antes de emprehender eſta gentileza, ultima das militares a que ſe arrojaõ os corações magnanimos, pa-

pára que os inimigos se desvaneçaõ de render paredes, e naõ homens, elle quer primeiro avisar o nosso campo entrincheirado em terra. Como todas as avenidas estavaõ tomadas pela multidaõ dos Mouros, D. Duarte prende a carta na ponta de huma setta; mas despedida com ponto taõ errado, que foi cahir entre os Barbaros, e os instruio do estado triste da Praça. Concebe esperanças de rendella o Rei de Marrocos, e pelo mesmo correio responde a D. Duarte: Que elle se lastimava da miseria dos Portuguezes, e que della participasse hum homem do seu tamanho: que naõ quizessem perecer todos como Leões famintos enterrados na cova, quando podiaõ soltos multiplicar asperezas: que naõ merecia gloria, antes reprehensaõ acabar desesperados ás mãos do inimigo mais inexoravel da natureza, qual era a fome: que lhe entregasse a Praça debaixo do seguro, de que na sua benignidade encontrariaõ os Portuguezes hum acolhimento bem differente daquelle, que os Mouros acháraõ no seu Rei, quando a ganhou.

Era vulg.

Ou-

Era vulg. Outro espirito, que naõ fosse o do grande D. Duarte, poderia sobprender-se por constar aos seus inimigos a situaçaõ fatal, a que estava reduzido; mas a esperança de ser tratado com humanidade, tanto o naõ tocou para faltar em hum ponto ao cumprimento dos seus deveres, que esforçou o valor para remediar o erro da setta com esta resposta penetrante: Que a carta, que elle acabava de receber a devia presumir resposta de alguma, que se mandára da Praça ao seu campo: que hum de dous espiritos bem oppostos a haveria escrito; ou algum covarde taõ infame, que se quereria prevenir com aquelle serviço para no caso de render a Cidade, elle lho remunerar benefico; ou de outro valente taõ generoso, que por aquelle modo o desafiava para lhe facilitar arrojar-se aos combates, e elle ter a complacencia de vêr o destroço dos Mouros: que este segundo era o seu conceito, e para dar as provas da verdade delle, e de que nada faltava em Alcacere para huma defensa longa, e vigorosa, lhe pedia se dei-

xas-

xasse estar todo o tempo, que lhe parecesse; que multiplicasse os assaltos, e os contasse pelas horas do dia, até chegar a ultima, em que tivesse o gosto de ser necessario offerecer-lhe huma escolta da sua guarniçaõ para o conduzir a Marrocos, naõ sendo toleravel a D. Duarte de Menezes, que hum Rei do seu caracter, que viera a Alcacere com tanto sequito, se recolhesse sem companhia.

Era vulg.

Huma resoluçaõ taõ viva imprimio no Rei Mouro o terror, que elle presumia ter derramado entre os Portuguezes, e passando aos membros o susto da cabeça, esfria o vigor das operações, começa a desertar a trópa, e he a commoçaõ taõ sensivel, que D. Duarte a percebe. Este espirito só a si igual, resolve-se a fazer hum esforço, que testemunhe ao Rei inimigo o sério da resposta, que acaba de lhe dar, e leve o seu temor a tocar as segundas balizas da covardia. Elle chama a seu filho D. Henrique de Menezes; entrega-lhe o melhor da guarniçaõ, os robustos, os façanhosos; ordena-lhe saia

ao

Era vulg. ao campo; se lance sobre as linhas dos Mouros, e mostre que he filho de D. Duarte, neto do Conde D. Pedro. Os sitiantes já occupados do pavor, na face do novo Heróe elles recuaõ; largaõ as trincheiras depois de deixarem mil e duzentos degollados; D. Henrique céga as linhas, crava os canhões, faz que cem mil Barbaros abandonem o campo; passa á espada quanto resiste; enche a Praça de prisioneiros; e unidas

1459 as palavras da carta do pai aos golpes da espada do filho, por hum modo incrivel elles fazem levantar o sitio de Alcacere.

Retirado o Rei Mouro, elle se confunde da sua fraqueza, e com o exercito recrutado, volta a reparar a nóta, ou a morrer na empreza. Os protestos das trópas, que se revestem do semblante do Principe, lhe mitigaõ a cólera, e dando lugar ao valor, depôz a tristeza; que o espirito se desaffoga, quando huma esperança bem fundada o anima. Com grande circunspecçaõ mandou o Rei de Marrocos trabalhar em novas trincheiras, levantar baterias,

fa-

fazer fogo, affaltar a Praça, e fem fe embaraçar com a grande perda de gente, levar avante o projecto. Cincoenta dias difputáraõ entre fi a corage racional dos fitiados com a defefperaçaõ barbara dos fitiantes. Em fim, aos olhos deftes já fe faziaõ intoleraveis os efpectaculos da carnagem, que os forçou a pedirem ao feu Rei defiftiffe dos empenhos, que tinhaõ por confequencia multiplicar a elles as perdas, aos Portuguezes redobrar a gloria. Segunda vez fe retira de Alcacere o Rei de Marrocos confufo, e outras tantas fe arrepende, já fóra do perigo, de naõ fazer os ultimos esforços até largar a vida.

Era vulg.

Como a dôr dos Barbaros fó fe defaffogava em fazer apreffos, receofos de entrar em novas idéas; D. Duarte teve tempo de avifar do eftado da Praça a El-Rei, que o mandou focorrer com gente efcolhida, com munições, e viveres em abundancia, com quantidade de cantaria lavrada para augmentar as fortificações. O Governador incanfavel lhes accrefcentou novas

Era vulg. obras, e com o material vindo do Reino, em poucos dias fez huma meia lua de reforço taõ consideravel, que naõ só asseguarava a navegaçaõ do porto; mas pela terceira vez obrigou o Rei de Marrocos a retirar-se com igual perda ás precedentes. Entaõ quiz El-Rei saber de D. Duarte os modos excellentes com que elle se tinha conduzido, e o mandou vír á Corte, aonde foi recebido entre agrados, e beneficencias; nos vassallos da honra de D. Duarte mais estimaveis os primeiros, que as segundas Se com estas, em que se incluio o Titulo de Conde de Viana, El-Rei lhe premiou a relevancia dos serviços, com os outros fez publico, que lhe sabia avaliar o merecimento.

Os Mouros tinhaõ ficado taõ cortados do nosso ferro, que quando D. Duarte se recolheo a Alcacere elle pode visitar os contornos distantes da Cidade para cortar todos os padrastos, que lhe impedissem a defensa. Mandou fosse arrazado hum Forte, de que nós nos serviamos, por ser posto, que possuindo-o os Mouros, incommodaria

a navegaçaõ, lhes facilitaria as emboſcadas, e ſe contentou com fortificar todas as avenidas, por onde elles podiaõ chegar ao corpo da Praça. Em quanto os noſſos Chéfes aſſim ſe conduziaõ em Africa, El-Rei D. Affonſo, que dilatava os penſamentos muito além de ſer ſenhor de Ceuta, e Alcacere, naõ ceſſava de formar reſoluções, e fornecer preparos, que o conduziſſem intrépidos a ir bater ás portas de Féz. Com eſte deſignio firme, e animoſo, até ſe reſolveo a fazer huma grande promoçaõ de Cavalleiros da Ordem de Sant-Iago, que deſde entaõ tomáraõ o nome da Eſpada, em alluſaõ ao deſtino para que o Rei os criára; que era marcharem ás portas de Féz a buſcar a eſpada de hum dos noſſos Chéfes, que o Rei Mouro mandára enterrar junto a ellas, ou guardava nas ſuas torres.

Era vulg.

Quando eſtes eraõ os cuidados de Portugal, ſobrevieraõ conjuncturas, que deſpertáraõ outros. Nelle ſe ouviaõ com deſagrado os deſmanchos do Rei Henrique de Caſtella, que tratava

Era vulg. a Rainha com menos decencia ; que a hum homem baixo, natural de Belmonte , chamado Lucas Itanzu , nomeára Condestavel de Castella ; que a Gomes Solís , outra figura semelhante ao Itanzu , fizera Mestre da Ordem de Alcantara : desconcertos intoleraveis no meio de hum Reino cheio de homens benemeritos , que naõ podiaõ deixar de dar o nome de fatuidade a provimentos semelhantes, e dispôr-lhes as consequencias. Por outra parte os cossarios de Bretanha , que prevertiaõ o nosso commercio , deraõ causa a D. Affonso para representar ao seu Duque Francisco II. remediasse aquelles insultos , sem o pôr na precisaõ delle o fazer com as armas. O Duque prevenio o resentimento do Rei com huma satisfaçaõ completa , que acalmou a desordem , e suspendeo os effeitos do rompimento.

1460 A estas , e outras occurrencias, que levavaõ as attenções da Corte , se seguíraõ duas mortes , ambas dignas de sentimento. A primeira foi a de D. Affonso, filho do primeiro Duque de Bra-

Bragança, Conde de Ourem, Marquez de Valença, ſem deixar geraçaõ legitima, que ſuccedeſſe na ſua grande caſa. Foi perda conſideravel a da vida deſte Principe, que era dotado de grande engenho, diſtincto entre todos os homens pelas ſuas viagens, pela ſua dexteridade nos negocios, pelo ſeu conſelho no Gabinete: circunſtancias, que unidas ao alto naſcimento, o fizeraõ digno da grande Embaixada ao Concilio de Baſiléa, e de ſer o Conductor da Infante D. Leonor, quando foi a caſar com o Imperador Frederico III.

Era vulg.

Mais que todas ſenſivel a morte do Infante D. Henrique ſuccedida a 15 de Novembro deſte anno, como eu já diſſe na ſua vida, aonde teci o elogio bem deſigual ao ſeu alto merecimento. O ſeu cadaver veneravel foi transferido de Sagres para Lagos, aonde eſteve hum anno. Seu ſobrinho, e herdeiro o Infante D. Fernando o conduzio em peſſoa com a pompa devida para o Convento da Batalha. Naõ ficou delle geraçaõ, por haver coroado as

ſuas

Era vulg. ſuas virtudes com a pureza virginal, em que ſe conſervou ſempre, para que foſſem boas todas as obras de hum
1460, Principe com tanta caſtidade. Com
e pouco intervallo de tempo o acompa-
1461, nhou na meſma jornada ſeu irmaõ na-
ou tural D. Affonſo, primeiro Duque de
1462 Bragança, que antes fora Conde de Ourem, e de Barcellos, e que deixaría memoria muito mais illuſtre, ſenaõ a manchára ingrato com a perſeguiçaõ inexoravel, calumnioſa, e injuſta contra ſeu irmaõ, e bemfeitor o ſempre lembrado Infante D. Pedro, como fica dito.

1462 Neſte anno appareceo em Heſpanha o Aſtro, que tinha de vír encontrar a interpoſiçaõ em Portugal para eclypſes mutuos. Naſceo dos Reis de Caſtella D. Henrique, e D. Joanna huma Princeza do nome de ſua mãi, á qual a malevolencia, em deſpique de nós chamarmos baſtarda á Rainha D. Brites, accreſcentou a alcunha poſtiça de Beltraneja para a dar a conhecer por filha de Beltraõ de la Cueva. Naſcida a Princeza, os Eſtados a juráraõ her-

herdeira do Reino, e seu pai putativo El-Rei D. Henrique, dizem os Escritores Castelhanos, que honrára logo o pai verdadeiro Beltraõ de la Cueva com o titulo novo de Conde de Ledesma. E naõ se cobrem de pejo estes grandes homens, de que nós, prevertida a seriedade da Historia, lhes respondamos: Que se podiaõ fazer ao seu Rei muitos destes serviços, pois elle taõ bem os pagava? Do maior insensato se naõ profere desatino semelhante, quanto mais de hum Principe. Porém o famoso Mariana diz: Grande mingoa, enxerir na succeffaõ Real essa, que o vulgo estava persuadido fora havida em má parte, sendo certo, que a bondade, e clemencia del Rei (note-se que clemencia, e que bondade) fez demasiados os tempos, que alcançou. Depois de fallar assim este grande homem, e de lhe terem respondido outros do seu tamanho, a minha pequenhez se satisfaz com repetir estas suas expressões, que em si mesmas encerraõ a convicçaõ da calumnia.

Era vulg.

Ora

Era vulg. Ora para eu descobrir neste theatro as representações de Hespanha, e deixar preparada a scena para as que tem de vêr Portugal depois de treze annos por causa desta Princeza infeliz, deve-se saber, que depois della jurada herdeira, e Successora de seu pai D. Henrique, os Grandes clamáraõ contra esta deliberaçaõ, e transportados do odio, que tinhaõ a Beltraõ de la Cueva, entráraõ a publicar que a Princeza era sua filha; e o Rei para elles o mesmo que hum phantasma. Por outra parte o Infante D. Affonso, irmaõ de D. Henrique, aproveitou as agoas envoltas para nellas pescar a Coroa; convocou os mesmos Estados, que reconhecêraõ por legitima a D. Joanna, e os fez declarar que ella era incapaz da succeffaõ, que só pertencia ao Infante.

Dado este primeiro passo taõ estranho, e violento, os conjurados junto á Cidade de Avila, além do rio Adar, levantáraõ hum cadafalço, em que collocáraõ a Estatua do Rei Henrique ornado das insignias Reaes. Havia concor-

corrido ao espectaculo hum número immenso de vassállos infames, que ouvíraõ com todo o socego pregoar hum porteiro os crimes imputados ao Original da Imagem, e contra elle a Sentença de privaçaõ dos Reinos. Seguiose a esta ceremonia execrável sobirem ao cadafalço quatro Grandes, que despojáraõ a Estatua dos paramentos Regios, e depois a deitáraõ a terra com desprezo, e complacencia; o primeiro do decóro devido á Magestade, a segunda dos assistentes ao sacrilegio. Consentio o Infante D. Affonso, que esta injúria atroz de seu irmaõ fosse o prologo elegante da sua acclamaçaõ de Rei; que a tanto se arrasta hum ambicioso, quando estraga a honra, ou perde o juizo. A seu tempo veremos o premio do Infante, que naõ podía deixar de ser correspondente a hum tal merecimento.

Era vulg.

CA-

Era vulg.

CAPITULO III.

Segunda expediçaõ do Rei D. Affonso a Africa, e continuaçaõ dos successos de Castella a respeito da Princeza D. Joanna.

EM quanto os espiritos revoltosos se preparavaõ para as enormidades, que ficaõ enunciadas, El-Rei D. Affonso, que estava em paz com os visinhos, sem se embaraçar com as muitas inquietações, que por este tempo laboravaõ entre todos os Principes dos Reinos de Hespanha, elle determina passar segunda vez a Africa. Com o aviso, que teve, de que a Cidade de Tangere estava em situaçaõ favoravel de poder ser atacada, o Rei naõ quiz depois arrepender-se de perder a conjunctura, e dispoem-se para a aproveitar. Com desejos de augmentar o Estado, e acreditar o valor, a potencia fez ostentaçaõ bizarra da generosidade Portugueza. Em huma armada consideravel se embarcou El-Rei, acompa-

panhado do Infante Duque de Viſeo ſeu irmaõ, de D. Pedro, Condeſtavel de Portugal, ſeu primo, e cunhado, de D. Duarte de Menezes, Conde de Viana, dos Condes de Marialva, Villa-Real, Monſanto, e outros muitos Fidalgos ambicioſos de ganhar honra neſta campanha, que teve mais de aparatoſa, que de feliz; nem ſempre propicios os Fados ás reſoluções magnanimas, nem favoravel a Providencia aos deſtinos, que nos parecem juſtos.

Era vulg.

Ferrou a armada o porto de Alcacere, donde El-Rei deſtacou ao Infante D. Fernando com algumas náos, ſem mais deſignio, que o de reconhecer o eſtado de Tangere. He difficultoſo reprimir o ardor em Principes moços, quando mandaõ em Chéfe. Quiz o Infante alterar as ordens Reaes mudando a obſervaçaõ em ataque, contra o parecer dos Officiaes experimentados, que lhe propunhaõ a temeridade de inveſtir com hum punhado de homens a Praça cheia de mundo. Eſta reflexaõ, e a dos riſcos da ſua peſ-

ſoa

Era vulg. ſoa foraõ os eſtimulos mais fortes, que picáraõ a corage do Infante para ſobrepaſſar o difficultoſo muito além do magnanimo. Elle ſe reſolve ; marcha a Tangere, e a facilidade induſtrioſa dos inimigos, que elle acha até chegar ás ſuas viſinhanças, o Infante a crê preſagio conſtante da victoria. Huma eſperança taõ equivoca os Mouros a deſvanecem no meſmo acto, em que elle tinha por infallivel a ſobpreza. Tantos, e com tanto vigor atacáraõ elles a pequena trópa, que naõ valendo aos Portuguezes huma reſiſtencia façanhoſa das que poucas vezes ſaõ viſtas no mundo, a maior parte delles cahe opprimida aos lados do Infante, e elle ſe ſalva com trabalho.

Eſperava El-Rei em Alcacere a vinda do Infante para o inſtruir ; mas vê, que chega em eſtado de o laſtimar. O intento de lhe deſaggravar a injúria, arrojou D. Affonſo a outra reſoluçaõ com tanto de brioſa, como de menos bem penſada. Rompeo o exercito a marcha por terra para talar a campanha ; para abrir caminho á ponta da eſ-

espada para Tangere, ou Arzila; para levar sobre a marcha ambas, ou huma destas importantes Praças. Os Mouros, que estavaõ prevenidos, e eraõ muitos, a cada passo, especialmente nos mais difficultosos, e estreitos, postáraõ grossos destacamentos, que mutuamente podessem soccorrerse, e foi sendo a nossa marcha huma batalha contínua. Quanto mais os Barbaros disputavaõ a passagem, o Rei mais se empenhava em vencella: taõ picado o decóro Real da opposiçaõ dos inimigos, como se ella fora injúria da Magestade, que se havia desaggravar a todo o perigo. Tantos correo a pessoa do Rei, que esteve muitas vezes perdido, como qualquer soldado vulgar.

Eta vulg.

No mais trabalhoso de hum destes lances, para salvar o seu Principe acabou de mostrar quem era o grande D. Duarte de Menezes, Conde de Viana. Os Barbaros o fariaõ prisioneiro, se este bravo General se naõ lançasse intrepido a elles, sustentando o campo em quanto o Rei se retirava; com todo

Era vulg. do o peso dos Mouros sobre si ; já roto em feridas ; o cavallo morto ; montado em outro ; falto de sangue ; o espirito animado em si mesmo , cançado de matar , cahio morto. A trópa vil vinga no Heróe sem alma os estragos , que nella fizera toda a vida. Do seu corpo veneravel apenas appareceo huma das mãos heroicas , que veio a sepultar em Santarem no monumento dos seus Maiores. Em Africa se criou no berço o valor de D. Duarte , em Africa espirou , e se lhe desfez o corpo : a sua fama vive gravada em Epinicios faustos nas laminanas immortaes.

Destino semelhante tiveraõ os Officiaes de mais honra , que se lançavaõ intrépidos a offerecer as vidas para salvar a liberdade do Rei da multidaõ barbara , que o rodeava ; a sua Real pessoa das mãos da angustia , que o opprimia. Aqui obrou a fé Portugueza os esforços , que lhe saõ naturaes, quando vê ultrajados os simulacros a quem rende os cultos. O Conde de Villa-Real , que do seu posto observa-

va

va esta revolta, o perigo do Rei, a corage dos nossos, a resoluçaõ dos Mouros, elle o abandona, e com tanta presença de espirito, como temeridade de valor, ordena as trópas desmandadas, reanima o combate, faz suspender a intrepidez dos Barbaros, e merece ouvir ao seu Rei, que elle naquelle dia era o Escudo da Fé, e do Estado. Alto elogio, mas bem digno de tal vassallo, que tinha a felicidade de obrar as suas gentilezas na face do mesmo Remunerador, sem necessidade, de que passassem os informes por outros canaes menos puros, que os viciassem. Entre outros Fidalgos, que se distinguíraõ neste lance, foi hum Gomes Freire, que mostrou nelle os brios do seu appellido, e o Conde de Marialva, que se conduzio com valor heroico. Ambos perdêraõ a liberdade para impedirem a prisaõ do Rei; mas elle lha resgatou por hum preço posto em equilibrio com o terror, que estes dous Fidalgos haviaõ derramado entre os Mouros.

Era vulg.

O Rei naõ quiz, que instantes depois

Era vulg. pois de tal ſerviço pareceſſe a Mageſtade eſquecida, a peſſoa ingrata. Elle premiou ao Conde de Villa-Real com gratificações ſólidas; a D. Henrique de Menezes, filho do Conde D. Duarte, encarregou o governo de Ceuta, deo-lhe os Titulos de Conde de Valença, e de Loulé, aſſegurou-lhe que tomava á ſua conta o commodo de ſeus irmãos, e diſtribuio outros premios conformes á ſua grandeza por muitos dos ſeus vaſſallos benemeritos, que tiveraõ a honra de ſer o ſeu Soberano a teſtemunha da relevancia dos ſerviços. O Rei de Caſtella D. Henrique, que em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ em Africa, ſoffria no ſeu Reino infelicidades com muitos dobros de calamitoſas, ſabendo que D. Affonſo na volta para Portugal havia ir a Ceuta, o rogou quizeſſe vir a Gibraltar para conferir com elle materias intereſſantes a ambas as Mageſtades, á ſegurança dos ſeus Eſtados, ao decóro neceſſario á Soberania. D. Affonſo conſentio neſtas viſtas, aonde o Rei afflicto lhe fez huma narraçaõ longa das

ſuas

ſuas laſtimas, lhe propôz huma liga para caſtigar a facçaõ dos ſeus vaſſallos atrevidos, e offereceo a Princeza D. Joanna ſua filha para eſpoſa do Principe D. Joaõ. Nós veremos a ſeu tempo o exito deſta negociaçaõ. Era vulg.

Por eſtes tempos florecia o Eſtado Eccleſiaſtico em Portugal, que ſe ornava de Prelados dignos de ſuſtentarem a venerabilidade do Sacerdocio, e a inteireza da Diſciplina da Igreja. Nós tinhamos Cardeaes a D. Jayme de Portugal, filho do Infante Duque de Coimbra D. Pedro, de cujas virtudes ſublimes já eu fiz memoria; a D. Antaõ Martins de Chaves, que fora Biſpo do Porto, e depois a D. Jorge da Coſta, que occupou as Cadeiras de Coimbra, Sylves, Ceuta, Porto, Viſeo, Evora, e os Arcebiſpados de Braga, e Lisboa. Neſte ultimo era Arcebiſpo, antes do Cardeal D. Jorge, D. Affonſo Nogueira, neto de Joaõ das Regras, que havia ſido Biſpo do Porto. Regía a Igreja Metropolitana, Primáz de Braga D. Luiz Pires, depois de haver ſido Biſpo no Porto, e

Era vulg. em Evora: a de Lamego D. Fernando Coutinho, Regedor da Casa da Supplicaçaõ: a da Guarda D. Fr. Joaõ Manoel, filho natural del Rei D. Duarte, que fora Bispo de Tiberiades, e de Ceuta, Primáz de Africa, que teve por Successor a D. Joaõ Affonso Ferraz: a do Porto D. Joaõ de Azevedo, filho do valeroso Luiz Gonçalves Malafaya: a de Coimbra D. Joaõ Galvaõ, que foi o primeiro criado Conde de Arganil por El-Rei D. Affonso: a de Viseo D. Joaõ Gomes de Abreo, que foi Confessor del Rei D. Joaõ II.: a de Evora D. Alvaro II. do nome, que fora Bispo de Sylves: a desta Cidade, e Reino do Algarve D. Alvaro, Conego Regular de Santo Agostinho, que como Legado Apostolico absolveo os moradores da Capital do seu Bispado das censuras, e maldições, que lhes lançára D. Fr. Alvaro Pelagio, havia cem annos, quando nas festas do Entrudo elles desattendêraõ, e profanáraõ o seu caracter respeitavel.

Das Ordens Militares de Christo, e Sant-Iago era Graõ-Mestre o Infante D.

D. Fernando, e da de Avís seu sobrinho o Principe D. Joaõ. Capellaõ Mór era D. Fernando de Miranda, Bispo de Viseo; Graõ-Prior do Crato D. Vasco de Ataide, filho de Alvaro Gonçalves de Ataide; Prior Mór da Collegiada de Guimarães D. Affonso Gomes de Lemos, filho de Lourenço Martins de Lemos, dos Senhores da Trofa. Nos Officios da Casa Real, e do Reino occupavaõ o cargo de Condestavel D. Pedro, filho do Infante, Duque de Coimbra D. Pedro, que logo ouviremos ser acclamado Rei de Aragaõ; o de Mordomo Mór Alvaro de Sousa, Alcaide Mór de Arronches; o de Estribeiro Mór Alvaro de Faria; o de Védor Joaõ Vaz de Almada; o de Camareiro Mór D. Alvaro de Castro, I. Conde de Monsanto; o de Guarda Mór D. Rodrigo de Mello, Conde de Olivença; o de Mestre-Sala Gonçalo Vaz de Mello; o de Reposteiro Mór Alvaro Pires de Tavora, Senhor de S. Joaõ de Pesqueira; o de Porteiro Mór Gonçalo Borges, senhor de Ilhavo; o de Trinchante Joaõ de Sousa Falcaõ; Es-

Era vulg.

Era vulg. crivaõ da Puridade Gonçalo Vaz de Castello-Branco ; o de Copeiro Mór Joaõ de Mello, Alcaide Mór de Serpa; o de Aposentador Mór Joaõ Freire de Andrade ; o de Provedor das Obras Diogo da Silveira ; o de Caçador Mór Fernando Affonso Pereira ; Armeiro Mór Vasco Annes Corte-Real ; Almotacel Mór Pedro Vaz de Castello-Branco; Alferes Mór D. Henrique de Menezes ; Almirante Lançarote Pessanha; Monteiro Mór Nuno Vasques de Castello-Branco, Alcaide Mór de Moura; Coudel Mór Nuno Martins da Silveira : Marichal D. Fernando Coutinho; Meirinho Mór D. Gonçalo Coutinho; Capitaõ Mór do Reino, e do mar D. Fernando de Almada ; Capitaõ Mór dos Ginetes Gonçalo Rodrigues de Sousa ; Adail Mór Pedro de Barros; Anadel Mór Duarte Furtado ; Chanceller Mór Joaõ de Ocem ; e Secretario de Estado, o primeiro de que eu tenho noticia com este nome, Lopo Affonso.

1464 Neste anno sobíraõ a alto ponto as desordens de Castella, em que se princi-

cipiou á interessar Portugal. Os Catalães foraõ os primeiros, que preparáraõ o theatro para as reprêsentações, que eu sou obrigado a mostrar nesta Historia. Elles propozeraõ a El-Rei D. Affonso a mórte violenta do Principe D. Carlos, filho de D. Joaõ II., Rei de Aragaõ: que olhando a Coroa como vaga, elles queriaõ eleger Rei ao Condestavel D. Pedro, filho do Infante do mesmo nome, e que tambem o era de huma Princeza da Casa de Urgel, donde vinhaõ os Condes de Catalunha: que permitisse ao Principe sahir de Portugal para tomar posse do Reino de Aragaõ, que por direito lhe tócava. Esta representaçaõ naõ foi bem ouvida, por ser feita em tempo taõ critico, que D. Affonso naõ queria divertir-se para outros negocios alheios ao desaggravo, que intentava tomar da quebra antes succedida em Africa, e para esta expediçaõ se lhe fazia necessaria a pessoa do Condestavel D. Pedro. Elle, que sentia a repulsa, e os Catalães, qus a percebêraõ, usáraõ da industria, mandando estes à Portugal huma náo, em

Era vulg.

Era vulg. em que o Principe naõ duvidou embarcar-se, e navegar para Barcelona, aonde foi coroado Rei de Aragaõ com grande magnificencia.

Mas esta pretençaõ sem forças para rebater as de hum concurrente poderoso, teve por consequencia a perda de huma batalha; e dous annos depois a da vida do Principe, se lhe sepultou as esperanças, naõ fez perder corage aos bravos Catalães. Elles fizeraõ huma Junta em Barcelona, na qual elegêraõ para seu Conde a Renato, Duque de Lorena, sem se molestarem com mais averiguaçaõ, que a de saberem era inimigo dos Aragonezes. Por morte do Principe de Viana D. Carlos, pertencia a Corea a sua irmã D. Branca, que fora repudiada por D. Henrique de Castella; mas como esta senhora pouco depois da falta de seu irmaõ foi preza, e logo morta no Castello de Orestes, com veneno; nada embaraçou o Rei de Aragaõ para fazer jurar Principe herdeiro a seu filho D. Fernando, que conhecemos com a devisa de Catholico, e unio felizmen-

te

te na ſua peſſoa os Reinos de Heſpanha.

Era vulg. 1466

Por eſtes tempos foraõ feitos a D. Henrique de Caſtella os deſpreſos, que eu já diſſe, e acclamado Rei na ſua face ſeu irmaõ o Infante D. Affonſo. Alguns Fidalgos vieraõ ſervir ao ſeu legitimo Soberano; mas os effeitos moſtráraõ, que vinhaõ ſervir-ſe a ſi, e aproveitarem-ſe das deſgraças do Rei para fomentarem mais a ambiçaõ. A de D. Joaõ Pacheco foi taõ deſmedida, que lhe pedio approvaſſe o caſamento de ſua irmã a Infante D. Iſabel, deſtinada pela Providencia para columna da Religiaõ de Heſpanha, com ſeu irmaõ D. Pedro Giron, Meſtre de Calatrava. Faltou valor a El-Rei para dizer que naõ a hum vaſſallo. Na Infante ſobrou para formar a intençaõ de ſer ella o verdugo illuſtre, que na noite das vodas o eſpoſo a encontraſſe eſpoſa ornada para o ſeu Varaõ, que havia ſentir o thalamo convertido em tumba. Maõ mais poderoſa, que a da Infante a livrou deſte cuidado; morrendo o Calatrava em Villa-Rubia, quan-

Era vulg. quando vinha de jornada para dar a maõ á futura Rainha dos Reinos de Hespanha.

Tudo revolviaõ os Grandes, que mandavaõ despoticos. O Conde de Benavente, que fazia alta figura, e queria que El-Rei lhe désse o lugar de Portilho em remuneraçaõ de se ter levantado com elle, agora se lhe offereceo occasiaõ para allegar hum serviço importante. Viera o chamado Rei D. Affonso pernoitar áquelle lugar, aonde o agasalhou o Conde. No outro dia, querendo D. Affonso com o Arcebispo de Toledo, que o seguia, continuar a jornada, o Conde lhe embargou os passos com o fundamento, de que naõ havia dar hum na sociedade do Arcebispo. Immediatamente avisou a D. Henrique da preza importante, que tinha nas mãos para della lhe fazer entrega, se lhe pagasse adiantado com o Mestrado da Ordem de Sant-Iago. O Marquez de Vilhena, Sogro do Benavente, que queria para si este emprego, teve mais industria para salvar o Infante, que seu irmaõ D. Hen-

Henrique actividade para segurallo. Em fim o negocio chegou a termos de huma batalha, em que o Rei, e o Infante se acclamáraõ vencedores; mas este, marchando pouco depois para Avila, de repente cahio morto: ultimo auto da Tragedia, com que Deos quiz mostrar o quanto zela nos Soberanos o decóro devido ao caracter de christos do Senhor.

Era vulg.

Morto o Infante, ainda os trahidores quizeraõ avançar a loucura, e foraõ propôr á Infante D. Isabel, que para socegar tantas perturbações, tomasse o nome de Rainha. Ella lhes respondeo cheia da magnanimidade, que sempre lhe foi inseparavel. Restitui o Reino a meu irmaõ D. Henrique, e com isto dareis paz á Patria: eu terei este pelo maior serviço, que vós me podereis fazer, e elle será o fructo mais feliz, o mais sazonado de quantos a vossa affeiçaõ me poderá offerecer. Entre tantas calamidades pensava D. Henrique quanto lhe sería conveniente ajustar o casamento de sua filha D. Joanna com Principe po-

de-

Era vulg. deroſo, que tomaſſe parte nos ſeus intereſſes. Lembrou-lhe Carlos de França, Duque de Berry, irmaõ do Rei Luiz XI., que naõ quiz embaraçar-ſe nas contingencias de huma guerra para ſuſtentar as pretenções da eſpoſa. O Conſelho de Caſtella mudou de negociaçaõ, e ſe propôz ao Rei viuvo de Portugal o matrimonio com a Infante D. Iſabel, o de ſeu filho o Principe D. Joaõ com a Princeza D. Joanna, que ſe arbitravaõ dous paſſos excellentes, ſe a Providencia naõ fizera delles huma contramarcha para outros deſtinos ſó a ella preſcrutaveis.

1470 Em quanto eſtas couſas ſe paſſavaõ em Portugal, e Caſtella, El-Rei D. Affonſo, que tinha a conquiſta de Africa, naõ ſó por empenho digno de valor, mas por acçaõ como neceſſaria á Mageſtade; em quanto ſe apreſtava para terceira expediçaõ em peſſoa, mandou ao Infante D. Fernando com déz mil homens inveſtir a Cidade de Anafe, ſituada no Reino de Féz ſobre a cóſta do mar Atlantico. Ella foi hum deſpojo miſeravel da noſſa có-

cólera, aonde só deixámos o pavimento dos edificios para testemunhos da grandeza, ou do castigo. Tanto foi do agrado do Rei este bom successo do Infante, que elle o acabou de determinar para a empreza de Tangere, e Arzila. Antes que elle fizesse públicas as suas intenções, mandou Engenheiros, e Officiaes a informar-se da situação das Praças referidas, não estimando por grandes as suas acções precedentes, em quanto não as visse sugeitas ao seu jugo. Era vulg.

CAPITULO IV.

El-Rei D. Affonso marcha terceira vez a Africa, e conquista as Cidades de Arzila, e de Tangere.

SEMPRE forão os intentos del Rei D. Affonso expugnar a Tangere, e sentião os esforços das armas as Cidades suas visinhas. A difficuldade estimulava os desejos, que nós vimos conseguidos a troco de sangue, vida, trabalhos, e despezas, tudo sublime,

Era vulg. e magnanimo, para hoje sentirmos de tudo a perda, entaõ de poucos tida por politica, dos mais por frouxidaõ. Nada mais esperava D. Affonso para partir, que chegarem os Officiaes mandados a Africa, que o haviaõ de informar. Tanta impressaõ fizeraõ nelle as informações ouvidas, que reanimada a esperança de fazer huma campanha feliz, mandou esquipar a numerosa armada de trezentas, e trinta náos; em que embarcou a grossa equipagem de mais de trinta mil homens de desembarque, e se dispôz a partir acompanhado do Principe D. Joaõ seu filho, do Duque de Guimarães, do Conde de Marialva, D. Joaõ Coutinho, de D. Alvaro de Castro, Conde de Monsanto, de D. Henrique de Menezes, Conde de Valença, da maior parte da Nobreza da Corte, e do Reino ambiciosa de ganhar honra nos exercicios do valor, que entaõ eraõ a primeira marca da fidalguia.

1471 Como o Rei conhecia os altos talentos, de que a maõ liberal de Deos dotára a sua filha a Infante D. Joanna, el-

elle a encarregou do Governo do Rei- Era vulg.
no, durante a ſua auſencia, nomean-
do ao Duque de Bragança por ſeu prin-
cipal Conſelheiro. Fez-ſe á véla a for-
midavel armada, que navegou empa-
vezada, e guerreira na volta de Tan-
gere, aonde era o primeiro deſtino;
mas poſto o caſo em Conſelho á viſ-
ta deſta Praça, que eſperava o golpe
para o rebater bizarra, foi reſoluto
principiaſſe a abertura da campanha
pelo ſitio de Arzila, que ficava ſete
legoas ao Poente de Tangere. Houve
difficuldade em tomar terra por cauſa
da alteraçaõ das ondas, que leváraõ
parte das náos á altura do mar, e o
reſto chocando humas com outras,
padeceo o contratempo da perda de
200 homens, que ſe ſobmergíraõ. Eſta
perturbaçaõ movida pelo eſpirito das
tormentas, que acodiría a ſoccorrer o
ſeu imperio do erro ameaçado, naõ
fez eſmaiar a noſſa corage, que eſpe-
rou a bonança para a armada com ap-
parato pompoſo, e arrogante dar fer-
ro ſobre Arzila.

Nada demorou El-Rei o deſembar-
que,

Era vulg. que, que com movimento boliçoso chamou os Mouros á defensa gentil, qué se promettiaõ fazer em huma Praça de tanta consideraçaõ. Vencido elle, e tomada terra, o exercito cingio Arzila de mar a mar com trincheiras, foços, baterias, máquinas, e instrumentos bellicos enunciativos do furor, da vingança, hum apparato que animava as esperanças dos sitiantes; que causava desesperaçaõ aos sitiados. Sem perder tempo para o primeiro avance, o Rei se preparou para elle, empenhando com votos a Mãi das misericordias, que he o auxilio dos Christãos, e esta grande confiança do Principe chamou a bençaõ do Ceo sobre as suas armas. Os Portuguezes arremettêraõ á Praça com tal corage, que a pressa, a confusaõ, o ardor do repelaõ naõ deixou ouvir os Barbaros, que no meio de huma dura resistencia, com vozes, e signais pediaõ partidos honrados. Os nossos entendiaõ estes movimentos na força do combate por despreso feito ao seu valor, de que resultou os nossos dobrarem os esforços,

ços, os Mouros abandonar-se á obstinaçaõ, huns para triunfarem gloriosos, os outros para morrerem desesperados. Era vulg.

Banhados em sangue, os Portuguezes montáraõ de assalto os muros da Cidade, e entrando-a espada em maõ, os Mouros se fizeraõ fórtes no Alcaçar, e na Mesquita. Aqui foi hum segundo combate mais horrendo, aonde o Principe D. Joaõ mostrou a seu pai com elegancia, que se o gerára da sua natureza sem concurso da vontade propria, que elle agora com eleiçaõ livre se regenerava filho da sua disciplina. Aqui obrou a magnanimidade acções, que as gentes costumaõ chamar sublimes; mas na presença dos seus Principes, ellas nos Portuguezes saõ vulgares. Aqui cahiraõ mórtos, cobertos de gloria immortal, os Condes de Monsanto, e Marialva, depois de obrarem proezas, que a penna teme referillas, ou por naõ ser diminuta, ou por naõ parecer encarecida. Aqui se desenfreou o furor Lusitano á vista de dous Heróes sem alma, e sem re-

Era vulg. reparar na perda do ſangue, a troco delle foi comprando vidas de Mouros, que offerecia por holocauſtos á vingança. Em fim, depois de huma carnage horrivel, aqui ficáraõ ſobmettidos ao noſſo jugo o Alcaçar, a Meſquita, Arzila na noſſa obediencia.

A immenſidade dos deſpojos igualou a grandeza da victoria, e podendo elles deſpertar a cobiça dos Diogenes, o Rei ordenou ſe repartiſſem pelos braços fórtes, que os ganháraõ. A maior parte dos Mouros foi paſſada á eſpada; poucos ficáraõ priſioneiros, e recreſceo o noſſo júbilo, quando vimos cinco mil eſcravos Chriſtãos com liberdade. Acabava de ſe render a Praça, quando Mulei-Xeque, Rei de Féz, apparecia no campo em ſeu ſoccorro. O temor, que o occupou, nada mais o deixou obrar, que pedir a El-Rei huma trégoa, e contentar-ſe com duas mulheres, e dous filhos, que na Praça lhe fizemos priſioneiros, e foraõ reſtituidos em cambio dos oſſos do Infante Santo D. Fernando na forma, que eu referi *no Tomo VI. Liv. XXV. C. VI.*

El-

El-Rei immediatamente se vio senhor de Arzila, ordenou se purificasse a grande Mesquita das expiações sordidas, e ridiculas dos Agarenos immundos, e a consagrou a Deos com o Titulo de Nossa Senhora da Assumpção, sua admiravel Protectora nesta conquista. Era vulg.

No novo Templo foraõ dadas ao Ceo as devidas acções de graças, com que sempre se distinguio a piedade Portugueza. Nelle jazia o cadaver do Conde de Marialva, quando passava El-Rei, que voltando para o Principe seu filho, lhe disse: Deos vos faça taõ bom Cavalleiro como o Conde, que ahi vedes morto. Já elle pelas obras merecia a mesma devisa, e seu pai o armou naquelle lugar, antes das façanhas do valor, agora dos cultos da Religiaõ. O governo de Arzila, juntamente com o de Alcacer, El-Rei o proveo em D. Henrique de Menezes, que como tinha o valor proprio acompanhado da memoria do pai, com estas duas forças bem podia defender duas Praças.

Era vulg.

Sempre os eſtragos alheios fizeraõ grande impreſſaõ nos animos, ainda que ſejaõ generoſos; ſempre para perſuadirem com efficacia os exemplos. Se antes havia reſiſtido bizarra aos esforços dos Portuguezes, agora com o golpe de Arzila cahio Tangere. Como ſe ella viſſe já triunfantes os noſſos Labaros ſobre os muros, cortados do temor, os ſeus defenſores abandonaõ a Praça, primeiro rendida, que aſſaltada. El-Rei informado do terror dos Barbaros, ſe aproveitou da ſua conſternaçaõ, mandando ao Marquez de Monte-Mór foſſe tomar poſſe de Tangere, em quanto elle expedia os negocios de Arzila para ir fazer eſte acto em peſſoa. No dia 28 de Agoſto entrou El-Rei na Praça, aonde ſem demora ordenou ao Prior de S. Vicente, que ſe intitulava Biſpo de Tangere, purificaſſe a Meſquita para nella ſe darem cultos ao Deos Verdadeiro. O governo da Praça foi entregue a D. Rodrigo de Mello, depois Conde de Olivença, pelo valor, e pelo ſangue digno da mercê, que ſe lhe fez.

Eu

Eu disse, que quando El-Rei houve de assaltar Arzila, fizera hum voto se ganhasse a Cidade, e elle exactamente o cumprio. Reduzia-se a promessa a mandar lavrar de prata com o maior primor da arte a sua Estatua equestre para a collocar no Templo de Nossa Senhora de Evora em memoria perpetua do beneficio, que esperava. Naõ quiz Portugal que este monumento veneravel durasse nelle, nem ainda o tempo, que estiveraõ no seu dominio os Lugares de Africa; estes perdidos, aquelle desfeito, ambos com lastima. Entaõ foraõ taõ estimaveis estas conquistas, que ellas deraõ a El-Rei o nome de *Africano*, novo Scipiaõ daquellas idades sem arruinar Carthago, e em atençaõ a ellas se chamou Senhor de Alcacer, e Arzila. Depois reparando, que o seu poder estava dilatado até ás duas margens oppostas do Atlantico, elle, e os seus Successores até agora ajuntáraõ aos seus titulos o *Dáquem dálem mar em Africa*, que parece fazer huma allusaõ ao *Non plus ultra* de Hercules no Estrei-

Era vulg.

Era vulg. to, que neſtas expedições embocavaõ as noſſas frotas.

Humas acções taõ bellas, dignas da corage da Naçaõ mais intrépida, que entaõ levava as attenções de todas as gentes; nós deſejavamos eternizallas em medalhas para deſpertárem as memorias nos futuros. Marmores, jaſpes, e bronzes tudo fallava em Inſcripções elegantes as façanhas da corage, da fé, da conſtancia Portugueza. O Rei ainda naõ ſatisfeito com eſta lembrança geral, para individuar as peſſoas, que nas facções ſe aſſignaláraõ, foi o primeiro no invento de mandar tecer em pannos de raz as ſuas conquiſtas, as imagens, os nomes dos conquiſtadores: modelo honroſo, e para honrar, que depois imitáraõ o Imperador Carlos V. eſpecialmente a invaſaõ de Tunes, ſituada no Lago da Goleta: Henrique III. Rei de França, que eſculpio em tapiçarias toda a Hiſtoria do ſeu reinado: Iſabel, Rainha de Inglaterra, que figurou nellas a derrota da armada *Invencivel* de Caſtella, que mais deſtroçáraõ as ondas, que os Ingle-

zes:

zes : Luiz XIV. de França, que fez ornato do Paço as ſuas grandes batalhas. e conquiſtas.

Era vulg.

Eſtes progreſſos de Africa, a que ſe ſeguio a guerra com Caſtella, impedíraõ o avance dos noſſos deſcobrimentos no reinado de D Affonſo. Neſte anno porém, Fernaõ Gomes, que lhe tinha arrendado o Commercio de Guiné; deſcobrio a Cóſta da Mina por meio de Joaõ de Santarem, e de Joaõ de Eſcovar. Foi muito util ao Reino eſte deſcobrimento, que deo a Fernaõ Gomes honras novas, e novo Appellido. Fernaõ Pó tambem deſcobrio a Ilha, a que pôz o ſeu nome, e o meſmo Fernaõ Gomes da Mina a de S. Thomé, que por ordem del Rei D. Joaõ II. povoou depois Alvaro de Caminha. Dizem, que por eſte tempo, navegando alguns Portuguezes pelo Eſtreito de Gibraltar, e correndo tempo a Loeſte foraõ dar á Ilha Encoberta, em que eu já fallei neſta Hiſtoria, e que eſtiveraõ nella em ſete Cidades de Portuguezes, que lhes perguntáraõ por Heſpanha, donde ſeus pais haviaõ

ſa-

Era vulg. ſahido, quando os Mouros a conquiſtáraõ. Muito occulta Deos aos olhos dos mortaes eſte milagre contínuo da ſua Providencia, que talvez o ſeja da credulidade fatua da plebe, que ſe ſervè della para nutrir huma eſperança indiſcreta, que nós ſem deformidade na applicaçaõ das vozes podemos reprehender com as de hum Profeta: Eſpera, torna a eſperar, daqui a pouco, naõ tardará muito.

Com a preſſa de Ceſar, que foi, vio, e venceo, dentro de trinta dias voltou El-Rei D. Affonſo de Africa a Lisboa triunfante, já ſenhor naquelle Continente de Ceuta, Alcacer, Anafe, Arzila, e Tangere, huma deſtas forças deſtruida, as quatro bem capazes para fundamento firme de hum novo Eſtado. Sua filha a Infante D. Joanna, que ficára encarregada da Regencia, lhe deo conta miuda de como cumpríra os ſeus deveres, novamente admirado o Rei de tantas virtudes ſaſonadas em annos taõ verdes. Além das qualidades da natureza, o Ceo abençoava eſta Senhora com graça taõ par-

ti-

ticular, que depois de attrahir todos os corações, a fama das ſuas heroicidades ſobia a todos os Thronos, que deſejavaõ vêr collocado em ſi o ſimulacro da perfeiçaõ. Eſte applauſo geral moveo os principaes Monarcas da Europa a ſolicitalla para eſpoſa com as inſtancias vivas, que já mais ſe haviaõ viſto em pretenções ſemelhantes. Taes foraõ as do Rei dos Romanos, depois Imperador Maximiliano I.; as de Carlos VIII. Rei de França; as de Ricardo III., Rei de Inglaterra. Ouvia a virgem pura eſtas propoſtas como inſenſivel, fixo o coraçaõ no Ceo, aonde lhe parecia eſtar vendo para ſi guardada, naõ a Coroa de ouro, mas a de Juſtiça, que lhe havia dar o Eſpoſo, muito maior Senhor, como juſto Juiz no ſeu dia.

Era vulg.

Quando a Infante Santa levava tantas attenções eſtrangeiras, ſeu pai andava perplexo na eſcolha, que faria entre Principes taõ poderoſos para declarar hum por ſeu genro, ſem offenſa dos outros. Elle quiz ouvir o voto da Infante em materia taõ delica-

1472

ca-

Era vulg. cada, e nomeando-lhe os pretendentes, lhe persuade, e deixa livre a escolha, com tanto que lhe dê huma reposta precisa. Depois que a modestia deixou pôr natural a côr do rosto, e socegáraõ os movimentos de espito, a Infante respondeo a seu Pai: Que ella já tinha dado a maõ de esposa ao Rei dos Reis, com o qual estava unida em espirito, e verdade para o servir o resto da vida escondida entre as paredes de hum Mosteiro: Que esta era a reposta terminante, e cathegorica, que logo dava, e daria sempre, sem lhe ficar mais sentimento, que o de naõ haver para seu pretendente hum Rei senhor do mundo todo, para fazer delle o mesmo sacrificio de abnegaçaõ aos pés do seu Esposo, como o fazia do Imperio de França, e de Inglaterra. Sobprendeo-se D. Affonso, e esta resoluçaõ aballou toda a sua constancia. Elle persuade, insta, róga com ternura, com agrados de pai, sem poder já mais servir-se do respeito, do sério, da magestade de Rei. A Infante chora a es-

este espectaculo ; mas o seu coraçaõ arde em amor Divino, que a tudo resiste ; que a arranca dos braços do pai ; que a separa do thalamo dos Reis ; que a tira das delicias da Corte ; que a esconde no claustro do Convento de Aveiro ; que a alenta na vida ; que a coroa de gloria na eternidade.

Era vulg.

CAPITULO V.

Continua-se com as revoluções de Hespanha até a morte del Rei D. Henrique, e se trata do casamento de sua filha D. Joanna com o Rei D. Affonso, e resultas das suas pretenções àquella Coroa.

AS desordens em que fluctuava Hespanha, e já imprimiaõ os seus reflexos em Portugal, punhaõ os animos attentos ás consequencias, que naõ podiaõ deixar de ser fataes. El-Rei D. Affonso, e seu filho o Principe D. Joaõ, naõ sei por que fundamentos, esquecêraõ o ajuste antes celebrado de casar este Principe com a Prin-

Era vulg. Princeza D. Joanna, sua prima, herdeira presumptiva dos Reinos de Hespanha, e se ajustou com D. Leonor, filha de seu tio o Infante D. Fernando, Duque de Viseo. Por outra parte, El-Rei seu pai concorria com vários Principes nas pretenções do matrimonio com a Infante D. Isabel, irmã do Rei D. Henrique, que indisputavelmente havia ser Rainha de Hespanha, no caso de se dar embaraço invencivel na pessoa da Princeza D. Joanna. Sobre todos os oppositores prevaleceo D. Fernando, que negociou dando, quando os outros instavaõ promettendo. Para agentes dos seus interesses escolheo a Guterre de Cardenas, Mestre-Sala da Infante, e a Gonçalo Chacon, seu Mordomo Mór, brindando ao primeiro com a Villa de Maqueda, ao segundo com as de Casarruvios, e Arroyo Molinos.

Inclinou-se para esta parte o Arcebispo de Toledo, e unido o cordaõ triple, naõ podêraõ rompello o Marquez de Vilhena com todos os Grandes do seu partido. D. Fernando, que es-

estava Rei de Sicilia, teve modo de entrar em Hespanha, e em Osma o esperava D. Diogo Manrique, Conde de Triviño. Daqui passáraõ a Dueñas, aonde D. Fernando vio a Infante, que recebeo por mulher em Valhadolid. O Rei D. Henrique se estimulou desta resoluçaõ de sua irmã, e aproveitando a conjunctura da chegada de Embaixadores de França, negociou com elles o casamento do Duque de Guiena, irmaõ do seu Rei, e da Princeza D. Joanna, sua filha, que fez novamente jurar herdeira. Receou França, como dissemos, os perigos deste matrimonio já antes tratado; mas agora outra vez desfeito por causa da morte do Duque, e do nascimento de hum filho ao Rei seu irmaõ, que havia succeder na Coroa. O Rei afflicto andava de humas para outras Cidades, vendo arder a Monarquia em bandos, e sedições. Elle desejava avistar-se com El-Rei de Portugal, e veio a Badajóz, aonde o Duque de Feria teve o atrevimento de lhe fechar as pórtas, e negar a entrada.

Era vulg.

Na-

Era vulg. 1474.

Nada proveitoſo reſultou deſtas viſtas, e D. João Pacheco, que naõ podia diſſimular o odio contra a Infante, mais vivo depois que a vio caſada, mandou á Corte a ſeu filho D. Diogo Pacheco, em quem havia renunciado o Marquezado de Vilhena, para plantar no animo del Rei os ſeus meſmos ſentimentos. Elle eſtimou as inſpiraçōes por hum avultado ſerviço; mas D. André de Cabreira, que era eloquente, e para ſe fazer reſpeitado ajuntou muitas forças, na téſta dellas marchou á preſença do Rei, e o perſuadia, que ſe viſſe, e reconciliaſſe com a Infante ſua irmã. Preparado El-Rei por convencido, ou por temeroſo, para concluir com ſegredo a importancia do negocio, o déſtro Cabreira mandou a ſua mulher D. Brites de Bobadilha em trajes de Lavradora a Aranda, aonde eſtava a Infante, para lhe dar parte do que paſſava, e dizer-lhe vieſſe a Segovia, aonde El-Rei ſeu irmaõ lhe queria fallar. Sahio de Aranda a desfarçada Lavradora na ſua azemela, a Infante ſeguindo-lhe

os

os passos, e seu marido D. Fernando chegando-se a hum Lugar visinho de Segovia para observar as resultas da visita.

Era vulg.

Avisado das ternuras, da complacencia, com que a Infante sua mulher fora recebida por El-Rei D. Henrique, seu irmaõ, D. Fernando partio para Segovia, aonde se vio huma uniaõ externa de affectos, que promettia felicidades a Hespanha. A pouca saude del Rei, e as intrigas de D. Joaõ Pacheco tudo perturbáraõ, e sobrevindo a morte áquelle Principe pouco depois, ficou preparado o theatro para se verem em Hespanha resuscitadas as idades do Rei D. Joaõ I. Mestre de Avís em Portugal. Elle nomeava no Testamento por filha, e herdeira dos seus Estados a Princeza D. Joanna; pedia a El-Rei D. Affonso seu tio se casasse com ella, e unisse os Reinos de Hespanha ao de Portugal. Esta foi a occasiaõ, em que se acabáraõ de soltar as lingoas; depois a em que se molháraõ as pennas; e assim como no tempo do Mestre de Avís os Portuguezes, para im-

Era vulg. impedirem a uniaõ de Portugal á Castella, affirmáraõ que a Rainha D. Brites naõ era filha legitima de D. Fernando; agora os Castelhanos, para embaraçarem a uniaõ de Castella a Portugal, clamavaõ que D. Joanna chamada Princeza era huma bastarda da Rainha, mulher de D. Henrique.

Nascêraõ as duas Princezas Joanna de Castella, e Brites de Portugal, naõ só para Cometas funestos ás suas Pátrias, mas para interposições, que eclypsáraõ na Esféra do Throno as luzes do primeiro Astro. Haja quem considere mais medonho o aspecto da Magestade perturbado em D. Joanna, mulher de D. Henrique, por ser huma Rainha filha, e neta de Reis, que em D. Leonor Telles, mulher de Rei, Rainha por fortuna; que a nós só nos pertence indagar a verdade dos successos sem medirmos nas pessoas desigualdades, que naõ se encontraõ nos sceptros. Nós sabemos, que Author algum nomeia, nem celebra excellencia destas duas mãis Rainhas além da formosura, que com ellas quiz repartir a

na-

natureza, moſtrando-as como deſpidas dos dotes, que ſe recebem da graça. Mas naõ ſendo poſſivel affirmar que ellas deraõ ás filhas pais, que naõ foraõ ſeus maridos, juſtamente merécem reprehenſaõ os que reſolutivamente falláraõ, e eſcrevêraõ contra o decóro da Mageſtade. Como por hora eu fallo na Rainha de Caſtella, ſó ditei para credito da ſua memoria perguntando: como ſerá poſſivel, que hum Rei taõ eſcrupuloſo nos pontos da honra, como era o meſmo D. Fernando o Catholico, elle depois pretendeſſe caſar o Principe ſeu filho com a Princeza D. Joanna, ſendo ella filha de Beltraõ de la Cueva? Ainda que ſe naõ coucluio o caſamento, elle que queria ſocegar os eſcrupuloſos, naõ teve dúvida em affirmar, que pretendia o matrimonio para o filho; porque D. Joanna era legitima herdeira de ſeu pai D. Henrique.

Era vulg.

Pondo de parte eſta materia, logo que eſpirou eſte Principe infeliz, os Grandes do Reino ſe dividíraõ em bandos, huns a favor de D. Joanna,

1475

ou-

Era vulg. outros de D. Isabel. Esta Senhora estava em Segovia, aonde os do seu partido a juráraõ Rainha de Hespanha; e seu marido, que entaõ celebrava Cortes em Çaragoça, veio a receber a mesma inauguraçaõ na presença da Rainha a 2 de Janeiro, vinte e dous dias depois da mórte de seu conhado. As Cidades principaes da Monarquia enviáraõ Deputados aos nóvos Reis, para lhes assegurarem a sua obediencia, e para lhes pedirem a protecçaõ nas revoluções, que esperavaõ. Contra estes sentimentos se declaráraõ abertamente na tésta de muitos Grandes o Arcebispo de Toledo, e o Marquez de Vilhena, que era hum dos executores do testamento de D. Henrique. O Arcebispo sahio logo da Corte, e por mais que seu irmaõ o Conde de Buendia pretendeo socegallo, como os Reis desejavaõ, elle nada conseguio do constante Prelado, tenaz em sustentar o partido, que escolhêra.

Cuidáraõ estes Fidalgos em promover os interesses da Princeza D. Joanna, e porque lhes naõ era facil dar pas-

passo vantajoso sem o apoio de Portugal, tratáraõ de inclinar a vontade do Rei D. Affonso a favor de sua sobrinha. Elles lhe escrevêraõ propondo-lhe, que ou casasse com a Princeza, como era vontade expressa de seu pai, ou como tio a defendesse de duas ordens de inimigos, huns que lhe declarariaõ a guerra com as armas, outros que já lha faziaõ com as lingoas. Instava o Vilhena, que os instrumentos destes ultimos adversarios naõ deviaõ fazer especie ao decóro da sua Magestade; porque o Rei D. Henrique no testamento declarava a Princeza por sua filha legitima, herdeira dos Reinos de Leaõ, e Castella: que o Cardeal deste nome, juntamente com elle, eraõ os executores da ultima vontade do seu Soberano; que ambos o metteriaõ logo de posse daquelles dous Reinos, se elle, casando com a Princeza, quizesse fazer proprios os seus direitos; que elle tinha a seu favor para o ajudarem com os ultimos esforços ao Mestre de Calatrava, aos Duques de Arevalo, e Albuquerque, a hum número avul-

Era vulg.

Era vulg. tado de outros ſenhores na frente de muitas trópas, que para ſe declararem a favor da Princeza, nada mais eſperavaõ, que a ſua reſoluçaõ.

Ainda aos que já ſe cingem com os Diademas ſaõ doces as promeſſas de novas Coroas. Naõ deſagradáraõ a D. Affonſo eſtas propoſtas, nem elle erraria em convir nellas, ſe tiveſſe probabilidades prudentes com firmeza de fé nos Caſtelhanos, de que elle havia entrar por Heſpanha com a meſma fortuna, que levou a Africa. Liſongeou-ſe o goſto nas eſperanças de huma eſpoſa minina, de nóvos Eſtados reſpeitaveis, de huma reputaçaõ brilhante, elle inclina a vontade; mas a prudencia perſuade o Rei naõ ſe conduza ſó homem, e que ouça as deliberações do ſeu Conſelho ſobre as propoſtas do Marquez de Vilhena. Nelle ſe encoſtáraõ os mais votos ao do Duque de Bragança D. Fernando, que repreſentou ao Rei, como elle devia coartar a credulidade a reſpeito das promeſſas, da fé, da conſtancia dos Caſtelhanos, de que Portugal tinha

ex-

experiencias anteriores, especialmente no Rei D. Fernando, para ir com elles a passo muito lento. Como o Marquez de Vilhena, Portuguez na origem, neto de Joaõ Fernandes Pacheco, seria taõ facil em abandonallo a elle, como o fora seu avô em deixar a D. Joaõ I. tambem avô delle D. Affonso: como a Providencia o fizera senhor de huma coroa, que ninguem lhe disputava; que a possuia sem nota, e que o contrario lhe poderia succeder na pretençaõ ao Sceptro estrangeiro, quando grande parte da Europa reconhecia, que o direito de D. Isabel, irmã de D. Henrique, tinha muito mais firmeza, que o da Princeza D. Joanna, que os Castelhanos lhe queriaõ dar por mulher, e elle aos Portuguezes por sua Rainha.

Era vul...

Naõ gostou, nem seguio El-Rei D. Affonso este parecer, que entendeo no Duque hum esforço da inclinaçaõ do sangue: hum effeito da complacencia de vêr assentada no Throno de Hespanha a sua sobrinha D. Isabel, mulher de hum Rei taõ poderoso como D. Fer-

Era vulg. nando, que unia ao ſeu Dominio todos os Reinos de Heſpanha, donde ſahiría o ſangue de Bragança a circular em todas as vêas Reaes. Aſſim diſcorreo a ambiçaõ, que fez perſuadir ao Rei ſer o Duque homem capaz de preferir os intereſſes da ſobrinha ás vantagens do Soberano. Bem póde ſer, que deſta producçaõ zeloſa do Duque ficaſſem alguns reſtos de eſtimulos occultos, que depois vieraõ a brotar fructos monſtruoſos de eſcandalos, que já mais ſe corrompêraõ nas memorias. Em fim, eſte foi o pretexto, de que El-Rei ſe ſervio para naõ differir ao vóto do Duque; mas antepôz proprios movimentos, que a occaſiaõ repreſentava favoraveis. Os effeitos moſtráraõ no reſto da vida del Rei, quanto tem de arriſcado nos Soberanos errar hum paſſo importante por arbitrio proprio contra o dictame dos intereſſados, que pela fé de bons vaſſallos, pela honra propria, naõ podem olhar a Pátria como alheia, nem os Principes como eſtranhos.

Como El-Rei ajuntára o Conſelho, naõ

naõ para lhe ſeguir os pareceres, mas para vêr ſe lhe liſongeavaõ a vontade, elle ſe pôz immovel na ſua reſoluçaõ; cuidou em preparar-ſe para a guerra; e porque entraria nella com mais vigor levando o caracter de Eſpoſo, antes que a deviſa ſimples de Tutor, enviou hum Embaixador a Roma para pedir diſpenſa ao Papa Innocencio VIII. que já prevenido pelos Reis Catholicos a recuſou. Eſte parecer foi dado por Luiz XI. Rei de França, que quando por D. Affonſo ſe lhe propôz huma alliança a favor da Princeza D. Joanna, reſpondeo, que o ſeu primeiro paſſo havia ſer o de ſolicitar a diſpenſa para o matrimonio, como armamento o mais forte para entrar na guerra.

Era vulg.

Quando em Roma ſe tratava eſta negociaçaõ, naõ pôde conter-ſe a impaciencia ſem mandar Ruy de Souſa a Caſtella em qualidade de Embaixador, munido dos poderes neceſſarios para em nome del Rei ſe deſpoſar com a Princeza: para notificar aos Reis Catholicos cedeſſem nella os Reinos, em

que

Era vulg. que estavaõ intrusos, como em huma filha, que era herdeira, e legitima do Rei D. Henrique: para os persuadir ser a ultima vontade deste Principe, que o Rei seu amo recebesse por mulher a dita Princeza: para lhes intimar, que elle tinha todo o direito para a defender, como a sobrinha pelo sangue, como a esposa pretendida, que elle Embaixador já tratava de Rainha, segundo as ordens, que recebêra para assim o practicar: em fim, para os instar naõ usassem elles deste titulo, nem se utilisassem das rendas da Coroa, antes repozessem as recebidas, em quanto os Juizes arbitros, que ambas as partes nomeariaõ, naõ decidissem cathegoricamente hum negocio desta natureza.

Em tom féro recebeo Ruy de Sousa a resposta de Fernando, e Isabel. Elles lhe disseraõ representasse a El-Rei seu Amo a justa admiraçaõ, que lhes causava a nova mudança, que o arrastava a querer desposar Joanna, que naõ era filha, nem herdeira del Rei Henrique: que se lembrasse como elle mesmo

mò repudiára semelhante alliança, ain- Erá vulg.
da vivendo o pai putativo de Joanna,
que se pelo sangue de sua mãi podia
ser Princeza, pelo de seu pai era nada,
inhabil para Rainha de Portugal,
hum phantasma para o ser de Hespanha:
que comprometter-se em arbitros
de consciencia, próbos, e timoratos,
naõ duvidaõ elles; mas que ceder do
seu direito, largar os Reinos, naõ
usar das suas rendas, isso era huma
pretençaõ, que elles sem perda de tempo
entravaõ a defender com as armas.
Como esta resposta tirava a esperança
de se poderem ouvir as razões do direito
dos pretendentes, senaõ pela bocca
dos canhões; o Embaixador tratou
de recolher-se, e D. Fernando de mandar
seguir por hum Heraldo, que veio
a Portugal trazer a D. Affonso hum
Cartel, em que aquelle Principe o desafiava
para hum combate de pessoa a
pessoa.

D. Affonso, recebendo com magnanimidade
o Cartel, respondeo altivo
ao Heraldo: Dize a este Principe de
Sevilha, que hum Rei de Portugal
naõ

Era vulg. naõ lhe póde acceitar o duelo pelas sobras do valor, e excesso da Magestade; que o espere em hum combate geral, aonde a fortuna decedirá a sórte contra o vencido. Em ferezas, protestos, ameaças reciprocas se passavaõ os dias, em quanto o Rei de Portugal acabava de se fazer prestes para entrar em Castella. Dizem huns, que constava o seu exercito de 20ф000 homens entre Cavallaria, e Infantaria, outros que de 20ф000 Infantes, e de 5ф000 cavallos. Logo que elle se pôz em tom de marcha, o Rei nomeando Regente do Reino a seu filho o Principe D. Joaõ, sahio da Corte como se já marchára para a guerra santa da Palestina, acompanhado do Arcebispo de Lisboa, dos Bispos de Evora, e de Coimbra. Seguio-o a principal Nobreza, que se fazia brilhante com a presença do Condestavel D. Joaõ, Marquez de Monte-Mór, filho do Duque de Bragança D. Fernando; do Marichal D. Alvaro Coutinho; do Duque de Guimarães, primogenito da Casa de Bragança; dos Condes de Villa

Real,

Real, de Marialva, de Fáro, de Penela, de Pena-Máior, e de outros muitos Fidalgos de alta qualidade, que esperavaõ vêr ao seu Soberano assentado no Throno de toda Hespanha: esperança, que nós vamos a vêr, e sempre vimos frustrada, como se quizesse persuadir-nos o Moderador Supremo dos Imperios, que naõ he do seu agrado a uniaõ das nossas Monarquias.

Era vulg.

CAPITULO VI.

Da guerra de D. Affonso contra Fernando, e Isabel para sustentar o direito da Excellente Senhora D. Joanna sua presumptiva Esposa.

QUANDO o exercito de Portugal entrava pelas fronteiras de Castella, o dos Reis Catholicos estava taõ exhausto de forças por falta de dinheiro, ou do nervo da guerra, que naõ podia dar passo. Entaõ apurou D. André de Cabrera as demonstrações de fidelidade, que guardava áquelles Principes, entregando-lhes os thesouros occultos

do

Era vulg. do Rei D. Henrique, que remediáraõ a neceſſidade, e adquiríraõ para o Cabrera os títulos de Marquez de Moya, de Conde de Chinchon, e de Alcaide

1476 perpetuo de Segovia. O Rei de Portugal chegou a Placencia, aonde o Marquez de Vilhena, o Duque de Arevalo, e ſeu irmaõ o Conde de Miranda, com outros Fidalgos, conduzíraõ a Princeza, que immediatamente ſe deſpoſou com o Rei ſeu tio, debaixo da condiçaõ de novamente impetrarem a diſpenſa já recuſada, que com effeito conſeguíraõ, dizem que a inſtancias de Luiz XI. de França.

Eſtes actos precedentes foraõ os da declaraçaõ da guerra entre os competidores, ambos benemeritos, D. Joanna pelo direito, D. Iſabel por ſi meſma. Deſpedíraõ-ſe ordens preciſas aos Governadores das fronteiras para principiarem as hoſtilidades, que os Caſtelhanos fizeraõ deshumanas. O ſeu odio contra a Princeza lhes metteo em huma maõ a eſpada, com outra accendeo o fogo para devaſtarem os terrenos, por onde paſſávaõ, fazendo que

a

a guerra parecesse vingança. Toda esta furia parou na conquista do fraco Castello de Noudar, quando com valor mais reportado D. Pedro Alvares de Sotomaior, mettendo em contribuiçaõ a Provincia, rendeo Bayona, e Tuy, que contrapezavaõ muitas vezes a perda de Noudar.

Eta vulg.

O ardor, com que principiava a guerra, fez entender ao Rei de Portugal a necessidade, que poderia ter de allianças contra os Reis Catholicos, que encontrava mais poderosos do que pensava, e se lhe promettera. Entaõ lembrariaõ com pouco remedio as advertencias do Duque de Bragança no Conselho, e naõ houve outro, senaõ solicitar huma Liga com França, que entaõ tinha embaraços respectivos ao Condado de Ruiselhon com o Rei D. Joaõ de Aragaõ, que podia soccorrer a D. Fernando, para que declarasse a guerra pelo lado de Biscaya: negociaçaõ, que naõ teve effeito, e a poucos passos o Rei D. Affonso se vio só no campo com os seus vassallos, sem Castelhanos, nem Francezes.

De

Era vulg. De Placencia marchou elle a Badajóz para reparar os estragos na sua fronteira, e sem se penetrar o designio, retrocedeo para a Cidade de Toro. D. Joaõ de Ulhoa seu Governador lhe abrío as portas: o mesmo fez o de Çamora; mas ambos depois de ficarem bem satisfeitos de promessas longas, que era o unico fim dos seus obsequios apparentes, na realidade avareza. Sua irmã a Rainha viuva de Castella o esperava impaciente em Toro na volta de Çamora, como se o coraçaõ preságo lhe estivera adivinhando, que a vista del Rei a chegava ao termo prefixo do estatuto da mórte, que se lhe seguio. Os seus vassallos conduzíraõ o cadaver com grande pompa para o Convento de S. Francisco de Madrid, aonde os mesmos que seguiaõ o partido de Fernando, e Isabel, lhe fizeraõ magnificas exequias. Alguns dos nossos Escritores assignálaõ esta mórte da Rainha D. Joanna no anno antecedente de 1475.

Presumindo fariaõ a guerra com mais vigor, D. Fernando intrepido, e

e D. Isabel corajosa dividíraõ entre si as suas forças; ambos se postáraõ na tésta dos seus esquadrões; D. Fernando para defender Castella a Velha, e cobrir o Reino de Leaõ; D. Isabel para impedir as irrupções nos Reinos de Andaluzia. O exercito de D. Fernando constava de 34000 homens, que se postáraõ á vista de Toro; mas antes de começar as operações, mandou dizer ao Rei D. Affonso por D. Gomes Henriques, que elle suspenderia a guerra se quizesse tomar o acordo de se recolher a Portugal, e dar tempo ao Papa para resolver o direito disputavel entre sua mulher, e a Princeza D. Joanna. Este arbitrio poderia ser prudente, se o animo estimulado estivesse em termos de o ouvir. D. Affonso nem quiz escutallo, e D. Fernando resolveo bloquear a Toro, mandando forrajar a campanha. Quando os seus Officiaes, e soldados menos o esperavaõ, víraõ que D. Fernando levantava o campo, e se retirava para Valhadolid com mais temores, que esperanças.

Era vulg.

D.

Era vulg.

D. Affonſo paſſou a Çamora, aonde o veio buſcar o Arcebiſpo de Toledo D. Affonſo Carrilho, que era da ſua facçaõ. Elle inſtava com o Marquez de Vilhena, e com o Duque de Arevalo, principaes concurrentes do ſeu caſamento, para que por ſi, e pelos ſeus adherentes cumpriſſem as promeſſas, que lhe haviaõ feito de encontrar em Heſpanha Praças, e Exercitos á ſua obediencia. As impoſſibilidades delles ſahirem dos ſeus deveres, foraõ os principios das deſconfianças, que creſcêraõ no Rei quando ſoube, que o Conſelho de Caſtella reſolvêra, que ſe tomaſſem todas as terras do Marquez, do Duque, de todos os faccionarios da Princeza; que ſe uniſſem á Coroa, e que as ſuas rendas ſe confiſcaſſem. Por outra parte o zeloſo Cardeal de Caſtella, que deſejava evitar a effuſaõ de ſangue, eſcreveo reſpeitoſo, prudente, catholico ao Rei D. Affonſo, propondo-lhe huma compoſiçaõ raſoavel, que embainhaſſe as eſpadas. O zelo do Cardeal, que o metteo a medianeiro por arbitrio proprio, ſem

ſem dar parte deſta idéa de paz aos ſeus Principes, elle lhes communicou a reſpoſta do Rei de Portugal, que dizia: Eſtimava muito a concordia, que lhe propunha, e que para lhe dar próvas da ſinceridade, com que a deſejava, elle cedia do ſeu direito, quando da ſua parte Fernando, e Iſabel lhe largaſſem o Reino de Galliza, as Cidades de Toro, e Çamora, e lhe pagaſſem huma ſomma de dinheiro para reſarcir os gaſtos, que tinha feito na guerra.

Era vulg.

Tanto eſtimáraõ os Reis a fidelidade do Cardeal, como ſentíraõ a reſpoſta de D. Affonſo, determinados a defender até a ultima extremidade qualquer palmo de terra da Monarquia, que preſumiaõ lhes tocava. Pelo meſmo tempo D. Joaõ de Eſtuniga, ſobrinho do Duque de Arevalo, que defendia o Caſtello de Burgos pela Princeza D. Joanna, entrou a tratar os moradores com tal dureza, que a todos ſe fez inſoffrivel. D. Fernando, que vigiava nos avances dos ſeus intereſſes, naõ quiz perder occaſiaõ taõ opportuna

Era vulg. na para se fazer senhor de Burgos, e destacou ao Conde de Aguilar com hum grosso de trópas para bater a Praça, que tendo guarniçaõ de Portuguezes soube defender-se.

Pelo contrario, a Rainha D. Isabel se desvelava, em que os Commandantes fossem diligentes no cumprimento das obrigações dos seus cargos, cambiando os menos confidentes pelos mais fieis, os omissos pelos efficazes. Se elles se conduzissem conformes com a intençaõ das ordens, que se lhes dava, naõ haveria nelles cousa, que se notasse. Porque as excedeo o novo Governador de Olmedo, Conde de Cifuentes, que quiz assignalar-se sobre os inimigos, como se os Portuguezes naõ houvessem visto diante de si homens de estatura maior que a sua; elles lhe cahíraõ em cima, esmagáraõ a trópa, que conduzia, e elle teve de devêr a vida ao valor, com que fugio. Consternou este successo aos Castelhanos, e animou aos nossos para lhe aproveitarem as consequencias com a conquista de Pena-Fiel. A Rainha, acom-

acompanhada do Cardeal, do Almirante, do Conde de Benavente, quiz prevenir os nossos movimentos, cobrir aquella Praça, e se postou na de Baltanas, que encarregou ao de Benavente. Ela volg.

O nosso campo, que tinha soppor-tado a perda de muita gente, morta de enfermidade, agora sentia os incommodos de naõ poder receber os combois, sem os defenderem grandes escoltas pela visinhança do exercito da Rainha. Estas difficuldades estimuláraõ os Portuguezes para atacarem os Castelhanos a todo o risco. O Conde de Benavente, que se lhes oppôz, foi forçado a entrar em Pena-Fiel, que elles atacáraõ com valor desmedido, rendêraõ, e fizeraõ prisioneiro ao Conde, que acháraõ ferido. O mesmo destino teve Baltanas; e Cantalapiedra, com o temor de sorte semelhante, se entregou a partido. Foraõ gloriosos estes successos pelos authorisar a presença da Rainha D. Isabel; e pela prisaõ do Conde de Benavente, que esteve em nosso poder, em quanto foi

Era vulg. irmã a Duqueza de Arevalo naõ lhe pedio a liberdade, que o Rei de Portugal concedeo debaixo das condições de naõ servir mais contra elle a favor de D. Fernando, e de entregar em refens da palavra as Villas de Mayorga, Villa-Alva, e Portilho.

1477 Em quanto as nossas trópas descançávaõ nos quarteis de Inverno em Çamora, e outras passávaõ a refazerse em Portugal, as partidas Castelhanas foraõ rendendo as Villas principaes do Marquez de Vilhena. Já elle se hia contemplando a victima da discordia dos Principes; mas sem declarar ainda as intenções, que talvez já concebesse, pedio a El-Rei quizesse marchar logo a Madrid, aonde com os soccorros do Arcebispo de Toledo, e do Mestre de Calatrava, além de outras trópas, que por outras partes se iriaõ unindo ás suas, elle metteria em desordem as idéas de D. Fernando, e reentraria na posse das Villas, que elle tinha tomado. Sobre a proposta do Marquez ouvio o Rei o seu Conselho, que fiando já pouco da firmeza

za defte Fidalgo, naõ houve nelle hum só, que votasse a seu favor. Ainda que D. Affonso conheceo tarde os movimentos ambiciosos dos Castelhanos, que queriaõ sobir ao cume da oppulencia fazendo caminho por cima dos estragos da Pátria, elle se conformou agora com os pareceres do Conselho em naõ mover hum passo das immediações de Burgos, em quanto a face dos negocios lhe naõ mostrasse, que podia avançar a marcha.

Era vulg.

Por outra parte a boa politica, a honra propria persuadiaõ ao Rei naõ ser justo desgostar o Marquez, que até entaõ o seguia, nem havia dado próvas abertas de cousa contraria ao seu serviço. A dexteridade Real, que sondára o genio, que tratava, se lembrou da invectiva excellente de promessas novas mais vantajosas, que as primeiras, de fazer proprios em todo o tempo os negocios da casa de Vilhena, de lhe pagar com usuras todos os damnos, que tivesse a seu respeito, com outras doçuras desta qualidade, que podiaõ entreter a paciencia do

Era vulg. Marquez; mas ella eſtava muito longe dos fundos do ſeu eſpirito. Eſperanças com incertezas á viſta de perdas conſtantes, eraõ o meſmo que liſonjas mentaes de gozar no porto as commodidades da riqueza o Mercador, que via ir a pique a náo, que a conduzia. Nos balanços da imaginaçaõ ſobre as promeſſas futuras, e as ruinas preſentes, o Marquez vendo hum Rei, que nada queria arriſcar por ſeu reſpeito, já ſe inclinava a buſcar expedientes para entrar na graça de outro, que ſe naõ o fizeſſe mais feliz, na reſtituiçaõ dos damnos lhe conſervaſſe a primeira felicidade.

D. Fernando ſitiava Burgos, quando o Marquez de Vilhena ſolicitava meios de ſe reconciliar com elle. Já ſabedor da perfidia, que traçavaõ os de Çamora, eſte Marquez eſperou, que ella podeſſe ſer favoravel aos ſeus projectos. Hum pouco de rigor praticado com alguns dos Çamoranos, recompenſas promettidas ainda naõ executadas, baſtáraõ para D. Franciſco de Valdez aſſegurar á Rainha D.

Iſa-

Isábel, que pela Ponte de Çamora, que guardava, faria entrar na Cidade a El-Rei D. Fernando, se elle quizesse vir a esta empreza em pessoa. Era ella muito importante para D. Fernando deixar passar a conjunctura. Encarregando a continuaçaõ do sitio de Burgos a seu irmaõ D. Affonso de Aragaõ, e ao Condestavel de Castella, D. Fernando seguido de tres Officiaes marchou a Çamora. Como na sua reta-guarda mandou hum grosso de trópas escolhidas para a occasiaõ de serem necessarias; o Rei de Portugal, que descobrio, e penetrou os movimentos, e se apreçou a metter soccorro em Çamora, aonde a Princeza D. Joanna tinha a sua Corte.

Era vulg-

Apresentou-se El-Rei em pessoa sobre a Praça; mas o Valdez, naõ só recusou abrir-lhe as pórtas, senaõ que trabalhou para rechaçar a partida, que houve de se retirar a Toro. As trópas de D. Fernando seguíraõ os passos do seu Rei com tanta pressa, que valeo á Princeza D. Joanna, e ao Arcebis-

Era vulg. bispo de Toledo naõ ficarem prisioneiros, irem sahindo por huma porta, quando aquellas trópas entravaõ por outra. Perdeo-se Çamora, e nella hum bom trosso das nossas esperanças. Menor foi este damno, que sería o do logro dos intentos do Valdez, que no passo da ponte determinava matar, ou prender a El-Rei D. Affonso. Os Portuguezes, que estavaõ na Praça, sobprendidos do successo, buscáraõ o azylo de hum Templo, aonde passáraõ a noite a esperar indecisos se encontrariaõ os Castelhanos mais rigorosos, e humanos, do que elles os tinhaõ visto no discurso desta guerra. Tudo era o seu Rei, que generoso os pôz em liberdade, e sem querer por elles resgate, os mandou recolher a Toro.

Foi extremo o prazer de D. Affonso com a chegada destas trópas, que suppunha mórtas, ou prisioneiras. Elle as animou, e ao resto do exercito com elogios altos do seu valor, com a promessa de naõ as arriscar mais na conquista de Praças, com lhes lisongear

gear o goſto em as levar a huma batalha deciſiva, que pozeſſe fim aos trabalhos da guerra, e que para iſſo ordenava ao Principe ſeu filho marchaſſe de Portugal a ſoccorrello com todo o dinheiro, que podeſſe, a reforçallo com o maior número de gente, que ajuntaſſe. Eſta nova encheo os Portuguezes de alvoroço, naõ havendo algum de valor, que naõ moſtraſſe no roſto os impulſos do eſpirito, que fazia ſaltar os corações. Elles deſejavaõ a gloria do ſeu Principe, e a ſua: viaõ-ſe inſtrumentos da vantagem maior á que Portugal podia aſpirar na Europa, e eſtas conſiderações ſublimes lhes elevavaõ as almas ſobre ſi meſmas: conſiderações, que os fazia deſpreſar o amor da vida poſta em paralello com a reputaçaõ da gloria.

Era vulg.

D. Fernando, que da ſua parte naõ ſe deſcuidava em ſuſtentar idéas generoſas, ao meſmo tempo, que mantinha hum exercito reſpeitavel, ſoccorreo a ſeu irmaõ D. Affonſo, que fazia o ſitio de Burgos, com trópas de

re-

Era vulg. refrefco para o continuar com vigor, e fez embarcar outro corpo numerofo para ir inveftir a Praça de Ceuta, que os Mouros fitiavaõ com ardor incrivel, aproveitando huma conjunctura taõ favoravel para reconquiftarem a fua amavel Cidade. Entendia D. Fernando com eftes movimentos conftranger o Rei a divertir as forças, e obrigallo a recolher-fe a Portugal; mas elle immovel fe comprometteo no valor, e fidelidade de Ruy Mendes Ribeiro, que governava Ceuta, e naõ fe enganou na idéa. Efte bravo Chéfe digno de memoria eterna, fem moftrar a mais leve perturbaçaõ de animo no meio de perigos dobrados, defendeo a Praça com gentileza inimitavel de dous exercitos, que fendo formados de gentes profeffóras de dogmas oppoftos, nos Chriftãos, e nos Barbaros naõ tinha a deshumanidade differença.

O aperto, que padeceo Ceuta, he indizivel, e a naõ ferem os feus defenfores Portuguezes, defmaiaria a lealdade, o esforço, a paciencia. Naõ

hç

he o mais a resistencia heroica, que entaõ fizemos. Ella se esquece, quando fazemos memoria, de que aquelles homens incomparaveis preferíraõ as delicadezas de Catholicos á magnanimidade de soldados, á segurança das pessoas, á quanto no mundo havia de estimavel. Os Mouros se estimuláraõ da furia inexplicavel, com que os Castelhanos na sua presença atacavaõ Ceuta da parte do mar; e dando ao Commandante da Praça todas as seguranças escogitaveis, lhe pediaõ permitisse ao seu exercito passo pela Cidade, para que unida com elles a guarniçaõ, de maõ commua castigassem a ousadia dos Castelhanos. Esta politica judiciosa dos Mouros foi para nós a mais feliz; porque o Chéfe magnanimo, mais attento ás leis da Religiaõ, que ás da vingança, naõ querendo acceitar a offerta dos Mouros, mereceo a bênçaõ do Ceo para com façanhas mais que humanas obrigar os Castelhanos a embarcar-se, e forçar os barbaros para levantarem o sitio.

Era vulg.

Como os designios de D. Fernando fo-

Era vulg. foraõ cortados em Africa, applicou todos ao rendimento de Burgos, que bateo com vigor por todas as partes. Os Portuguezes se defendêraõ até a ultima extremidade, e sendo-lhes já impossivel a defensa, capituláraõ, e se rendêraõ. Seguio-se a esta perda a de hum corpo de trópas commandado pelo Conde de Pena-Macor, que ficou prisioneiro no choque, que teve com D. Affonso de Mendoça, parente do Cardeal de Castella: duas infelicidades; que foraõ o preludio das muitas, que depois se seguíraõ.

Entretanto o Principe D. Joaõ, que recebêra ordens para levar a Castella de socorro homens, e dinheiro, propunha aos Estados do Reino a figura, em que se achavaõ naquella Monarquia os negocios de seu pai, que necessitava ser reforçado. Os modos insinuantes, e suaves, de que se servio o Principe fizeraõ tanta impressaõ nas gentes, que naõ só ajuntou hum grosso de dous mil cavallos, e oito mil infantes; mas conseguio emprestimos avultados, donativos graciosos, considera-

veis,

veis, e que o Cléro voluntario lhe entregasse a prata de todas as Igrejas, excepto os Vasos Sagrados, que elle mandou cunhar em moeda. Com estes reforços rompeo a marcha pelas fronteiras de Hespanha, e sobre ella ganhou as Praças de S. Felices, e de Ledesma. Quando chegava o Principe, que com seu pai havia emprehender o sitio de Çamora para obrigar D. Fernando a huma batalha, El-Rei convidava os Fidalgos Castelhanos da sua facçaõ para se lhe ajuntarem com as trópas, que commandavaõ. Unicamente o Arcebispo de Toledo obedeceo a esta ordem; os mais confederados se escusáraõ com pretextos, que davaõ bem a conhecer a negociaçaõ com D. Fernando para entrarem na sua graça.

Era vulg-

Naõ desmaiou D. Affonso com esta falta de palavra dos primeiros sugestores desta guerra, porque já a esperava, nem se embaraçou com as propostas de paz, que alguns delles lhe fizeraõ, porque lhe naõ mereciaõ a confiança. Elle se resolve a arriscar tudo, e para disposiçaõ de huma bata-

ta-

Era vulg. talha, entende lhe he neceſſario occupar o campo de Çamora. Naõ lhe parecendo elle vantajoſo, ſe faz na volta de Toro. D. Fernando o occupa, quando El-Rei ſe retira, naõ ſe atrevendo a apparecer nelle á viſta das noſſas armas. D. Affonſo, que o ſoube, marcha a deſafiallo, e como lhe naõ acceitou o convite, retrocede a eſperar em Toro occaſiaõ mais opportuna. A Rainha D. Iſabel reforçou o campo de ſeu marido, que animado com eſte ſoccorro, veio a examinar o noſſo alojamento. Neſta occaſiaõ D. Affonſo tambem ſe quiz moſtrar circunſpecto; ambos os Principes com induſtria acceitando os cumprimentos de longe.

Gaſtáraõ-ſe alguns dias em marchas, e contramarchas, até que os Caſtelhanos ſe reſolvêraõ paſſar o Douro para picarem a noſſa retaguarda, que levava as caras em Toro. Já o combate era inexcuſavel, e ambos os Principes enchêraõ aquelle dia animando, e unindo as trópas diſperſas. D. Affonſo cobrio o lado direito do exercito, que havia atacar o eſquerdo do de Caſtel-

tellá, mandado pelo Cardeal, e pelo Duque de Alva; o Principe D. Joaõ se postou no esquerdo para investir a D. Fernando no direito, e nesta fórma, entre Toro, e Çamora, se esperou o dia, que tinha de decidir a alta pretensaõ dos dous Augustos Rivaes. O Castelhano ainda irresoluto, quiz ouvir o seu Conselho, aonde encontrou muitos vótos, que lhe dissuadíraõ a batalha. A todos prevaleceo o partido do Cardeal, que contemplava na retirada a rotura do credito, e reputaçaõ das armas; o novo espirito, que recobrariaõ os descontentes de D. Fernando; a decadencia, que sentiriaõ os seus negocios; a arrogancia, que deixariaõ vêr os Portuguezes, e que em attençaõ a huns principios taõ ponderosos, só elles bastavaõ para se resolver a batalha, quanto mais interessando-se nella a conservaçaõ dos Reinos de Hespanha.

Era vulg.

O Cardeal acompanhou este discurso da offerta de ser elle o mesmo, que fosse observar a figura do campo Portuguez para calcular as vantagens, com

que

Era vulg. que havia ſer atacado. Subio elle a hum lugar eminente, donde aviſtou o noſſo exercito formado com tanta ordem, e diſciplina, que o Cardeal mudaria de intenções ſenaõ receaſſe, que o pejo lhe reveſtiſſe o ſemblante da côr da purpura. Em fim, a opiniaõ decidio a batalha, e com bella ordem marchou D. Fernando ao lugar deſtinado para a acçaõ, que tinha ao noſſo lado direito as montanhas, e ao eſquerdo o rio Douro. Já á viſta dos inimigos, indo o exercito em plena marcha, houvéraõ prudentes, que advertíraõ áquelle Principe ponderaſſe os perigos da ſua reſoluçaõ: que os Portuguezes tinhaõ nas cóſtas a Cidade de Toro para refugio certo, e ſeguro no caſo de ſer vencidos: que ficando vencedores, os Caſtelhanos naõ encontrariaõ outro além da mórte, ou da priſaõ. Hum dos ſeus Generaes de valor reſolveo eſtas dúvidas dizendo ao Principe: Senhor, ſe quereis ſer Rei de Heſpanha, neceſſitais combater neſte dia. Soou eſta vóz com agrado nos ouvidos de D. Fernando, que fez con-

continuar a marcha para se arrostar com Era vulg.
os Portuguezes.

Em quanto naõ chegavaõ os inimigos, o Rei de Portugal corria as fileiras do exercito, e fazia lembrar aos soldados, que elle era neto do Rei D. Joaõ I., e elles dos bravos Heróes, que em occasiaõ semelhante nos campos de Aljubarrota cortáraõ em postas os avós dos mesmos inimigos, que tinhaõ diante; que estava bem certo fariaõ elles o mesmo áquelles seus netos. O nosso Rei persuadia a sua gente com as lembranças da honra; o de Castella animava a sua com promessas, com dadivas, com recompensas: differença notavel, mas propria; no primeiro de Rei, que era, no segundo de Rei, que queria ser; hum pai de vassallos filhos; o outro, que ainda naõ os tinha por filhos, nem por vassallos. Cessáraõ as vozes dos Principes, e soáraõ os dous gritos de guerra, que rompêraõ a batalha, que começou de ambas as partes com ardor incrivel, e em que os dous Principes ficáraõ vencidos, os seus Capitães vencedores.

O

Era vulg. O Principe D. Joaõ rodeado de quantos militares faziaõ brilhante o exercito, atacou o lado direito dos inimigos, que cobria o Rei D. Fernando, e em huma hora de combate lhe passou á espada seis formosos esquadrões, que eraõ o grosso daquelle lado. Obrou o Principe acções dignas do mais aguerrido Capitaõ, de hum bravo soldado; dignas de si. D. Fernando, que de lugar eminente as observára atonito, vendo tudo perdido, as fileiras rotas, os homens feitos em postas, os soldados sem ordem, em tom de retirada fugio para Çamora. O contrario succedia no lado, que mandava El-Rei D. Affonso. Dous Castelhanos oppostos, huma purpura, e hum roquete, huma mytra, e hum chapeo, hum Cardeal de Castella, e hum Arcebispo de Toledo degollando-se sem piedade, como se estivessem combatendo em huma guerra de Religiaõ, eraõ os espectaculos mais vistosos; o Arcebispo no lado direito do exercito de Portugal, e o Cardeal no esquerdo do de Castella.

Es-

Eſte ornato do Vaticano, vendo a bravoſidade da noſſa reſiſtencia, lançando-ſe como huma furia aos lugares mais arriſcados, correndo as fileiras dos ſoldados, ſe aſſegura os animava com eſtas vozes infames: Pelejai, trahidores, que aqui tendes ao voſſo lado o Cardeal de Caſtella. Que brava ardencia de eſpirito em hum Principe da Igreja para dar corage a apoſtatas covardes, que temêraõ os tormentos, e os reconduzir a morrer Martyres! Finalmente, a pezar da noſſa corage, o eſpirito do Cardeal triunfou do do Arcebiſpo de Toledo, o valor do Duque de Alva venceo ao Rei D. Affonſo, que tambem a modo de quem ſe retirava, fugio para Caſtro Nuno. Ficáraõ no campo cantando a victoria o Principe D. Joaõ, o Cardeal, e o Duque, todos afflictos por ignorarem o deſtino dos ſeus reſpectivos Reis.

Era vulg.

Era vulg.

CAPITULO VII.

De algumas particularidades, que succederaõ na batalha de Toro, e o que se seguio depois della.

VANTAGEM alguma tiveraõ os Castelhanos sobre os Portuguezes na batalha de Toro, senaõ a de lhe ganharem o Estandarte Real: perda feliz no modo, e pela gloria que nos resultou no da sua restauraçaõ admiravel. Levava esta Insignia na frente do exercito Portuguez D. Duarte de Almeida, que no maior ardor da refrega, rodeado de inimigos immensos, e resolutos, todos elles naõ tiveraõ forças para lha arrancarem das mãos, em quanto lhe naõ cortáraõ ambos os braços. Os Castelhanos a conduzíraõ ao seu campo, aonde por irrisaõ a arvoráraõ ás aveças. Naõ soffreo o valor de Gonçalo Peres este desprezo da Devisa Real do seu Soberano, e voltando-se para outros cavalheiros de espiritos conformes aos seus, lhes disse:

Ami-

Amigos, a honra da Naçaõ está primeiro, que a conservaçaõ das nossas vidas: Ellas de que nos servem á vista daquella injúria, que os Castelhanos nos fazem? D. Duarte teve corage para deixar cortar as mãos, antes que lhe arrancassem dellas a nossa Insignia; e em nós ha de faltar para a troco do sangue naõ rompermos o centro desse exercito, e irmos tirar-lha do poder? Naõ o consente o brio dos Portuguezes: sigaõ-me os que quizerem, e se entre vós ha quem naõ queira, eu basto só.

Era vulg.

A estas ultimas palavras Gonçalo Peres sacode o ginete, enrista a lança, alguns bravos o acompanhaõ, com golpes para todos os lados, abrem caminho pela frente das linhas, rompem os Castelhanos, no mesmo galope Gonçalo Peres tira das mãos do Castelhano, que naõ era D. Duarte de Almeida, o Real Estandarte, encosta-o ao hombro, rodeiaõ-o os camaradas, e passando por montes de perigos, saõs, e salvos, o offerecem ao seu Rei. Callem esta façanha de con-

Era vulg. tidos quasi todos os Escritores Castelhanos, que El-Rei de Portugal a fez pública nas honras, que conferio á Gonçalo Peres, entre outras ordenando-lhe, que para memoria perpetua, os seus descendentes usassem no Escudo das armas do mesmo Estandarte Real, como elles practicaõ até hoje.

Depois da batalha, o Principe D. Joaõ, como vencedor, ficou no campo com o seu esquadraõ inteiro, gastando o dia em recolher as reliquias que ficáraõ do destroço de seu pai; que além dos mórtos no campo, perdêra muita gente affogada no Douro. Esperou o Principe a manhã seguinte para atacar ao Cardeal, e ao Duque de Alva, que tambem ficáraõ no campo como triunfantes. Elles, que tinhaõ outros intentos, se valêraõ de noite para a retirada, e foraõ ajuntar-se com o seu Rei, que daqui em diante entrou a recolher os fructos da victoria, que foi nossa, por naõ podermos entaõ sustentar os projectos. O Principe sem inimigos, que combater, tremolando as suas bandeiras foi marchan-

chando a passo lento para Toro, aonde suppunha a El-Rei seu pai. Quando o naõ vio assentou, que ficára prisioneiro, ou morto, e occupado desta consternaçaõ, resoluto a buscallo em pessoa, recebeo hum expresso com a noticia, de que estava em Castro-Nuno.

Era vulg.

Com pouca companhia chegou El-Rei a esta Praça, que governava Pedro de Mendanha, seu fiel servidor, que o recebeo nella. He verdade, que o Mendanha sentio depois o abatimento, em que vio este Principe, dizendo-se delle, que nesta occasiaõ dormíra estando á mesa. Com tudo, por desfigurada que nos pintem esta imagem Real em Castro-Nuno, ella tem mui poucas semelhanças com a del Rei D. Joaõ I. de Castella, que nós vimos em Santarém; este depois da batalha de Aljubarrota, aquelle depois da de Toro. O Principe no mesmo instante, que recebeo o aviso de seu pai, partio com todos os Officiaes do exercito para Castro-Nuno, e o reconduzio a Toro para ajustarem as operações

ul-

Era vulg. ulteriores, já desenganados de que a fidelidade dos Castelhanos para com a Princeza D. Joanna estava cançada, e que as suas pretenções a Castella tinhaõ de recahir todas sobre as armas de Portugal.

Bem ponderada a situaçaõ critica dos negocios, foi resoluta a volta para o Reino a fim de tomar novas medidas; mas que antes se mostrasse ás Comarcas visinhas o nosso resentimento. Como torrente innundante foi D, Affonso devastando os terrenos de Salamanca, aonde com cólera indistincta se derramava a pilhagem, cortava o ferro, consummia o fogo. Mas reflectindo, que fazer estragos naõ fora o que elle viera buscar a Hespanha; deixando nella os Reinos, naõ entrou em Portugal com mais despojos, que a pessoa da Princeza para esposa. A vista dos vassallos officiosos, o alvoroço com que o recebêraõ, nada divertia em D. Affonso a lembrança, do que passára em Toro, sem desaggravar a reputaçaõ com emprezas novas. Por outra parte via os Póvos descontentes

da

da guerra, vacilante a fé dos Castelhanos do seu partido, as forças diminuidas, os thesouros exhaustos; mas a tudo superior o seu espirito, elle arbitra invectivas para continuar as idéas.

Erá vulg.

A primeira, que se lhe propôz, foi solicitar soccorros de Luiz XI. Rei de França, que suppunha inclinado aos seus interesses. Para isso mandou á sua Corte com caracter de Embaixador a D. Alvaro de Ataide, que entretido com boas promessas, via passar o tempo sem fructo. Entendeo elle, que offendia a delicadeza em reiterar com o Rei as instancias na fórma que se lhe ordenava, e esta omissaõ retardava as respostas decisivas, e punha impaciente a D. Affonso. O Rei Luiz, que queria contemporisar, naõ só se aproveitava do retiro do Embaixador, mas elle mesmo retirava as occasiões deste Ministro poder metter em uso os seus officios. Em quanto Portugal trabalhava nesta negociaçaõ, D. Fernando o Catholico pedia a seu pai o Rei D. Joaõ II. de Aragaõ lhe désse o gosto de o vêr nos seus novos Estados. O Veneravel

Era vulg. vel Soberano de 80 annos de idade veio a Castella, aonde foi recebido com sumo applauso, e magnificencia; pai, e filho derramando lagrimas de ternura, que accendiaõ nos vassallos affectos de complacencia. A Cidade de Victoria foi o lugar desta visita, aonde o Rei de Aragaõ, pai, e velho, deo sempre o lado direito a seu filho para mostrar, que o distinguia como Rei de Hespanha.

Incançavel a Rainha D. Isabel, marchou na frente das suas trópas a Sevilha para reduzir á sua obediencia os Reinos Andaluzes. Ella se apoderou do Alcaçar de Triana, e das Tarazanas, a pezar de toda a resistencia do Duque de Medina Sidonia. O Rei D. Fernando, depois de tratar com seu pai o modo, com que se havia portar a respeito dos seus inimigos, de se despedir delle com as demonstrações do maior affecto, veio encontrar-se com a Rainha a Andaluzia, aonde trouxe ao seu partido ao Marquez de Cadiz, que seguia o de Portugal. Estes passos dos dous Reis Catholicos, a sua presença fa-

fazendo mercês, inclinou todos os Fidalgos para lhes entregarem as Praças, que sustentavaõ á vóz del Rei D. Affonso nos Reinos de Andaluzia. Era vulg.

Este Monarca, intentando passar mais além do que queria a fortuna, firme na sustentaçaõ das suas pretenções, falto de meios para ellas, naõ sopportando as dilações longas do seu Embaixador em França nos negocios, que faziaõ parecer perda irreparavel os instantes, resolveo ir em pessoa áquella Monarquia para acabar de perder o resto das esperanças na figura de requerente afflicto, demandando soccorros. Antes de sahir do Reino, encarregou o governo ao Principe D. Joaõ, e partio occulto de Lisboa com o destino ao porto de Marselha; mas hum vento contrario o levou ao de Colioure no Roussilhon, donde fez jornada para Perpinhaõ. Daqui despedio a D. Francisco de Almeida á Corte do Rei Luiz para lhe dar parte, de que se achava nos seus Estados, e lhe pedir destinasse lugar para a conferencia pessoal das duas Magestades.

Com

Era vulg. Com esta noticia ordenou o Monarca Francez ao Duque de Bourbon fosse encontrar ao Rei de Portugal, e o conduzisse á Leaõ. A toda a diligencia voltou D. Francisco de Almeida a Perpinhaõ para informar a El-Rei destas disposiçőes, e o acompanhar a Leaõ, aonde se encontrou com o Duque, que o acompanhou a Bruges, lugar destinado para a conferencia, e entrevista dos dous Monarcas. Nesta Cidade, e em todas por onde passou D. Affonso, foi tratado com honras delicadissimas, as mesmas que ellas costumavaõ fazer ao seu Rei: honras, em vez de soccorros, que foraõ os fructos colhidos nesta jornada em Reino alheio. Cinco dias esperou El-Rei de Portugal em Bruges pelo Rei de França, que se comprometteo como Rei nas decisőes dos seus Ministros a respeito dos soccorros, e aconselhou como amigo a D. Affonso fosse a Nancy pedillos ao Duque de Borgonha, Carlos o Atrevido, que estava em situaçaõ mais opportuna de os poder dar.

Abraçou El-Rei o conselho, que

era

era hum claro desengano, e partio para Nancy. Se no mundo naõ houvéra ambiçaõ, os Reis se escusariaõ de dar estes passos estranhos. O Duque Carlos ouvio o requerimento del Rei, e respondeo prompto, que mandallo lá o de França fora hum meio, que escolhêra para se escusar de o attender: que muito menos o podia elle fazer com diminuiçaõ das suas forças, sendo maiores os seus embaraços, que os de França: que estimava o sangue Real Portuguez, que lhe circulava nas veias, communicado pela Duqueza de Borgonha, tia delle Rei; mas que naõ estava em situaçaõ de mostrar, que era bom parente. Esta resposta transtornou todas as medidas, que D. Affonso havia tomado, e voltou para França a ouvir do Rei Luiz o ultimo desengano, que rematou a infelicidade.

Era vulg.

Tinha este Principe acabado de ajustar huma trégoa com os Reis Catholicos respectiva ás dúvidas precedentes sobre o Condado de Roussilhon. Neste meio tempo Carlos de Borgonha foi morto em huma batalha pelos seus inimi-

mi-

Era vulg. migos. O Rei de França justamente receava huma guerra com a Casa de Austria, que lhe herdava os Estados: tinha de sustentar outra contra os Inglezes, e que motivos mais especiosos para o Rei de França naõ defferir ás pretenções do de Portugal? Elle sahe da Corte, e se retira a Rohan, resoluto antes a perder a Coroa, que a naõ vêr o fim da empreza, renunciando a de Portugal no filho, já que naõ podia obter para si a de Hespanha. Antes de declarar os seus intentos, e de sahir de Rohan, dizem que escrevêra ao Rei Luiz, declarando-lhe, que naõ se atrevia a apparecer mais em Portugal; que se embarcava para Roma, donde determinava passar á Palestina para acabar os seus dias em huma solidaõ. Nesta carta se assegura abríra o Rei afflicto os fundos do seu coraçaõ ao de França; lhe revelava os segredos até entaõ occultos no centro do espirito; lhe pedia recompensas para os Fidalgos, que o tinhaõ servido em França, como se este Rei fosse seu filho, o Principe D. Joaõ de Portugal: que a tanto obriga

a desolaçaõ extrema, ainda aos animos Reaes, e independentes.

Era vulg. 1478

Carta taõ respeitavel, taõ forte, taõ tocante, impressaõ alguma fez no espirito de Luiz XI. que satisfez a tudo com respondêr a D. Affonso: que abandonar o seu Reino lhe sería vergonhoso, e reprehensivel, e que naõ ter felicidade na guerra de Castella, isso naõ era motivo bastante para abater a corage de hum Rei, que se devia animar com exemplos bem conformes de outros, a quem succedêra o mesmo. Naõ obstante esta persuasaõ, D. Affonso quasi só emprehendeo a jornada da Palestina; mas os seus criados, que lhe sentíraõ a falta, foraõ buscallo ao caminho, e o reconduziraõ a França, aonde embarcou no navio, que mandava o Capitaõ Bret, e escoltado de outros, quando Portugal menos esperava ao seu Rei, elle entrou pela barra do Téjo.

Pelas suas margens passeava o Principe D. Joaõ, já acclamado Rei, na companhia do Duque de Bragança D. Fernando, e do Arcebispo de Lisboa,

D.

Era vulg. D. Jorge da Costa, depois Cardeal, quando lhe dérao a noticia da chegada de seu pai. Podéra perturbar-se o Principe a ser menos magnanimo, do número dos que preferem os interesses a todas as outras relações. Na sua mesma inalteraçaõ de animo perguntou elle ao Duque, e ao Arcebispo, como havia receber aquelle homem, que fora Rei, e era Pai: como a Pai, e como a Rei, lhe respondêraõ ambos. Digase, que o Principe naõ gostára da resposta, que lhe custava o preço de huma Coroa: que elle se abaixára a huma pedra, e a lançára no Téjo: que naõ podendo ser esta acçaõ iudifferente em tal pessoa, o Arcebispo dissera ao Duque. Esta pedra naõ ha de dar na minha cabeça: que este Prelado, aborrecido do Principe, desviára o golpe fugindo para Roma: Porque a verdade do caso he, que o Principe D. Joaõ, com modestia rara pouco imitada no mundo, honrou a D. Affonso como a pai, e lhe entregou o Reino como a Rei.

LI-

LIVRO XXIX.

Da Hiſtoria Moderna de Portugal.

CAPITULO I.

Succeſſos do Reino, depois da reſtituiçaõ del Rei D. Affonſo até ao ajuſte da Paz com Caſtella.

NAÕ baſtáraõ todas as calamidades, que havia ſopportado a auguſta peſſoa do Rei D. Affonſo para elle apagar da memoria as imagens funeſtas, de que fora eſcurecer em Heſpanha a gloria brilhante, que adquiríra em Africa. Elle acompanhava eſte penſar triſte dos reparos, que em tantas manobras, naõ vulgares, teria dado ao Principe ſeu filho, aos vaſſallos proprios, aos Caſtelhanos, que ſeguiaõ a ſua voz. Já neſtes ſe obſervava o nenhum reſguardo, com que voltavaõ a caſaca, e ſeguiaõ por melhor o parti-

Era vulg.

ti-

Era vulg. tido mais ſeguro, como ſe havia viſto em Andaluzia, e agora ſe acabava de vêr em Toro, perda ſenſivel, e perdida por mal guardada.

Governava eſta Cidade D. Franciſco Coutinho, Conde de Marialva, que ſe deſcuidou muito, quando tinha todas as obrigações de vigiar mais. Hum paſtor activo daquella Comarca a maior parte das noites tinha a curioſidade de ſaltar dentro na Cidade pela parte mais alta do muro, donde nada ſe temia, e examinar quanto nella ſe paſſava. Obſervou elle a confiança indiſcreta, que fazia na praça geral o deſcuido, e dando parte de tudo, ella foi entrada ſem perigo algum dos invaſores. Já perdido tudo em Heſpanha, unicamente Pedro de Mendanha, Alcaide Mór de Caſtro-Nuno, ſuſtentava nella o nome Portuguez com fidelidade, taõ paſmoſa, que zombava de todo o poder de Caſtella. Atacado por El-Rei D. Fernando; ſoffrendo aſſaltos horriveis, naõ ſe pode conſeguir delle a entrega da Praça ſem licença expreſſa do Rei D. Affonſo; e ain-

ainda deste modo o Principe se sugeitou a taes condições, que o rendimento de Castro-Nuno antes foi para elle affronta, que victoria.

Era vulg.

Mais teimoso que a Pedro de Mendanha encontrou D. Fernando ao Arcebispo de Toledo. Elle foi em pessoa a este Arcebispado, que revestido dos mesmos sentimentos do seu Chéfe Ecclesiastico, se fez com elle inexoravel ás promessas, aos partidos vantajosos, com que o Rei pretendeo abrandar-lhe a contumacia. O estrondo destas heroicidades fez écco taõ harmonioso nos ouvidos de D. Affonso, que elle principiava a dallos de novo ás suggestões de alguns Castelhanos, menos desejosos de o verem Rei de Hespanha, que intrigantes para haverem por meio da revolta mercês avultadas do Principe, que já nella era Rei. Conseguíraõ os ambiciosos os seus intentos; renovou-se huma guerra de dessolaçaõ, em que os dous Soberanos sentíraõ arruinado o seu poder, os seus vassallos, os seus thesouros, e ambos cuidáraõ sériamente na paz, que os Póvos mutuamente desejavaõ.

Era vulg. Neſtas boas diſpoſiçóes ſe achavaõ os animos de Portugal, e Caſtella, quando D. Affonſo II., Rei de Napoles, mandou pedir a D. Fernando o ſoccorreſſe com as ſuas forças contra os Turcos, que haviaõ invadido a Provincia da Pulha. Como eſte Principe naõ podia divertillas ſem fazer a paz com Portugal, eſte novo motivo affervorou mais os deſejos, que conſeguíraõ a tranquillidade ſem intereſſe algum da noſſa Coroa. Nós vamos a ouvir as condiçóes de hum Tratado, em que o meſmo Rei Catholico reconheceo a legitimidade da Princeza D. Joanna: tratado, em que ſe ajuſtou o ſeu caſamento com o Principe D. Joaõ, filho de D. Fernando, herdeiro de Caſtella, que naõ teria penſamentos de enlaçar o ſeu futuro Soberano com a filha de Beltraõ de la Cueva, ſe ella na realidade o foſſe: tratado, que por ſe incluir nelle, que o matrimonio da Princeza ficaria ao arbitrio do Principe, eſta condiçaõ fez, que ella, ou com alto capricho, ou com reſoluçaõ catholica, fechaſſe na Clauſura de Santa

Cla-

Clara de Santarém as pompas da grandeza, naõ querendo que fóra ſe percebeſſem mais eſtrondos de Mageſtade, que o titulo ſimples de *Excellente Senhora*.

Era vulg.

Determinados os dous Reis a eſquecer a guerra, nomeáraõ Plenipotenciarios para os ajuſtes, e formaçaõ do referido Tratado. Por parte de Portugal foi eſcolhido Joaõ Fernandes da Silveira, Baraõ de Alvito, e D. Rodrigo Maldonado pela de Caſtella. Alcantara foi o lugar das conferencias, aonde ſe ajuſtou com ſatisfaçaõ reciproca das partes contratantes: Que D. Fernando naõ uſaria mais do titulo de Rei de Portugal, nem D. Affonſo do de Rei de Caſtella: Que a Princeza D. Joanna renunciaria o de Rainha de Portugal, e o de Infante de Caſtella: Que de huma, e outra parte ſe reſtituiriaõ as Praças tomadas, durante a guerra: Que o direito de conquiſtar o Reino de Féz pertenceria á Coroa de Portugal: Que o de Caſtella naõ perturbaria a navegaçaõ, e o commercio da Coſta de Guiné: Que eſte Principe ſeria

Era vulg. ſenhor das Ilhas Canarias, e do Reino de Granada: Que os dous Principes dariaõ hum perdaõ geral aos ſeus vaſſallos, que no diſcurſo da guerra houveſſem tomado as armas contra elles: Que por fructo deſta paz, o Infante D. Affonſo, neto del Rei de Portugal, caſaria com a Infante D. Iſabel, filha del Rei de Caſtella, quando ambos tiveſſem idade competente: Que o Principe D. Joaõ de Caſtella, primogenito do ſeu Rei, na idade de quatorze annos caſaria com a Princeza D. Joanna; mas que ſe o Principe recuſaſſe eſte matrimonio, elle ficaria deſobrigado deſte ajuſte, pagando á Princeza a ſomma de cem mil libras: Que durante a puberdade do Principe, a dita Princeza deporia todos os ſeus titulos reſpectivos ás pretenções aos Reinos de Leaõ, e Caſtella: Que ella ſería entregue ao governo da Infante D. Brites, Duqueza de Viſeo, e que ſe o ſeu matrimonio naõ ſe conſummaſſe com as condições eſtipuladas, ella ſe recolheria neſte Reino em hum dos Conventos da Ordem de Santa Clara, que ella eſco-

lheſ-

lhesse: Que se este ultimo partido lhe naõ agradasse, a Princeza sería obrigada a sahir de Portugal no espaço de cinco mezes, e recolher-se a Castella: Que o Rei D. Affonso, e o Principe D. Joaõ, seu filho, seriaõ obrigados a defender o Rei de Castella contra todos aquelles, que quizessem sustentar com as armas o direito da Princeza D. Joanna: Que para segurança deste Tratado, o Principe D. Joaõ entregaria á Infante Duqueza de Viseo sua sogra as Villas, e Castellos de Alegrete, Veiros, e Landroal, e que consentiria, que ella os pozesse nas mãos do Rei de Castella, no caso que senaõ observasse este Tratado: Que os Infantes D. Affonso de Portugal, e D. Isabel de Castella seriaõ entregues em refens á mesma Infante D. Brites, Duqueza de Viseo, com condiçaõ, que ella enviaría reciprocamente para poder del Rei de Castella a seu filho primogenito D. Diogo, Duque de Viseo, se El-Rei de Portugal, e o Principe D. Joaõ lho quizessem consentir. Era vulg.

Estas foraõ as condiçóes da paz, que

Em vulg. que se publicou no mez de Outubro do anno, que tratamos. A sua conclusaõ se differio até a entrada do anno seguinte por causa das intrigas dos Embaixadores de Castella, que estavaõ instruidos para buscar expedientes, que differissem a vinda da Infante D. Isabel a Portugal. No principio parecia, que a nossa Corte naõ desapprovava os pretextos, de que aquelles Ministros se serviaõ, pelo que tinhaõ de especiosos; mas passados tres mezes, e entrado o de Janeiro de 1479, o Rei, e o Principe, desgostados das demoras, mandáraõ fazer huns officios mudos, que explicáraõ com bem energia o fundo das suas intenções. Elles remetêraõ pelos seus Embaixadores aos de Castella dous dados de jogar, e no alto de cada hum delles escritas as duas vozes *Paz*, *Guerra*. Huma alternativa taõ judiciosa, e bizarra, de sórte sobprendeo os Ministros Castelhanos, que por naõ se arriscarem a perder os interesses da paz a seu Amo vantajosa, o persuadíraõ apressasse a jornada da Infante para ser entregue á Duqueza de Viseo.

1479

Par-

Partio esta Senhora para a Villa de Moura a receber a Infante com a magnificencia correspondente ao caracter de ambas as Altezas; e porque seu filho o Duque D. Diogo, que havia ir para Castella na fórma do Tratado, estava entaõ muito enfermo, ella substituio o seu lugar com a pessoa de seu filho segundo D. Manoel, até que o Duque se achasse em termos de fazer jornada, como executou com effeito. Naõ bastou a paz, nem a alliança para divertirem em D. Affonso as imaginações melancolicas, de que elle offendêra o seu decóro na cessaõ, que fizera do direito aos Reinos de Leaõ, e Castella. Tanto se preoccupou a fantasia, que opprimida a natureza, o Rei perdeo a saude. Por outra parte a illustraçaõ da Princeza D. Joanna penetrava, que D. Affonso, e ella eraõ as victimas da paz: que a sua pessoa entregue no poder da Infante D. Brites, toda dominada pelos influxos de Castella, naõ teria a devida segurança: que o ajuste do seu casamento futuro com o minino, que nascêra o anno pas-

Era vulg.

Era vulg. 1480

passado, ella seria imprudente, senaõ o olhasse como huma quiméra, jogo, e entretenimento pueril: tudo estimulos, que movêraõ a sua magnanimidade para abandonar as grandezas apparentes do seculo, e recolher-se em Santa Clara de Santarém.

Esta resoluçaõ, como taõ interessante aos Reis Catholicos, os obrigou a mandarem áquella Villa a Fernando de Talaveira, seu Confessor, e a hum Conselheiro de Estado com o caracter de Embaixadores, para serem testemunhas da resoluçaõ da Princeza. El-Rei já convalecido, e o Principe, que se achavaõ em Santarem, e foraõ instados pelos Embaixadores para authorisarem com a sua presença a renuncia da Excellente Senhora D. Joanna, e a sua entrada no Convento, elles o naõ quizeraõ fazer, e se recolhêraõ para Lisboa. Esta acçaõ heroica da Princeza embainhou para sempre a espada do Rei D. Affonso, que ambicioso de gloria semelhante, determinou seguir os vestigios da que já respeitára por primeiro movel da sua Real inclinaçaõ;

co-

coroando a Mageſtade da purpura com o ſaial humilde de S. Franciſco, ſe a morte lho naõ embaraçára. Aſſim ſe concluio a paz de cento e hum annos, que podemos chamar Profetica; porque naquelle termo prefixo a rompeo Filippe II., quando depois da perda del Rei D. Sebaſtiaõ veio a conquiſtar o cadaver de Portugal.

Era vulg.

CAPITULO II.

Do que ſuccedeo em Caſtella depois da paz, e de outras acções del Rei D. Affonſo até largar o Reino ao Principe ſeu filho.

GOZAVA Portugal a aura benigna da paz, o ſeu Rei ſentia no Throno amarguras do eſpirito, a Princeza D. Joanna do Clauſtro fazia valle de lagrimas para diſpôr nelle as aſcencões ſublimes do coraçaõ, que chegaõ a penetrar o Ceo, quando Fernando, e Iſabel, Reis Catholicos de Heſpanha, colhêraõ por fructos da paz a ſucceſſaõ dos Reinos de Aragaõ, Sici-

Era vulg. cilia, e depois Navarra, que viera a recahir em D. Fernando pela mórte de seu pai, o Rei de Aragaõ D. Joaõ II. succedida o anno passado. Em Çaragoça, Barcelona, e Valença foi elle jurado Rei dos nóvos dominios: applauso, que encontrando-se com o ajuste da paz de Portugal pela mediaçaõ da Infante D. Brites, Duqueza de Viseo, tia da Rainha D. Isabel, fez multiplicar os motivos do jubilo em todas as Hespanhas.

Cresceo elle com o nascimento da Infante D. Joanna, que veio a ser mãi do Imperador Carlos V. D. Affonso Carrilho, Arcebispo de Toledo, deixou com a vida a inclinaçaõ a Portugal, e com a promoçaõ deste consideravel Arcebispado remunerou D. Fernando os serviços importantes, que lhe tinha feito o Cardeal de Castella D. Pedro Gonçalves de Mendoça. As outras grandes acções dos Reis Catholicos, como foraõ a conquista do Reino de Granada, a expulsaõ dos Judeos, que viviaõ com impiedade, o descobrimento das Indias Occidentaes, ou

No-

Novo-Mundo, e outras muitas, todas Era vulg. succedêraõ depois da mórte del Rei D. Affonso, e de que nós faremos memoria nos seus lugares proprios. Todas ellas enchêraõ Hespanha de felicidades constantes, que duraõ até hoje, especialmente a expulsaõ dos Barbaros além dos mares, que nós entrámos a perseguir nas suas casas com mais esforço, e menos fortuna, do que elles nos opprimíraõ na nossa.

El-Rei D. Affonso, que nos transportes do seu espirito, nada desejava tanto como imitar os passos da Princeza D. Joanna, tomando á sua imitaçaõ o habito de Religioso Menor, pensava o modo de abdiçar o Reino na pessoa do Principe seu filho. Elle o fizera sem mais reflexões, senaõ contemplasse no Principe hum odio implacavel contra a Casa de Bragança, que desejava adoçar, antes que elle se visse Rei. Tinha D. Affonso concebido da sua primeira idade huma grande affeiçaõ a esta Real Casa, por todos os titulos benemerita, bastando para lhe merecêr o agrado a sua inimitavel fide-

Era vulg. delidade. Pelo contrario o Principe fazia motivo do seu resentimento da amizade, e alliança estreita, que ella tinha com os Reis de Castella. A Corte navegava por outro rumo, e assentava, que o odio do Principe o soprava sua tia D. Filippa, recolhida no Convento de Odivellas, e irmã de sua mãi, a Rainha D. Isabel, que o persuadia vingasse nos Senhores da Casa de Bragança a mórte, que elles fizeraõ dar a seu Avô o Infante D. Pedro, Duque de Coimbra: que para mais lhe mover o espirito, naõ só se valia de discursos fortes, mas lhe mostrava com repetiçaõ a camiza, que o Infante levava, quando o matáraõ na batalha de Alfarrobeira, tinta no seu Real sangue, rota dos golpes, que lhe penetráraõ o corpo, e tiráraõ a vida.

Todos estes estimulos eraõ picantes para pôrem em agitaçaõ o animo de hum Principe moço, e activo, que já pensava nas independencias absolutas do Sceptro, que entendia mais respeitavel temido, que amado, menos fórte inclinado, que inflexivel. Outros po-

porém, que observavaõ o desagrado mais particular para a pessoa do Duque D. Fernando, o attribuiaõ á extraordinaria liberdade, com que este Duque lhe estranhára as suas demasias de affecto para a pessoa de D. Anna de Mendoça, Dama da Princeza D. Joanna: que quando o amor he de ternuras, até se persuade offendido em delicadezas, quanto mais em reprehensões. Tudo meditava, queria prevenir, e usava de meios o Rei D. Affonso para lograr o fim antes de largar a Coroa, que dando ao Principe maior poder, elle o abusaría em prejuiso dos Senhores de Bragança.

Era vulg.

Havendo El-Rei tomado todas as medidas para os seus designios, constante na resoluçaõ de largar o Reino para se esconder no claustro, elle convocou Cortes em Lisboa. Os Tres Estados concorrêraõ a presenciar hum dos Actos mais solemnes, no mundo taõ pouco vulgar, como o de hum Principe poderoso, respeitado, no meio da idade robusta, por hum esforço espontaneo, que sabe mover o de-

Era vulg. desengano, e a graça, arrojar de si o peso suave do Sceptro, da Coroa, da Monarquia, que recebêra de Deos. Junta a Assembléa, D. Affonso V. que reinára com gloria immortal, e que ainda podia reinar largo tempo, elle apparece no meio daquelle Augusto Corpo, que o recebe em silencio, respeitoso, reverente, como Espectador da Scena mais extraordinaria. El-Rei rompeo o silencio, sendo o Oraculo, e o Interprete de todas as suas intenções, desde o instante em que sobio ao Throno, até aquella hora. Elle deprimio as suas acções mais gloriosas de Rei; tratou-as como defeitos de homem, e quando a humildade as abattia, a mudez respeitavel do concurso as sublimava.

O mesmo espirito humilde, que fazia descer a El-Rei do Throno, lhe inspirou as reprehensões, que se dava do pouco zelo, e ardor, com que promovêra os avances da Fé, e da Religiaõ, quando este era o empenho, que os seus Predecessores lhe deixáraõ em herança, como cabeça de morgado:

do:

do: Que eſte motivo ſanto naõ o levára tanto a Africa por tres vezes, como o deſejo de abatter o orgulho dos Barbaros para naõ moleſtarem os ſeus Póvos: Que o Ceo lhe caſtigára a ambiçaõ de pretender mais Reinos do que os proprios, improporcionados ás ſuas forças, com trabalhos peſſoaes, ruina dos ſeus vaſſallos em honras, vidas, e fazendas na impertinente guerra de Heſpanha; lembrança, que o atormentava como hum verdugo inexoravel: Que eſtas conſiderações o obrigavaõ a fazer hum cotejo entre as ſuas qualidades, e as do Principe ſeu filho, para naõ demorar mais tempo a remuneraçaõ ás ſuas vantagens com lhe largar o Sceptro, que já lhe pozera na maõ, quando fora a França, e lho reſtituíra officioſo quando voltára para o empunhar até á morte; mas que elle outra vez o cedia em ſeu filho, que ſe pela natureza, e virtudes o merecia, a ſua acçaõ referida, nunca aſſáz louvada, o fazia delle mais digno.

Era vulg.

A eſte diſcurſo, que ouvia a ternura, e a que reſpondiaõ as lagrimas,

ſe

Era vulg. se seguio agradecer El-Rei aos seus vassallos o bem, que até aquelle tempo o tinhaõ servido, e pedir-lhes perdaõ de naõ haver differido sempre aos votos dos seus Conselhos, e Ministros. Depois de preludios taõ patheticos, insinuantes, igualmente humildes, que fortes, El-Rei entrou nas discussões de quanto era relativo ao decóro, e authoridade Real, de que se despia. Sobre o Throno coberto de purpura, como se estivesse no leito da mórte abraçando a mortalha, elle fez todas as disposições da vida no tom de quem se apartava della; e lançando os braços ao Principe como pai, com toda a presença de espirito, para que os officios da natureza naõ o embaraçassem a fallar-lhe como Rei, lhe disse assim:

Filho, Principe de Portugal, na maõ de Deos está o coraçaõ do Rei: vós deveis têr a todo Deos no coraçaõ para seres Soberano. Os cultos da Religiaõ, que o honraõ, haveis vós promovellos nos vossos Estados a expensas da mesma vida. Entaõ vos ensinará elle a governar homens; porque esta

scien-

ſciencia eminente ſó delle emana; he huma das emiſsões do ſeu Paraiſo, concedida aos Principes, que nos louvores divinos abrem a bocca para attrahir o eſpirito. Dai fervor ao zelo, que na defenſa da Fé ſempre moſtráraõ os voſſos vaſſallos. Vós os vereis correr alegres pelos caminhos dos voſſos mandamentos, ſe lhes dilatares os corações: quanto correráõ nos de Deos, ſe vós lhes déres o exemplo com a voſſa meſma dilataçaõ, e carreira! Das Leis Divinas, bem obſervadas pelo Principe, ſe ſegue obſervarem bem os vaſſallos as Leis humanas. Para os tranſgreſſores, e criminoſos ha caſtigos; advertindo, que nos homens ama-ſe a entidade, quando ſe aborrece o delicto, e nas penas, antes ſe queixe a juſtiça da clemencia, que a clemencia murmure da juſtiça. Nos Conſelhos, nos exercitos, em todos os empregos do Reino vos ſerve muita gente. O amor da gloria ſim dá forças, a eſperança do premio faz valeroſos; mas as mercês diſtribuidas criaõ Heróes. Deos diſſe de dar, e dá dons de graça, e co-

Era vulg.

Era vulg. coroas de justiça ; com as coroas de justiça premeia, com os dons de graça estimula. Os Principes saõ imagens de Deos ; devem-se parecer com elle.

Vós entrais a ser Rei de vassallos cheios de valor, e de honra : elles naõ desmentiráõ hum ponto do seu zelo para comvosco : he necessario deste momento em diante, como de vós espero, que nem instantes deixeis para com elles a uniaõ de Pai Soberano, e de Soberano Pai : sempre o amor, sempre o respeito, sem que nunca tenhaõ mudança, ainda que aquelles nomes se mudem. Dai-lhes exemplos de Justiça, de Prudencia, de Temperança, de Fortaleza, de Liberalidade, vós tereis cada qual delles hum baluarte na face dos inimigos ; todos temeráõ o vosso poder ; as Nações remotas buscaráõ a vossa alliança. Vós estais em huma consistencia de levar bem longe a vossa gloria. Eu naõ vos faço vaticinios ; mas tenho feito observações, e espero, que as minhas preces, os meus rógos, os meus gemidos no genero de vida a que vou a sacrificar-me, vos alcancem

a

a bençaõ do Ceo, para que os ambitos Era vulg.
do vosso dominio se dilatem, para que
os vossos simulacros occupem as praças
mais distinctas no Templo da Honra.

Neste sentido acabou de fallar El-Rei
com tanto de força, de magestade,
de circuspecçaõ, que commoveo toda a
Assembléa. Naõ houve nella hum só,
que deixasse de dar as demonstrações
mais vivas de sensibilidade; que acto
semelhante, raras vezes visto no mundo,
pedia huma commoçaõ muito além
do vulgar. O Principe, banhado em
lagrimas de ternura, se lançou aos pés
de seu pai, lhe beijou a maõ, de que
recebia o Sceptro; protestando, que
elle desejava fazer do seu coraçaõ huma
lamina de bronze, em que gravasse para
perpetuidade immortal os seus saudaveis
conselhos, que seriaõ a regra
immudavel das suas operações de homem,
das suas acções de Rei. Entaõ a
vóz geral, ainda que balbuciente, naõ
cessava de clamar as bondades do Rei,
as virtudes do Principe, a verdade com
que se disse, que hum pai benemérito
morre como senaõ morrêra, porque

 dei-

Era vulg. deixa em seu lugar, no filho, outro semelhante a si.

1481 Divulgou-se esta resoluçaõ na Corte, e com brevidade pelo mundo. Separáraõ-se os Estados, e El-Rei se retirou para Sintra constantemente determinado a tomar o habito da Ordem de S. Francisco no Convento de Torres-Vedras, que elle fundára, e hoje se conhece pelo nome de Seminario de Varatojo de Padres Missionarios Reformados da mesma Ordem, com vida correspondente ao seu Ministerio Sagrado. Privou a El-Rei dos seus santos designios a mórte, que lhe sobreveio naquella Villa aos 28 de Agosto, causada de huma febre maligna, contando de idade 49 annos, de reinado 43, e acabando a vida na mesma antecamara, aonde nascêra. Jáz no Convento da Batalha.

CAPITULO III.

Trata-se das qualidades pessoaes del Rei D. Affonso.

A MORTE del Rei D. Affonso taõ pouco tempo depois da abdicaçaõ do Rei-

Reino, a todo elle deixou em huma desolaçaõ extrema. Olhavaõ os homens para si, e mutuamente sentiaõ a falta do seu azylo na perda da bondade de hum pai, em quanto foi Rei, de hum protector, quando deixou de o ser. Elles sim viaõ no successor huma imagem sua nos espiritos, no merecimento; mas cada hum comsigo media a differença dos caracteres entre pai, e filho. Em D. Affonso tinhaõ contemplado hum Rei, que sempre quiz o amor da Nobréza, e do Povo; em D. Joaõ meditavaõ outro, que com castigar, e corrigir, de ambas as classes queria o temor. Os mais especulativos se prognosticavaõ, que teriaõ hum grande Rei; mas sentiaõ haver perdido hum taõ bom Pai.

Era vulg.

D. Affonso foi hum dos nossos Principes sábios. Como elle tinha passado na campanha a maior parte da vida, compôz o Tratado da Milicia, conforme o costume de combater dos seus tempos: como na Mathematica era instruido, deixou-nos o Discurso em que se mostra, que a constellaçaõ

cha-

Era vulg. chamada Caõ Celeſte, conſtava de vinte e nove Eſtrellas, e a menor de duas: como diſtinguia os homens, eſcreveo da ſua propria maõ a Diogo Lopes Lobo, ſenhor de Alvito, e a Gomes Annes de Zurara, ſeu Chroniſta Mór, e Guarda Mór da Torre do Tombo, quando aſſiſtia em Alcacere com o Conde D. Duarte de Menezes, para eſcrever os feitos daquella Praça. Neſta Carta lhe dizia o Rei benigno: O meu vulto pintado o non tenho para vo-lo agora lá poder enviar; mas o proprio prazerá a Deos, que o vereis lá em algum tempo, com que vos lá mais deve prazer.

Foi D. Affonſo alto de corpo, e robuſto; a preſença mageſtoſa, e agradavel; o roſto redondo, o cabello caſtanho, e o da barba comprido, e bem compoſto: teve grande memoria, e engenho agudo: fallou a noſſa lingoa com tanta pureza, e elegancia, que ainda nas práticas familiares parecia eſtar compondo, ou que antes de proferir as palavras as eſtudava: applicou-ſe á Mathematica, e á Muſica,

que

que estimou, e se recreava no seu Era vulg.
concerto: no zelo da Fé Catholica foi ardente; do culto Divino venerador insigne; para os pobres humanamente compassivo; de coraçaõ generoso, amparo dos desvalídos, favorecedor do Povo, taõ amigo dos Fidalgos, como se vio nas muitas mercês, que lhes fez, e Titulos, que lhes deo: Principe, que naõ só premiou os serviços dos homens presentes; mas os dignos de attençaõ dos passados.

Elle foi o primeiro dos nossos Soberanos, que ajuntou no Paço huma Bibliotheca numerosa: curiosidade estimavel, que deo occasiaõ para dizerem muitos Authores, que a inclinaçaõ de D. Affonso ás Bellas Letras, em nada cedia á que tivera seu pai El-Rei D. Duarte pelas sciencias. Elle ordenou se escrevessem na lingua Latina as Historias do Reino, e para isso mandou vír de Italia a Fr. Justo Baldino, Religioso Dominico, que nomeou Bispo de Ceuta. A morte atalhou a Fr. Justo a posse do Bispado, e a conclusaõ da Obra, em que houve o descuido cos-

tu-

Era vulg. tumado entre nós de ſe ajuntarem as peças, que elle tinha diſpoſto dos reinados precedentes, que juntas ás Memorias de Fernaõ Lopes, tudo firmado na fé dos melhores Authores; Originaes taõ eſtimaveis ſerviriaõ hoje de hum grande ſoccorro para a formaçaõ da noſſa Hiſtoria.

O ardor del Rei D. Affonſo pela grande reputaçaõ, a ſua felicidade nas emprezas, nada lhe alteráraõ a doçura do animo, o eſpirito de bondade, que o diſtinguiaõ entre os outros homens. Nas proſperidades, e nos infortunios foi ſempre o meſmo; uſando de tudo com reſignaçaõ de Catholico, e com magnanimidade de Rei. Elle mandou lavrar as moedas, que dizemos cruzados, e ceitís; eſtes aſſim chamados por ſerem cunhados em Ceuta, os outros por que os deſtinou para a Cruzada, que publicou o Papa Calixto. Obra foi ſua a inſtituiçaõ da Ordem Militar da Eſpada, em que já fallei, a que deo por deviſa huma Torre, que no alto tinha huma eſpada com a terça parte mettida no capitel. Eſta deviſa fazia alluſaõ á conquiſ-

quista do Reino, e Cidade de Féz, Era vulg. que se dizia ter enterrada em huma das suas pórtas a espada de hum Capitaõ Portuguez, ou que se guardava em huma das suas torres, donde profetisavaõ os Agoureiros Mouros, que a havia ir buscar hum Principe Christaõ; e D. Affonso, que naõ devia crêr em agouros, parece que crêo neste. Elle tomou por Patrono da Ordem a Sant-Iago, e lhe destinou o número de 27 Cavalleiros, que era o dos annos que tinha, quando passou a Africa a primeira vez.

Embaraçado com a guerra de Hespanha, naõ pode El-Rei D. Affonso adiantar os descobrimentos; mas conservou com vigor as conquistas, especialmente a da Cósta da Mina, aonde nos inquietavaõ os Castalhanos. Na duraçaõ daquella guerra, já entrado o anno de 1479, foraõ elles com huma Armada á mesma Cósta perturbar o nosso resgate do ouro. Nós tivemos sobre ella huma vantagem completa; porque o Principe D. Joaõ, naõ soffrendo aquella ousadia dos Castelhanos, aprestou outra Esquadra, de que fez comandan-

te

Era vulg. te a Jorge Correa, que atacou a inimiga, e depois de huma victoria singular, entrou pelo Téjo com ella prisioneira. Hum serviço taõ avultado mereceo bem a Jorge Correa a mercê da grande Comenda do Pinheiro.

Naõ tiveraõ os Fidalgos que se queixar deste Principe seu honrador, que repartio por elles mais Titulos, do que juntos todos os outros Reis seus predecessores. Do principio do seu reinado, sendo Regente o Infante D. Pedro, até que renunciou o Reino, elle fez primeiro Duque de Bragança a D. Affonso, filho natural de seu Avô, El-Rei D. Joaõ I.: fez Duque de Guimarães a D. Fernando, filho primogenito do Duque de Bragança do mesmo nome: Duque de Viseo a seu irmaõ o Infante D. Fernando, pai del Rei D. Manoel: Marquez de Valença a D. Affonso, filho primeiro de D. Affonso, Duque de Bragança: Marquez de Villa-Real a D. Fernando, filho segundo do mesmo Duque: Marquez de Monte-Mór a D. Joaõ, filho do Duque D. Fernando, I. Conde da Atouguia, e Alcaide Mór de Chaves a Alva-

to

ro Gonçalves de Ataide: Conde de Viana, e Valença a D. Duarte de Menezes: Conde de Villa-Real a D. Fernando de Noronha, filho segundo de D. Affonso, Conde de Gijon: Conde de Mira a D. Sancho de Noronha, filho terceiro do mesmo Conde de Gijon.

Era vulg.

Fez Conde de Marialva a Vasco Fernandes Coutinho: Conde de Monsanto a D. Alvaro de Castro: Conde de Fáro a D. Affonso, filho terceiro de D. Fernando, I. do nome, Duque de Bragança: Conde de Caminha a D. Pedro Alvares de Sotomaior, senhor da Casa do seu Appellido: Conde de Pena-Macor a Lopo de Albuquerque: Conde de Valença, e Loulé a D. Henrique de Menezes, filho do Conde de Viana, D. Duarte de Menezes: Conde de Penela a D. Affonso de Vasconcellos e Menezes: Conde da Atalaya a Pedro Vaz de Mello, senhor da Castanheira: Conde de Abrantes a D. Lopo de Almeidà: Conde de Olivença a Ruy de Mello: Conde de Cantanhede a D. Pedro de Menezes, Conde de Arganil para si, e os seus Successores ao

Bis-

Era vulg. Bispo de Coimbra D. Joaõ Galvaõ: Vis-Conde de Villa-Nova de Cerveira a Leonel de Lima: Conde da Feira a D. Rodrigo Forjáz Pereira: Baraõ de Alvito a Joaõ Fernandes da Silveira.

Além destes Titulos, deo El-Rei outros senhorios, premiou com grandes mercês os avultados serviços de muitos Fidalgos, que o acompanháraõ em tres jornadas a Africa nas conquistas de Alcacer Ceguer, de Anafe, de Arzila, de Tangere, os defensores briosos de Ceuta, de que eu fiz memoria, os que andáraõ ao seu lado na trabalhosa guerra de Hespanha, e os fieis servidores, que lhe assistíraõ em França; que o foraõ buscar ao caminho da Palestina; que o reconduzíraõ a Portugal. Pelo seu Tito liberal, Delicias da Patria deve este Reino venerar ao seu Rei D. Affonso V. que merecêra gloria brilhante, senaõ a manchára com a nodoa da injusta morte de seu tio o Infante Duque D. Pedro, ainda que nós com razaõ podemos desculpallo com a pouca idade, e com a força dos sugestores poderosos, a que naõ era facil resistir em annos taõ verdes.

FIM.

INDICE
DOS CAPITULOS.
LIVRO XXVI.

LI-

LIVRO XXVII.

LI-

LIVRO XXVIII.

LIVRO XXIX.